

# Comportamentos de Afirmação Homossexual

Volume II

## Apêndices e Anexos



Beatriz Fernandes Santos

Trabalho realizado sob a orientação de

Ana Maria Vieira

Leiria, setembro, 2016

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



## Índice

|  |     |
|--|-----|
| Apêndices .....  | 5   |
| Apêndice A- Guião de Entrevista .....                      | 7   |
| Apêndice B- Entrevistas .....                              | 9   |
| Apêndice B1 - Entrevista a Sónia .....                     | 9   |
| Apêndice B2 - Entrevista a Rui .....                       | 21  |
| Apêndice B3 - Entrevista a Fábio .....                     | 45  |
| Apêndice B4 - Entrevista a Fábria .....                    | 69  |
| Apêndice B5 - Entrevista a Will .....                      | 89  |
| Apêndice B6 - Entrevista a Gonçalo .....                   | 109 |
| Apêndice C- Quadros síntese.....                           | 131 |
| Apêndice C1 - Quadro Síntese da Entrevista a Sónia.....    | 131 |
| Apêndice C2 - Quadro Síntese da Entrevista a Rui .....     | 139 |
| Apêndice C3 - Quadro Síntese da Entrevista a Fábio.....    | 147 |
| Apêndice C4 - Quadro Síntese da Entrevista a Fábria.....   | 157 |
| Apêndice C5 - Quadro Síntese da Entrevista a Will.....     | 167 |
| Apêndice C6 - Quadro Síntese da Entrevista a Gonçalo ..... | 175 |
| Anexos .....   | 183 |
| Anexo A - Lei n.º 7/2001, de 11 de Maio .....              | 185 |
| Anexo B - Lei n.º 1/2004, de 24 de Julho .....             | 187 |
| Anexo C - Lei n.º 9/2010, de 31 de Maio .....              | 189 |
| Anexo D - Lei n.º 2/2016, de 29 de Fevereiro .....         | 191 |



## **Apêndices**

---



## Apêndice A- Guião de Entrevista

| Guião de entrevista semiestruturada |  |
|-------------------------------------|--|
| Origens                             | <ul style="list-style-type: none"><li>- Onde nasceu (meio rural ou citadino)</li><li>-De que forma o meio onde nasceu afetou o seu percurso social, familiar</li><li>- Ambições dos pais em relação ao seu futuro</li></ul>  |
| Trajectoria Familiar na Infância    | <ul style="list-style-type: none"><li>-Constituição da sua família</li><li>-O seu relacionamento com a família</li><li>-Acontecimentos marcantes no seio familiar (perdas, divórcios)</li></ul>  |
| Trajectoria Escolar/Profissional    | <ul style="list-style-type: none"><li>-Nível de escolaridade alcançado</li><li>-Profissões que desempenha ou desempenhou</li><li>-Aspirações de antes e do agora</li><li>-Reflexão sobre a realização profissional</li></ul>   |
| Orientação sexual                   | Relativamente à sua homossexualidade: <ul style="list-style-type: none"><li>-Quando constatou</li><li>-De que forma reagiu para si mesmo´</li><li>-De que forma reagiu perante os outros (família, amigos, colegas de escola/trabalho)</li><li>- Afirmação porquê – geral/ amigos/família</li><li>-Se não há afirmação porquê?</li><li>-Hoje como olha para a sua orientação sexual (igual ou de forma diferente)</li><li>- Arrepende-se de alguma escolha/situação?</li></ul> |
| O Social                            | <ul style="list-style-type: none"><li>-O seu grupo de pares sabe da sua orientação sexual?</li><li>- Quais as orientações sexuais do seu grupo de pares?</li><li>-A sua orientação sexual já afetou ou afeta a sua vida social? Como?</li></ul>  |

|                           |  |
|---------------------------|--|
|                           | -Sente-se realizado socialmente e relacionalmente?   |
| Vida pessoal e relacional | <ul style="list-style-type: none"><li>- Encontra-se num relacionamento?</li><li>- Que tipo de relacionamento (homossexual, heterossexual, outro?)</li><li>-Quem tem conhecimento do seu relacionamento?</li><li>- Quem tem contato direto com o seu relacionamento?</li><li>- Como é vivido o seu relacionamento em espaços sociais?</li><li>-Há diferenças no viver da relação em casa e no contexto social? Quais? Porquê?</li><li>- De momento sente-se realizado emocionalmente?</li></ul> |

## **Apêndice B- Entrevistas**

### **Apêndice B1 - Entrevista a Sónia**

Sónia – 22 anos, Cova-Gala (Figueira da Foz), bissexual. A entrevista foi realizada, na zona beira-mar da Cova-Gala, local de residência e no qual a entrevistada se sente confortável e era o local mais prático para a mesma. Entrevista realizada a 30 de janeiro de 2016.

Investigadora- antes de mais, gostava de te agradecer pela participação e disponibilidade aham e gostava então de começar pelas tuas origens, fala-me um bocadinho de onde é que tu és, idade, o teu contexto...

Entrevistada – então eu sou da Cova-Gala (Figueira da Foz), tenho 22 anos e basicamente é... não sei o que é que hei-de dizer em relação a isso... (risos) o que é que tenho de dizer mesmo... não estou a perceber muito bem o contexto...

Investigadora- pronto, por exemplo em relação à tua família como é que é composta a tua família? Aquela mais nuclear...

Entrevistada – tenho 3 irmãs, ahh, vivo com a minha mãe e o meu sobrinho, e tenho mais 3 sobrinhos, 2 meninas e 1 menino, ou seja tenho 4 sobrinhos e só vivo mesmo com a minha mãe e o meu sobrinho, porque ahhh, umas das minhas irmãs que é a mãe do Martim, que é quem vive comigo ah tens alguns problemas e está presa. E pronto tem sido um bocadinho difícil mas temos que lutar.

Investigadora- e como é que é a relação com “com essa gente toda”? (sorriso) é uma boa relação, interacionas com todos?

Entrevistada – é assim é por momentos e pelas fases das nossas vidas... ahhh, dou-me muito bem com a minha mãe e com a minha irmã que vive mais perto... com a minha irmã mais velha que vive em França dava-me super bem com ela, era a minha melhor amiga mas as coisas mudaram principalmente, ela foi para lá as coisas a partir daí mudaram mas depois que ela soube de alguns pontos da minha vida as coisas começaram a mudar um bocadinho, mas... em relação aos meus sobrinhos tenho uma relação muito boa com eles, sou tia, sou irmã, sou amiga, sou mãe sou tudo o que possas

imaginar e pronto é mais por aí e tenho o meu avô que não é avô é tipo avô emprestado não é de sangue também tenho uma relação espetacular com ele.

Investigadora – então e há assim na tua família, ou naquilo que tu tens vivido alguma situação marcante como divórcio ou alguma morte, alguma perda que realmente significou muito e que possa ter afetado a tua personalidade, e o teu modo de ver e ser perante a vida?

Entrevistada – eu sempre fui muito, sempre tive uma personalidade muito forte desde sempre mesmo aham mas o facto de os meus pais se terem divorciado à cerca de 12 anos também me mexeu um bocadinho comigo e o modo de ver e de pensar nas coisas aham... o facto da relação que os meus pais tinham não era muito boa, o meu pai batia na minha mãe, batia nas minhas irmãs e isso fez-me ter outra visão, que é mesmo assim, aham sei lá, nós sempre passamos muitas dificuldades financeiras e então quando o meu pai se foi embora ainda pior porque a minha mãe estava desempregada e foi mesmo muito difícil. A minha irmã, uma das minhas irmãs que é a mãe do Martim ah teve que deixar de estudar para eu poder continuar a estudar talvez também tenha sido um ponto de viragem na vida dela “pra” ela ter tipo a vida que teve e que levou, ter-se posto na droga e fazer roubos e etc. ah mas essas coisas todas, fizeram com que eu, com que eu seja como sou, sou lutadora, tento tento ter as coisas que quero mas com luta mesmo minha, não peço nada a ninguém, a minha mãe tem dificuldades eu sou a primeira pessoa a ajuda-la, nunca peço dinheiro à minha mãe por exemplo, se ela precisar sou eu que lhe dou e pronto é muito por aí

Investigadora- aham então e neste momento a nível da tua formação e dos teus estudos estás em que área?

Entrevistada – estou em deporte, ahh, mais ligada ao fitness e(eee) estou no 3º ano também já a terminar mas quero tirar um mestrado em deporte adaptado.

Investigadora- é essa a tua perspetiva de futuro para já?

Entrevistada – sim, é...

Investigadora – e como é que neste momento aham, te relacionas com o teu pai, há algum tipo de relacionamento?

Entrevistada – ahah, até à uns meses atrás era... melhor, eu sempre tentei ter uma relação com ele mas um mês falávamos, vá não todos os dias mas dia sim dia não, ah outros meses ele basicamente não queria saber... atualmente ele há cerca de um mês veio, ele está nos Açores, veio ao continente e(ee) ele esforçou-se para estar comigo foi muito bom para mim porque eu já, já não imaginava ter qualquer tipo de relação com ele e neste momento até tenho uma relação muito boa com ele e falamos ah muitas vezes, ele preo...vê-se que se preocupa comigo e eu com ele e antigamente isso não acontecia.

Investigadora – portanto neste momento pode-se dizer que tens uma boa relação?

Entrevistada – sim, agora sim.

Investigadora- aham então e agora começando a entrar nuns assuntos mais íntimos, qual é que é a tua orientação sexual?

Entrevistada – eu sou bissexual

Investigadora – ok e quando é que tiveste noção de, dessa tua orientação?

Entrevistada – há cerca de 5 anos mais ou menos (aos 17 anos), eu namorava com um rapaz mas sempre me dei muito bem com as raparigas e havia uma rapariga, e ela mandava-me umas mensagens um bocado estranhas e eu sentia-me tipo bué intimidada até que a Lena que é a minha atual namorada ajudou-me e incentivou-me basicamente a estar com essa rapariga porque, para eu perceber aquilo que queria e sentia naquele momento vá, basicamente, ahh, tive com a rapariga ah, mas as coisas até correram um bocadinho bem mas não, não senti que era aquela rapariga que eu queria. Então passado mais ou menos 3 semanas comecei a namorar com a Lena. (risos) foi basicamente isso.

Investigadora- e de que forma é que tu reagiste quando te apercebeste disso? O que é que sentiste quando percebeste que a tua orientação não é a mais comum, que é a heterossexual?

Entrevistada – eu no momento eu só pensava o que é que a minha mãe poderia achar porque sempre disse que... se a minha mãe não gostasse, por exemplo o facto de eu namorar com a Lena, eu não namorava, deixava a Lena completamente para trás e era a minha mãe que importava por tudo aquilo que ela já sofreu mas ela e os meus primos, sei lá tive sempre aquele receio que não aceitem bem o facto de eu namorar com uma rapariga sei lá mas a partir do momento que, depois houve várias situações mas a partir do momento em que eu percebi que a minha mãe aceitava e que os meus sobrinhos também aceitavam que não se estavam a importar com nada disso epá eu não quis saber e enfrentei tudo e todos.

Investigadora- aham e esse enfrentar tudo e todos como é que foi?

Entrevistada – no início foi um bocado difícil ahh, o facto de as pessoas tipo olharem para mim e para a Lena, e do género tipo apontarem o dedo epa isso mexe um bocado comigo e só me apetecia tipo mandá-los para outro lado mas eu tinha que deixar andar, é a minha vida as pessoas não têm nada a ver com isso! Eu faço aquilo que quero e elas não me dão nada a mim e eu não tenho que lhes dar nada a elas... que é mesmo assim... mas lá está é sempre difícil teres os olhos postos em ti nessas situações. Mas pá, se calhar o mais difícil mesmo foi depois a, a, enfrentar o resto da família, tipo o meu avô, a minha irmã, a minha irmã mais velha... foi mesmo o mais difícil. O sentimento de tristeza por saber que eles eram contra e sei lá mas outros tinham um sentimento de felicidade porque estava com uma pessoa de quem gostava.

Investigadora- então neste momento toda a toda família sabe? Mesmo o teu pai?

Entrevistada – sim, mesmo o meu pai. Na altura, ele não soube logo, ele só soube passado “pai” 2 anos de eu estar com a Lena e até foi porque viu umas publicações no facebook e depois perguntou: então que comentários são com aquela rapariga? E eu disse: é a minha namorada, tu tens um irmão que é gay e eu... tenho uma namorada! Se aceitas, aceitas, se não aceitas é igual para mim. Depois ele disse depois

até na altura que me apoiava bastante e que aceitava bem e não sei quê, mas passado uns meses ele começou me a atirar à cara que importava-me mais com a “minha amiga” ((expressão realçada fisicamente)) do que propriamente ele e não sei quê e pronto isso magoou-me um bocadinho mas depois, não é que a minha irmã tenha muito a ver com isso mas ela defendeu-me bastante nessa altura.

Investigadora- então e na altura decidiste- te afirmar, contar, e explicar as situações todas que referiste e de namorar com uma rapariga porquê?

Entrevistada – não fui eu propriamente que contei. Ah, basicamente isto chegou aos ouvidos da minha mãe por pessoas. Antes de chegar aos ouvidos da minha mãe eu já era assunto na cresce do meu sobrinho, ah e depois lá está, chegou aos ouvidos da minha mãe e a minha mãe ligou-me: então não sei quê, onde é que estás? E eu: estou em casa da Lena. E ela: anda já para casa porque preciso de falar contigo. E confrontou-me e eu na altura até desmenti tudo. Mas depois, passado uma semana a minha irmã mais velha ligou à minha mãe e disse: então a Sónia anda metida com a Lena? E não sei quê...e tipo a minha mãe chegou a casa chamou-me e disse: ah já sei que tu e a Lena namoram. E eu comecei a chorar baba e ranho, a Lena estava no meu quarto e depois eu assim: ah sim eu queria-te contar mas tinha medo da tua reação e a minha mãe só disse: não tens de estar a chorar! Eu apoio-te não tens de estar assim.... E foi um bocado mau, lá está ela não soube por mim, e se calhar se tivesse sabido por mim na altura, por um lado teria sido diferente e ela não tinha aceitado tão bem, não sei, sinceramente não sei, “tou” a supor mas como soube pela minha irmã mais velha e(eee) a minha irmã mais velha é assim um bocado destrambelhada da cabeça e a minha mãe tipo deve ter pensado bem nas coisas e falou muito bem comigo e aceitou bem as coisas mas lá está assim que a minha mãe soube eu não tive problemas nenhuns em enfrentar o resto das pessoas. Já andava de mão dada com a Lena na rua e etc.

Investigadora- portanto o mais importante para ti era a aceitação por parte dos que te eram mais próximos? É Isso?

Entrevistada – perante a minha mãe principalmente...

Investigadora- dos outros tornava-se indiferente?

Entrevistada –exatamente

Investigadora- então tu vais na rua com a Lena e dás a mão? Há troca de carícias e mostra de relacionamento sem qualquer problema?

Entrevistada – aqui, aqui na terra nem tanto porque sei lá não, não é por mim mas la está eu gosto de respeitar as outras pessoas e(ee) eu sei que não é por dar um beijo ou dar a mão que vou estar a desrespeitar mas há pessoas que não têm uma mente, sei lá, tão atual entre aspas...ahhh, e então tipo, eu entendo que tenho que respeitar o, a parte delas mas por exemplo na Guarda, que é onde eu estou a estudar, “tou” completamente na boa! É uma população muito mais jovem, que por norma aceita mais esta realidade e não sei quê e por isso aqui nem tanto mas na guarda sim. Por norma ando sempre de mão dada com a Lena e...

Investigadora- então estás na universidade e quando “tás” lá fazes uma vida de casal normal sem qualquer limitação?

Entrevistada – sim

Investigadora- então os teus colegas de universidade também sabem, turma, etc.?

Entrevistada – colegas, professores, tudo...

Investigadora- e nunca houve qualquer tipo de problema?

Entrevistada –não os professores até reagem muito bem... tenho um professor que, que foi logo o primeiro dia de aulas que tivemos ah e ele estava tipo a perguntar: que idade tens, vens de onde, não sei o quê e depois num momento de brincadeira perguntou namorado? e perguntou tipo ao rapaz namorada, mas depois no meio lembrou-se e voltou a trás e disse: namorado ou namorada? E no momento em que chegou à Lena, porque ela estuda comigo a Lena disse namorada, mas o professor não ouviu então quando chegou à minha parte ele disse: namorado ou namorada? E eu disse namorada e ele olhou assim para mim (exemplifica um olhar de intrigado) .... Hum muito bem (disse o professor). E foi basicamente isso... depois os meus colegas depois dessa aula chegaram ao pé de mim e disseram: tu disseste que tinhas namorada? E eu

disse que sim tenho e ela esta aqui mesmo ao meu lado, e eles: hum estás a brincar, não estás? E eu disse: não eu estou a falar a serio e eles: oh não estás nada e não sei que mais. Eu disse: estou! E até lhe dei um beijo para eles verem que era mesmo real e pronto... mas lá está aceitam-nos muito bem, claro que há sempre aqueles olhinhos e aquelas boquitas e não sei o quê mas isso é desprezado, hoje em dia já não “tou” para confusões nem nada disso...

Investigadora- então nunca foste atacada, verbalmente ou mesmo fisicamente, por ninguém assim na rua ou uma situação constrangedora?

Entrevistada – verbalmente já fui atacada e nem sequer conhecia as pessoas e ainda pensei duas vezes em, era um rapaz, e eu ainda pensei duas vezes, a Lena é que disse: opa caga nisso anda para a frente, nem o conheces e não sei o quê! E eu pronto desprezei e pronto continuei com a minha vida, mas fisicamente isso não, nada...

Investigadora- mesmo aqui na Gala isso nunca te aconteceu?

Entrevistada – não, até agora não. Senti um bocado mais tipo, ahhh, opá como é que eu hei-de explicar, não era atacada mas o meu avô pressionava-me um bocado psicologicamente em relação a isso, mas agora já está tudo bem.

Investigadora- então e quando saís com o teu grupo de amigos qual é que maioritariamente a orientação sexual deles?

Entrevistada – isto é assim... eu tenho vários grupos de amigos e nem sempre saímos todos juntos, todos, vá todos os grupos juntos. Tenho um grupo em que tenho bissexuais e lésbicas mesmo, ahhh e tenho depois um grupo que são heterossexuais mas ahhh, sei lá, quando, acontece vá quando um faz anos e não sei quê, juntamo-nos todos e mas lá está tipo(ooo) e depois há pessoas que se dizem héteros e não são héteros e nós já sabemos disso há muito tempo... mas sei lá tenho um grupo de héteros e tenho outro grupo de bissexuais e lésbicas basicamente.

Investigadora- mas quando há necessidade de se juntarem todos e se relacionarem não há qualquer entrava?

Entrevistada – não

Investigadora- aham e agora indo um bocadinho ainda mais intimo. Aham quando é que então tiveste a primeira experiência sexual?

Entrevistada – com rapariga?

Investigadora- com rapariga ou com rapaz...

Entrevistada – é assim tive uma experiência sexual com um rapaz “prai” sei lá com os meus 19 anos, não mentira, mentira, com os meus 17 anos, sim 17 anos. Mas não tipo, não foi mesmo aquela cena de intimidade e não sei o quê. Ah... depois com rapariga foi passado um mês de começar a namorar com a Lena. Mas lá está tipo “pra” ser direta mesmo eu perdi a minha virgindade com a Lena.

Investigadora- e depois de realmente teres perdido a virgindade o que é que sentiste? Sentiste que estavas errada? Feliz, sentiste-te bem, sentiste-te mal? Que pensamentos é que te vieram à cabeça?

Entrevistada – senti-me a melhor pessoa do mundo mesmo, foi espetacular mesmo... fazer o que fiz com a pessoa de quem gosto ah, não importa se era rapariga ou se era rapaz, o facto de eu gostar dela era o mais importante, foi mesmo muito significativo para mim.

Investigadora- aham e depois da Lena, depois da Lena não porque estás com ela atualmente não é?

Entrevistada – sim

Investigadora- e neste momento como é que descreverias a tua relação?

Entrevistada – de 0 a 10?

Investigadora – pode ser

Entrevistada – 8

Investigadora- e consideras que tiveste a experiência com um rapaz e agora com uma rapariga. Podes fazer algum tipo de comparação ou diferenciação?

Entrevistada – posso... ah... tipo há rapazes e rapazes lá está. Tipo há rapazes bué carinhosos e não sei o quê mas tipo eu acho que uma rapariga é sempre mil vezes mais carinhosa do que um rapaz, independentemente de ter uma personalidade de merda às vezes não quer dizer tipo, não quer dizer nada... a Lena tem uma personalidade difícil mas é super carinhosa comigo e opá na minha opinião foi mil vezes melhor com a Lena do que com um rapaz.

Investigadora- e manténs contacto com esse rapaz?

Entrevistada – mais ou menos. Ah, não mantenho tanto porque çá está eu raramente venho à zona da Figueira (da Foz) e Coimbra e ele era de Coimbra ah, mas tipo sempre que é preciso falar, é preciso entre aspás, opa falamos, não ah, já não tenho contato “memo” pessoal mesmo há bastante tempo mas falamos bastante vezes por mensagens não sei o quê...

Investigadora- e ele sabe que tu namoras com uma rapariga?

Entrevistada – sim.

Investigadora- e como é que foi para ele saber que depois de namorar com ele estavas a namorar com uma rapariga?

Entrevistada – eu acho que ele achou um bocado estranho ah... mas na altura tipo disse: ah estou muito feliz por ti, não sei o quê... mas eu acho que sentimos sempre aquela coisa de fogo, fui trocada tipo já é difícil se, eu falo por mim, já era difícil ser trocada por outra rapariga, imagina tipo eu ahhh sei lá... ele devia ter pensado: “fodasse” fui trocado por uma gaja meu... deve ter sido, deve ser sei lá, deve ser bué difícil, não sei...

Investigadora- e foste tu que decidiste contar-lhe ou ele foi percebendo?

Entrevistada – não, ele foi percebendo... eu nunca tive a atitude de contar porque ele já não fazia parte da minha vida, assim basicamente íntima e sou amiga dele mas tipo na altura até nos chateamos e deixamos de falar só depois quando ele percebeu que eu namorava com a Lena é que veio falar comigo e a partir daí é que nos começamos a dar outra vez.

Investigadora- então e a pessoas, assim mais próximas e que não tenham conhecimento ou ainda não se tenham apercebido da tua relação com a Lena, tu tomas a atitude de te afirmar, explicar, como é que, como perante uma pessoa que não saiba, como é que tu lidas com a situação?

Entrevistada – opa eu reajo normal, se eu tiver que dar um carinho à Lena, dou um carinho à Lena, ah mas nunca vou fazer nada propositadamente, ah sei lá, não estou a ver assim, tu estas a falar de uma pessoa que seja assim minha amiga mas que não sabe do meu relacionamento com a Lena?

Investigadora- sim

Entrevistada – eu acho que ninguém, neste momento não há ninguém que não saiba... por isso não sei...

Investigadora- então e se por exemplo estiveres imaginemos num café e “tiver”, estiveres com outras pessoas que não conheças assim tão bem e surge a conversa da homossexualidade e da bissexualidade a discussão e tu vês que as pessoas não estão a tomar a posição mais positiva ou mais condescendente. Que atitude é que tu tomas perante essa conversa?

Entrevistada – opa eu reajo normalmente, dou a minha opinião, dou o meu exemplo mas nunca tipo, nunca parto para tipo agressão verbal nem nada disso, porque não vale a pena, cada um tem a sua opinião, tento mudar a cabeça de algumas pessoas em relação a isso porque não é nada de anormal mas se não querem isso já é problema deles e eu não vou tipo... andar a lutar contra uma coisa que já sei que não, que não vai fazer a diferença.

Investigadora- então nesses casos optas por mostrar, ou revelar a tua vida e a tua relação de uma forma... como um exemplo para normalizar a, a conversa e a situação, é isso?

Entrevistada – ah lembrei-me agora! Afinal há pessoas que não sabem da nossa relação... as funcionárias das... nós vivemos numa residência e as funcionárias da nossa residência não sabem da nossa relação, mas também nós não... não também não contamos, não é por medo nem nada disso, simplesmente nos damos bastante bem com elas e não queremos que comecem a ter uma atitude diferente connosco. Porque houve uma vez, tenho uma rapariga amiga que também é lésbica e uma vez estava na brincadeira com elas a dizer: não sei quê, o que é bom é fazer sexo! E a senhora, a funcionária disse assim: desde que faças com uma rapaz por mim tudo bem! E eu aí ok, na altura até estávamos a pensar contar e eu assim, ok agora não vou contar, tipo estou quase a acabar o curso, não vale a pena estar a estragar uma relação com as funcionárias, que basicamente ali são as nossas mães por isto, porque eu depois nunca mais as vou ver na minha vida, percebes? É basicamente isso, de resto acho que toda a gente sabe, não tenho assim mais ninguém que não saiba.

Investigadora- então e hoje olhas para a tua orientação e sentes-te feliz, realizada?

Entrevistada – sim, bastante

Investigadora - sentes-te bem da maneira como vives a vida e a tua relação amorosa?

Entrevistada – sim.

Investigadora- pronto, olha eu acho que está tudo. Obrigada mais uma vez pela tua colaboração.



## **Apêndice B2 - Entrevista a Rui**

Rui – 25 anos, Figueira da Foz, homossexual. A entrevista foi realizada, na zona da esplanada da cidade, local no qual o entrevistado se sente confortável e era o local mais prático para a mesma. Entrevista realizada a 23 de janeiro de 2016.

Investigadora- Obrigada então mais uma vez pela colaboração, e pela disponibilidade...

Entrevistado – Boa tarde!

Investigadora- ahm, no fundo aquilo que pretendo é uma reflexão e uma biografia, com algumas orientações minhas sobre marcos e passagens importantes da tua vida. Penso que o ideal será começar pelas origens... gostava que me falasse um bocadinho da tua origem familiar, do teu trajeto familiar, dos teus contextos,...

Entrevistado – tenho 25 anos, nasci na Figueira da Foz, sou figueirense nesses 25 anos sempre cá estive, aham... e foi tive uma vida normal... escola primária, secundário, básico antes...

Investigadora- sempre cá na figueira...

Entrevistado- sim, sim, sempre.

Investigadora- e os teus pais tinham perspetivas para a tua vida? Os pais criam sempre alguma ideia, alguma perspetiva os teus não?

Entrevistado – os meus queriam que estudasse, e tivesse bons resultados, nunca fui muito pressionado...

Investigadora- e tu nascendo numa cidade, sentes que isso afetou o teu crescimento, a tua socialização, o teu desenvolvimento...

Entrevistado - o que é que ia afetar? Não... não entendi...

Investigadora- se por exemplo, se achas que a tua personalidade e o teu ser, foi afetado pelo facto de seres de uma cidade em comparação com o contexto mais rural... se mudou alguma perspetiva...

Entrevistado – se a minha personalidade foi influenciada? Sem dúvida.... Eu sou uma pessoa de cidade não sou de campo.

Investigadora- porque é que identificas como uma pessoa de cidade e nunca como uma pessoa do campo?

Entrevistado - porque eu não gosto de coisas calmas, gosto de confusão, ahhh, gosto de ter sempre tudo à distância de uma caminhada ou tudo perto... não ter dificuldades em obter certas coisas básicas pa(ra) nós.

Investigadora- ainda a nível da tua relação familiar, a tua família é basicamente constituída por quantas pessoas?

Entrevistado - ah somos bués (muitos)

Investigadora- a família mais nuclear

Entrevistado - os meus pais, eu e a minha irmã...

Investigadora- a tua irmã tem que idade?

Entrevistado - 29

Investigadora- e tu tens então os 25...e como é que o teu relacionamento com a tua família? A relação que tu tens com a tua irmã, os teus pais...

Entrevistado - é familiar, é... é uma relação boa, forte, é uma família unida...ah, temos segredos como é obvio, não conto tudo aos meus pais nem à minha irmã, mas isso faz parte de mim, mas somos uma família unida, não somos... uma família pouco faladora, ou não sabemos, não contamos algumas coisas aos pais simplesmente, como é que eu hei-de explicar...

Investigadora- ou seja, tipo és uma pessoa que te sentes à vontade com a tua família, tens uma boa relação, falam do dia-a-dia, mas no entanto, claro que há coisas que acabam por ficar no íntimo de cada um...

Entrevistado - sim exato e claro, claro...

Investigadora- ahhh e sei lá algum, tiveste algum acontecimento marcante, ao longo do processo, do teu contexto familiar? Sei lá, divórcios ou mortes que marcaram ou que mudaram a tua forma de pensar a tua forma de ver, uma perspetiva....

Entrevistado - não sei a única morte que me lembro e que me marcou mais foi a morte do meu avô paterno, mas de resto não houve mais nada. Por acaso tive um percurso muito normal... opa só com algumas dificuldades financeiras, não muitas, sempre vivemos bem mas nem tudo é um paraíso como é óbvio... sentimos algumas dificuldades, mas sempre... nunca houve divórcios, nem na família direta nem primos e tias, nada...

Investigadora- então a tua mãe e o teu pai são cassados e são felizes?

Entrevistado - certo

Investigadora- e nunca houve qualquer desentendimento?

Entrevistado - sim há discussões mas...

Investigadora- mais do que isso nunca...

Entrevistado - não nunca

Investigadora- a nível da escola, portanto da tua infância, como é que decorreu a escola, foi um processo normal? Ahh, foi um processo que te tivesse marcado...

Entrevistado - não sempre fui um bom aluno, uma pessoa muito tímida, muito recatada ahhh pá, sofri um bocado de bullying, não vou dizer que não, fui por ser pequeno, baixo, frágil, (por usar) óculos, mais isso, mas sempre fui bom aluno nunca

tive, quer dizer... no 7º ano tive uma espécie de depressão em que chorava por tudo e por nada, em que marcavam um teste e eu desatava a chorar, só porque marcavam o teste. Eu queria começar a estudar e desatava a chorar, foi mesmo uma mini depressão, tive num psicólogo e tudo...

Investigadora- mas isso depois... ficou passada?

Entrevistado - depois controlou-se, sim.

Investigadora- depois chegaste, portanto fizeste esse percurso normal, digamos assim, e depois chegaste ao secundário, a uma altura de escolher um caminho...

Entrevistado - ah sempre soube que era ciências, sempre fui fascinado pelas ciências. Sou apaixonado pela dança mas... se calhar por influências externas nunca segui muito profissionalmente mais como *hobbie*, mas sempre fui apaixonado pelas ciências também.

Investigadora- e depois acabaste o secundário então na área de ciências e como é que foi a passagem para o meio universitário?

Entrevistado - foi, foi difícil, não é uma mudança fácil do secundário para a universidade. Primeiro fui para um curso que não era a minha primeira opção...

Investigadora- qual é que era a tua primeira opção?

Entrevistado - bioquímica

Investigadora- e entraste em...

Entrevistado - engenharia química, mas (es)tive lá um ano porque disseram-me que era um curso com mais saída e blá, blá, blá que até podia gostar, blá, blá, blá... Aguntei-me lá um ano, no final do ano apercebi-me que não. Queria mesmo bioquímica... ah, foi um ano em que cresci muito, em que criei uma outra personalidade, em que me assumi muito como pessoa, ah e foi isso também que me ajudou a mudar de curso, se aptasse pelo fácil continuava naquele curso.

Investigadora- então e que mudanças é que achas que foram assim... mais marcantes a nível da personalidade?

Entrevistado- não tenho, nenhum momento marcante

Investigadora- não, não, mas, quando disseste que foi um momento, a entrada na universidade foi um momento em que mudaste a tua personalidade, portanto esse contexto fez-te mudar a tua personalidade em que sentido? O que é que mudas-te? O que é que alterou em ti?

Entrevistado- foi o esse ano todo, tive de ser mais autónomo

Investigadora- ahh mais uma espécie de crescimento, amadurecimento é isso?

Entrevistado- sim sim, exato eu era uma pessoa mais pacata, agora deixei de ser tanto... (uma pessoa) mais tímida deixei de ser tanto, sou quando estou em ambientes novos, já não sou tao tímido como era dantes, quando era criança/adolescente, mais por aí, cresci, amadureci!

Investigadora- e quando entraste então no curso que desejavas, que aspirações, realmente, tiveste?

Entrevistado- sou muito de objetivos diretos, o objetivo naquele momento era acabar o curso, tirar boas notas e acabar o curso. Nunca pensei no futuro.

Investigadora- ok ias vivendo, fazendo um passo de cada vez...

Entrevistado – sim, sempre fui assim e ainda sou...

Investigadora- ok. E neste momento como é que está a tua situação profissional?

Entrevistado- a minha situação profissional, neste momento? Está complicada ((riu-se)).

Investigadora- porquê?

Entrevistado – porque não há nada diretamente na minha área, e tive que me aventurar sozinho e fazer outras coisas.

Investigadora- e neste momento? Estas a desempenhar o quê no meio profissional?

Entrevistado- de momento estou a trabalhar com o marketing direto. E a fazer... apresentar serviços

Investigadora- e sentes-te feliz de momento em relação a isso?

Entrevistado- neste momento sinto-me, estou um bocado assustado porque ganho à comissão e posso não ganhar, não conseguir todo o dinheiro que necessito para sobreviver, mas sinto-me bem, porque acredito que sim consigo. Posso ter aquele medo por trás mas no fundo acredito que consigo.

Investigadora- mas, tu estas a desempenhar essa função não é aqui na figueira pois não?

Entrevistado- não, é em Lisboa.

Investigadora- ah ok. Então e sendo em Lisboa, sentes, também esse meio social acaba por ser diferente do que a Figueira (da Foz), está te a afetar? Onde que isso (esta mudança de cidade) está a afetar a tua vida pessoal?

Entrevistado- na minha vida pessoal? Neste momento não tenho grande vida pessoal, mais porque trabalho muitas horas ao dia. Estou muitas horas do dia fora de casa e não tenho muito tempo para socializar, mas continuo a manter os meus amigos mais próximos, a falar com a minha mãe principalmente, todos os dias. Ah mas sou uma pessoa muito social e se não o fizesse todos os dias, batia mesmo mal. Felizmente no meu trabalho também socializo com muita gente, falo sempre com muita gente portanto não é, não é complicado manter isso...

Investigadora- ou seja mesmo em horário de trabalho acabas por sentir que não, que a tua vida pessoal, por muito que estejas dedicado ao trabalho também acabas

sempre por ter uma vertente mais social e mais dinâmica, não estás tão fechado na tua profissão.

Entrevistado- sim sim sim, não me estou a isolar, nem...

Investigadora- agora batendo num tema um bocadinho mais íntimo, ah, a tua orientação sexual é?

Entrevistado- homossexual.

Investigadora- e desde quando é que tiveste essa perceção?

Entrevistado- ((inspira)) 15 aninhos, 14/15 anos mais ou menos...

Investigadora- como é que surgiu essa perceção?

Entrevistado – shhhhh, aquele rapaz lindo da turma que brincava contigo e(eee) éramos bué (muito) amigos e tu gostavas quando ele brincava contigo e te fazia cócegas e não percebias porquê.

Investigadora- e foi fácil para ti pensares nessa hipótese? Ou seja, quando se calhar começaste a pensar que, que gostavas de estar com ele se calhar... o que é que sentias? Sentias que era algo diferente? Que era algo que as outras pessoas também sentiam? Ou que realmente se destacava qualquer coisa?

Entrevistado- eu não sabia muito na altura, tipo foi a primeira vez que tive esse tipo de experiência porque.... Até porque até lá sempre me ensinaram que devia gostar de mulheres. E aquilo que eu pensava que era gostar de uma mulher, não era, porque comecei a sentir isso ao gostar de um homem.

Investigadora- desse mesmo rapaz da tua turma?

Entrevistado – não, não, não percebi isso com esse. Percebi algo de diferente com esse, mas não essa a primeira pessoa de quem gostei mesmo. Foi mais físico.

Investigadora- essa pessoa simplesmente então despertou um pensamento relativo a isso é isso?

Entrevistado- sim sim é isso.

Investigadora- aham, então e depois de teres essa percepção, realmente sentiste o quê? O que é que sentiste ao perceber que, que te ensinaram a fazer uma coisa, que era gostar de mulheres mas que na realidade não era bem isso que te estava a acontecer?

Entrevistado- nunca tive aquela fase assustada.

Investigadora- aquela quê?

Entrevistado- fase assustada. Achei estranho tive curiosidade e(eee) depois foi por exploração e ((espaço de silêncio)) o que me fez mais perceber foi, (em sussurro) ai isto aqui é bué... foi o momento em que estava a ver vídeos pornográficos, vídeos pornográficos héteros (heterossexuais) e haviam umas cenas que me excitavam mais que outras, que eram as cenas em que se via, em que aparecia mais pila e foi aí que eu entendi que se calhar, eu não gostava de vagina (risos de ambas as partes)

Investigadora- (risos) e nesse momento em que tu constataste esse facto, o que é que pensaste, deu-te um clic?

Entrevistado – não, eu comecei a ver vídeos pornográficos gay's para saber se era verdade.

Investigadora- e constataste que era verdade?

Entrevistado- e constatei que era um facto.

Investigadora- e a partir daí, portanto, em relação a outras pessoas tu geriste isso como? Tu guardaste para ti? Tentaste...

Entrevistado- ao início sim, ao início quando era um a duvida sim. Depois quando tive mais certezas ou melhor, se calhar quando estava ainda com algumas dúvidas contei à minha melhor amiga na altura. Mas foi só isso.

Investigadora- e o que é que sentiste da parte dela, reações ou...

Entrevistado- ah ela foi espetacular.

Investigadora- nessa altura já tinhas que idade?

Entrevistado- 16

Investigadora- ah portanto só tinha passado ainda um ano desde...

Entrevistado- ah foi tudo muito rápido!

Investigadora – e portanto essa amiga de certa forma foi o teu ponto de desabafo e de apoio me algumas situações? Portanto não foi só aquele desabafo mas depois acabou por te acompanhar?

Entrevistado- sim sim... ao início sim.

Investigadora- e mais, além dessa amiga. A nível familiar alguém sabe? Pelo menos da família mais nuclear que descreveste à bocado?

Entrevistado- a minha irmã confrontou-me quando eu tinha 16/17 anos e perguntou-me diretamente se eu era gay e eu disse que sim e depois perguntou-me se era uma fase e eu disse que não.

Investigadora- sim, em relação até à (ideia) de fase, nunca pensaste que isto poderia ser só algo passageiro? Tiveste sempre a certeza?

Entrevistado- não, nunca me passou pela cabeça isso, porque ser uma fase nunca foi opção para mim. Nunca, nunca pensei sequer que poderia ser uma opção.

Investigadora- assumiste como algo próprio teu? Da tua personalidade e daquilo que tu és?

Entrevistado- Sim!

Investigadora- então e a tua irmã, de que forma é que reagiu quando teve a confirmação?

Entrevistado- ela à minha frente reagiu bem mas eu sei que ela tem muito preconceito, ou tinha na altura muito preconceito por trás dela, então não gostou muito. ((tom mais sentido e pesado)) mas à minha frente reagiu bem...

Investigadora- nunca, nunca te fez sentir mal, nem nunca te desamparou embora tivesse uns pensamentos um bocadinho diferentes daquilo que tu eras, é isso?

Entrevistado- sim sim exato.

Investigadora- então e o teu pai e a tua mãe?

Entrevistado- não sabem! Não vão saber tao rápido e não sei se algum dia irão saber, tudo depende do meu futuro e de como eu estiver no futuro.

Investigadora- mas tu no início à bocado, referiste que eram uma família, pronto que se relacionavam bem...

Entrevistado- nós damo-nos bem, mas eu vejo a minha vida pessoal como pessoal! Não tem a ver com os meus pais, é a minha vida pessoal, só me diz respeito a mim.

Investigadora- então e se a tua irmã nunca te tivesse confrontado? Também se calhar nunca lhe terias contado?

Entrevistado- não sei, talvez tivesse dito porque houve uma altura em que eramos muito amigos, então acabaria por saber na mesma.

Investigadora- mas lá está com os teus pais preferes não optar por essa via. Mas porquê? Alguma coisa em concreto?

Entrevistado- não, porque sei que os ia magoar, e eu não os quero magoar, para que é que eu ia magoar?

Investigadora- mas achas que eles iam ter uma reação negativa? E ia ser complicado de aceitar?

Entrevistado- claro que sim! E se calhar, o(ooo) mais difícil nem era ter reação negativa, se calhar não tinham uma reação negativa à minha frente mas sei que lhes ia remoer por dentro, ia magoá-los, pior ainda e eu não quero isso, não tenho necessidade disso.

Investigadora – e tens noção de que visão é que eles têm relação à homossexualidade? Portanto é um assunto que vocês falam em casa de outras pessoas?

Entrevistado- o meu pais não, não, tudo não. Não gosta, não aceita, não percebe, não entende, é tudo uma nojice. A minha mãe, (diz ou pensa) ah deixa-os estar lá no seu canto. Não me importo mas deixa-os lá estar no seu canto.

Investigadora – então os teus pais realmente não.. não iriam compreender é essa a noção que tens da parte deles e portanto iria ser difícil, e é por esse motivo que preferes não....

Entrevistado- sim ah, ah, eu sei que não vou ter nenhuma realização maior por contar-lhes. A minha vida pessoal vai ser exatamente a mesma, a minha vida pessoal eu consigo vivê-la sem estar dependente dos meus pais portanto não ia mudar nada em mim tanto é que eu lhes ia mudar o que eles sentiam, para que é que eu os ia magoar? Não tem sentido...

Investigadora – então não sentias qualquer tipo de realização pessoal ou gosto

Entrevistado- não vou considerar como uma certeza, se calhar até sentiria mas acho que não, acho que não ia mudar assim nada.

Investigadora- o facto de eles não saberem essa parte de ti...

Entrevistado- o facto de não saberem obviamente estou-lhes a esconder algo importante para mim mas... eu prefiro estar a esconder isso do que estar a magoá-los.

Investigadora- ok então e em relação a outros amigos...

Entrevistado- os meus amigos sabem quase todos

Investigadora- e como é que sabem?

Entrevistado- sabem porque eu já estou resolvido o suficiente para não ter vergonha disso... são meus amigos

Investigadora- portanto mas fazes questão, de por exemplo conhecer uma pessoa enquanto amiga e ao fim de algum tempo esclarecer essa situação ou...'

Entrevistado- não hoje em dia percebe-se, hoje em dia a maior parte deles percebem. Se realmente são meus amigos e passam algum tempo comigo eles acabam por perceber sem perguntar nada sequer

Investigadora – acontece de uma forma mais natural e espontânea é isso?

Entrevistado- sim, hoje em dia sim...

Investigadora- aham, então e porque é que perante os teus amigos estas mais à vontade e não tens esse receio e aliás acaba por se notar como tu próprio disseste e não te importa que os teus amigos notem?

Entrevistado- porque amigos não têm por que me julgar... não... os meus amigos, se são meus amigos não me vão julgar por isso os meus pais podem me julgar mas não deixam de ser família. Os meus amigos se me julgam deixam de ser amigos, os meus pais se me julgam não, deixam de ser a minha família

Investigadora – portanto tu sempre tiveste uma visão muito aberta da tua homossexualidade, como disseste à bocado...

Entrevistado- não sempre não...

Investigadora – então?

Entrevistado- eu tive muito medo! Quer dizer... aceitei-a (a homossexualidade) para mim próprio mas tinha muito medo de a mostrar, principalmente no secundário. No secundário quando se começou a perceber, aí foi horrível! Sofri muito de *bullying* principalmente no 12º, houve uma fuga de informação digamos assim e sofri muito.

Investigadora – o que é que acontecia? O que é que te faziam? O que é que te diziam?

Entrevistado- havia bocas, risos... nunca levei porrada por ser gay, felizmente mas havia muitas bocas

Investigadora- e deixaste de ter amigos por causa de... por causa da tua orientação?

Entrevistado- sim, já me pediram desculpa mas sim

Investigadora – portanto haviam pessoas que eram tuas amigas e quando percebiam que eras homossexual optaram por não se relacionar contigo?

Entrevistado- sim

Investigadora- e hoje em dia, como é que o contacto com essas pessoas, se é que há contacto?

Entrevistado- é assim hoje em dia qualquer contacto que há com pessoas da minha escola secundária, é muito, muito diminuto. Dou-me muito pouco com pessoas do secundário. Ahhh mas já aconteceu virem-me pedir desculpas por se terem afastado.

Investigadora – e nessas alturas em que sofrias de bullying e eras atacado tu sentiste alguma necessidade de mudar ou que estavas a agir de uma forma incorreta, que era mau o que estavas a fazer, ou que a forma como tu eras era má?

Entrevistado- eu desejei ser hétero, era bem mais fácil. Desejei ser hétero! E se me dessem a escolha eu seria hétero. Para quê estar aqui a sofrer digamos assim, a passar por algo que tem muito preconceito neste mundo quando posso escolher não ter esse sofrimento e ter o mesmo amor? Se me dessem a escolher eu escolhia ser hétero. Tenho orgulho de ser gay? Tenho! Epá sou eu, é a minha pessoa nasci assim, sou assim.

Investigadora- e é essa a visão que tu tens hoje em dia da tua orientação sexual? (visão do orgulho gay)

Entrevistado- sim sim

Investigadora- ou seja, tu de certa forma és feliz da maneira como vives, mas se te dessem a outra opção tu agarravas?

Entrevistado- durante muito tempo disse que sim... hoje em dia não sei. Pensar nisso para quê? Se isso não vai acontecer... hoje em dia já não me incomoda o facto de ser gay portanto para que é que eu vou estar a pensar nisso... essas coisas isso não vai acontecer.

Investigadora- hoje em dia então no seio de amigos e de grupo, já não acontecem essas situações então de bullying não é?

Entrevistado- acho que não, não, não.

Investigadora- aham, arrependeste de ter contado a alguém? De alguma escolha? De alguma situação que tenhas vivido em relação à tua orientação?

Entrevistado- sim claro, arrependo-me de ter contado a algumas pessoas...pessoas que eu pensava que eram de confiança e depois acabaram por não ser, mas olha faz parte dos erros. E se calhar, arrependo-me por um lado mas por outro ajudou-me a crescer e a ver as coisas de outra forma e a assumir de peito cheio, para não

ter vergonha. Porque por um lado houve esse problema de contar a alguém depois contei à pessoa e a pessoa não era de confiança mas por outro tinha pessoas que eram de confiança e que estavam lá para me ajudar nessas situações e dizia – (NOME) tens de ter orgulho.

Investigadora- e esses, esses amigos que te dizem para, que tens de ter força e orgulho qual é a orientação sexual deles?

Entrevistado- a maior parte é hétero. A maior parte é hétero...

Investigadora- e mesmo tendo essa constatação acabam por te apoiar e...não te deixar de parte?

Entrevistado- sim, sim!

Investigadora- então e o teu grupo de amigos portanto o mais comum, maioritariamente é hétero?

Entrevistado- sim.

Investigadora- mas também tens amigos gay's?

Entrevistado- sim, tenho muitos amigos gay's mas a maior parte é hétero

Investigadora- e todos eles, ou pelo menos então grande parte sabem da tua orientação é isso?

Entrevistado- sim

Investigadora- e todos eles lidam bem? Aceitam? Apoiam e compreendem, etc.?

Entrevistado- sim, claro

Investigadora- aham ou seja neste momento a tua orientação, não te afeta diariamente, não é uma coisa que tu tanto tenhas medo.

Entrevistado- não! Afetar porquê? Então vou na rua olho mais para os homens do que para as mulheres... ((riso entre dentes)) mas opa havia de me afetar porquê? Sou uma pessoa como as outras.

Investigadora- já geriste dentro da tua cabeça então os pontos e as coisas... quer perante ti quer perante os outros?

Entrevistado- sim! Já, eu não ando na rua com vergonha, não ando na rua com medo pensem o que pensarem de mim, já não me afeta em nada

Investigadora- então e quando é que foi o momento em que realmente tiveste a confirmação e a verificação, pensando agora no ato sexual, com que idade é que atingiste esse passo?

Entrevistado- em que quê? Percebi que gostava de homens?

Investigadora – não, a relação sexual com um homem...

Entrevistado-ah a relação sexual com um homem, ((riso envergonhado)) ahhh, digamos que o início não foi muito bom, porque(ee), eu tinha medo ao início, não sabia como ter esse passo. Queria muito ter esse passo e não sabia como e acabei por me virar muito para sites de engate.

Investigadora- isso com que idade?

Entrevistado- 16

Investigadora- ainda nos 16... e realmente uma pessoa que, como é que foi a tua primeira relação sexual, portanto foi com uma pessoa mais banal? Num relacionamento amoroso?

Entrevistado- foi com, não, foi um relacionamento puramente físico e sexual

Investigadora- ainda aos 16?

Entrevistado- sim

Investigadora – e como é que te sentiste? Portanto quando tu partes para o ato sexual é aí que tu tiras a confirmação ou já a tinhas tirado mesmo?

Entrevistado- já a tinha tirado! Já tinha tirado a confirmação, já sabia

Investigadora- o ato foi o culminar de tudo é isso?

Entrevistado- o acto foi... foi o acto não foi nada de específico. Foi a vontade de querer estar com um homem

Investigadora – e depois com é que te sentiste? O que é que pensaste? Estavas feliz? Estavas triste?

Entrevistado- foi estranho, quer dizer, foi a primeira vez que estive com um homem, foi estranho...não sabia bem como me sentir mas não deixei de dormir por causa disso. Pá senti como algo natural, não senti que fosse algo forçado, que fosse algo que não tivesse gostado, foi algo natural! Porque é uma coisa natural...

Investigadora- e não pensaste... não te vieram coisas à cabeça como: o que é que eu acabei de fazer? Isto não está certo? Ou o que é que os meus amigos vão pensar se eu lhes falar disto...

Entrevistado- se me passou pela cabeça que eu não devia ter feito aquilo e que se calhar devia estar com mulheres? Não! Isso nunca me passou pela cabeça... as mulheres saíram completamente da equação. O que eu podia estar me a julgar era pelo facto de ter tido sexo por sexo. Julmar-me-ia só a mim próprio, mas mesmo isso não, mesmo esse julgamento não durou muito tempo...

Investigadora – e portanto a nível social nunca... nunca puseste em pensamento depois do acto...

Entrevistado- em quê desculpa? (distração)

Investigadora- nunca puseste a situação social, o contexto social e o que é que as outras pessoas iam achar, quando tu falasses, o que é que iam pensar, dizer, nunca puseste isso...

Entrevistado- eu nunca contei a ninguém! Na altura.. não contava a ninguém que tava, que tinha tido relações sexuais ou que já tinha experimentado estar com um rapaz, não contei a ninguém..

Investigadora- foi algo que guardaste para ti?

Entrevistado- sim!

Investigadora – porquê?

Entrevistado- por vergonha, maioritariamente mas também porque não, não tinha necessidade de falar com ninguém, que precisasse de desabafar...

Investigadora- nem mesmo com a melhor amiga?

Entrevistado- com essa melhor amiga falava de alguém que eu gostava, isso a parte amorosa falava com ela agora parte física/sexual não tinha necessidade de falar com ninguém.

Investigadora – e essa vergonha que tu dizes que de certa forma dizes que te levou a guardar isso para ti, essa vergonha... era vergonha em que sentido? O que é que essa vergonha te fazia pensar?

Entrevistado- porque eu sabia que não era, especialmente na altura, não levava o encontro sexual casual como algo normal, se até hoje em dia não é normal, ainda tenho muitas vizinhas atrás a dizerem-me que não é normal... mas é a minha vida e faço o que quiser dela... mas na altura não! Na altura sentia que não era normal e que podia ser julgado por isso.

Investigadora- ou seja tu tinhas mais medo do julgamento pelo ato sexual simples, casual do que ter sido com um homem?

Entrevistado- sim, pelo acto sexual casual. Estranho não é? ((admiração do proprio entrevistado ao constatar algo que nunca havia pensado))

Investigadora – ok... e neste momento como é que é a tua vida amorosa, sexual e íntima...

Entrevistado- muito parada, muito parada... neste momento já sou capaz de... tenho mais relações do que... relações mais íntimas do que apenas casuais. São coisas... pode não ser algo amoroso, pode não ser amor, ou grande paixão mas já existe um respeito, tenho muito mais respeito... um respeito mutuo, e eu gosto mais quando existe um respeito mutuo. Mas neste momento mesmo está muito parado.

Investigadora- nunca tiveste então com nenhuma mulher? Sempre foi a vertente homossexual?

Entrevistado- nunca, nunca estive com uma mulher.

Investigadora- não tens qualquer tipo de curiosidade?

Entrevistado- nada.

Investigadora- nem sequer pensas como é que será? Como é que acontece?

Entrevistado- nada, se começo a pensar corre mal (riso)

Investigadora – porquê?

Entrevistado- porque acho nojo (risos)

Investigadora- portanto estás plenamente satisfeito com a tua orientação e a forma como a vives. Aham e como é que é nos espaços sociais? disseste que tinhas alguma intimidade com as pessoas que neste momento te relacionas intimamente, como é que é por exemplo voces acabam por combinar um café ou sair aqui ou acolá ou simplesmente é íntimo e acabou?

Entrevistado- não! Saio à rua vou beber cafés...passear... se há mostras de intimidade na rua? não! Também porque não depende só de mim, depende da pessoa com quem estou também, mas também não faz parte de mim mostrar grandes carícias na rua...

Investigadora- portanto vocês quando saem à rua, saem como dois amigos é isso?

Entrevistado- à vista externa é possível.

Investigadora- e nunca tiveste vontade de ir na rua e por exemplo dar a mão ou...

Entrevistado- claro, sempre

Investigadora- e não o fazes, claro pela parte da outra pessoa também é preciso alguma consideração mas se soubesses que a outra pessoa estaria à vontade, farias?

Entrevistado- se sentisse o conforto na outra pessoa eu também estaria

Investigadora- e não sentes receio de olhares? Ou de algum tipo de discriminação?

Entrevistado- podem me incomodar e se houver alguma resposta direta sim incomoda-me, incomoda-me de certeza, mas não vou deixar de viver por isso...

Investigadora- e deixarias de dar a mão ou....?

Entrevistado- não sei, acho que não

Investigadora – nunca te aconteceu uma situação dessas?

Entrevistado-não, nunca tive assim preconceito direto na rua...

Investigadora- então e neste momento, de uma forma mais global sentes-te satisfeito ou realizado da forma como vives a tua orientação?

Entrevistado- sim, sinto-me, sinto-me satisfeito. Não tenho problemas, vivo bem a minha vida. A minha vida pessoal está lá... não sei o que é que hei-de dizer mais.

Investigadora- simplesmente gostava que refletisses um bocadinho a forma como tu vives a tua orientação, se realmente estas satisfeito, o que é que mudavas em ti ou nos outros...

Entrevistado- a única coisa que eu podia mudar neste momento era realmente contar aos meus pais mas não sinto que seja necessário. vivo bem na mesma.

Investigadora- o que é que te leva então nos dias de hoje... conheces um amigo, o que é que te leva nos dias de hoje a afirmar ou a contar: olha não sei se já reparaste mas...o que é que te leva à tua afirmação perante outros, mais no contexto social, visto que a nível familiar...

Entrevistado- estar a sentir alguma coisa? Por outra pessoa? Quando a coheço?

Investigadora- não não. Conheces uma pessoa, tornas-te amigo dessa pessoa... há um ponto em que tu sentes ou acabas por contar a essa pessoa, porque pode não acontecer naturalmente, como foi o exemplo que deste à bocado... ((falha na gravação atual e retomei o ponto num outro take)) então nos dias de hoje o que é que te leva a assumir perante outra pessoa?

Entrevistado- só se eu não estiver à vontade porque, passamos muito tempo juntas e existe conversas e eu não me sinto à vontade para exprimir a minha opinião, se eu não estiver à vontade para exprimir a minha opinião, sentir um entrave que não me deixa dar a minha opinião sincera, em várias coisas varias conversas eu ai conto. Porque eu gosto de me sentir à vontade...

Investigadora- portanto, num meio em que te sintas constrangido por algum motivo no teu seio de amigos, tu em vez de esconderes optas por demonstrar, é isso?

Entrevistado- exato eu não conto, eu opto por dar a entender que.

Investigadora- portanto nunca houve entre amigos uma afirmação direta do: olha eu sou gay...

Entrevistado- já houve!

Investigadora – e o que é que te leva, para além do desconforto que tu já afirmaste, portanto para além do desconforto que outros motivos é que podem levar a afirmar e a assumir?

Entrevistado- não sei, sentir-me na obrigação de contar a alguém não estou a ver, para além do desconforto de estar com essa pessoa e não me sentir à vontade para falar de alguma coisa, não sei que outro motivo pode levar a querer afirmar como gay, é algo meu, não é algo que tenha de escrever na cara, ou que tenha de contar.

Investigadora- portanto no teu caso a afirmação da-se apenas, realmente, quando a nível pessoal sentes desconforto e por isso gostas de esclarecer a situação...

Entrevistado- sim, quando as pessoas partem do princípio que sou hetero e não me permitem... eu depois aí sinto-me desconfortável porque não me permitem dar a minha opinião sincera tenho que lhes dar a entender o contrário mas eu não tenho de partir do princípio que as pessoas acham que sou hetero, só se realmente entenderem que elas partem desse princípio e que no entanto tenho que necessitar de dizer que não, para me sentir à vontade, ou para não me sentir oprimido, não sei.

Investigadora- e então agora do outro lado, de uma forma oposta, que motivos é que te levam a não contares e a não expôr.

Entrevistado-ai se sentir muito preconceito, prefiro ficar no meu canto mas também é simples se sentir muito preconceito ahhh, saio daquele ambiente.

Investigadora- isso já te aconteceu entre amigos?

Entrevistado- não porque isso não são pessoas que eu considere amigas

Investigadora- mas por exemplo colegas de trabalho

Entrevistado- colegas e trabalho é diferente

Eu- são pessoas que tu lidas diariamente, portanto acabas por ter algum relacionamento, mesmo que não seja amizade, como é que tu geres...

Entrevistado- entre colegas de trabalho se eu sinto que existe assim alguma conversa mais preconceituosa eu não entro na conversa. Sim aí estou a sentir-me desconfortável porque não consigo dar a minha opinião sincera mas também depende se conheço ou não a pessoa, se sei que se a pessoa souber vai reagir de forma diferente e vai aceitar, não sei, existe um processo.

Investigadora – e no contexto laboral, mesmo estando em desconforto optas por não haver uma afirmação?

Entrevistado- sim!

Investigadora- porquê?

Entrevistado- porque não é algo que tenha que dizer

Investigadora- sim mas se perante outros contextos, tu sentes desconforto e afirmas-te, porque é que no contexto laboral não?

Entrevistado- porque depende, é assim, se for num contexto social se me sinto desconfortável e afirmo e no entanto a pessoa não aceita, não tenho que levar com ela outra vez, no trabalho se eu me quiser manter no trabalho vou continuar a dar-me com aquelas pessoas, tenho de ter a certeza que não existe um mau ambiente de trabalho, digamos assim.

Investigadora – ou seja de certa forma tens medo? Do que é que a tua afirmação pode levar?

Entrevistado- da parte dos colegas talvez.

Investigadora- e temes então que a tua afirmação homossexual ponha em risco o teu relacionamento e bem estar com colegas...

Entrevistado- sim, não vai por em risco o meu trabalho, a minha relação com alguns colegas talvez.

Investigadora- ahh pronto eu penso que no geral está tudo, dou por concluída esta entrevista. Obrigada mais uma vez. E boa sorte e felicidades!

Entrevistado- obrigada

### **Apêndice B3 - Entrevista a Fábio**

Fábio – 22 anos, Figueira da Foz, homossexual. A entrevista foi realizada, na viatura pessoal do entrevistado, local escolhido por ele devido à privacidade. Entrevista realizada a 6 de julho de 2016.

Investigadora- pronto, antes de mais quero-te agradecer pela tua participação e colaboração neste projeto de investigação... Aham, terá, esta entrevista será uma espécie de autobiografia em que tu podes refletir, pensar e responder mediante as minhas orientações de temáticas, aham vamos começar então pelo início que é as tuas origens. De onde é que vieste, aham, de onde qual é a tua terra natal...

Entrevistado- eu sou da Figueira da Foz, da zona centro do país...

Investigadora- e é um meio citadino certo?

Entrevistado - sim.

Investigadora- ok. E tu tens que idade de momento?

Entrevistado- 22 anos

Investigadora- e como é que é constituída de momento a tua família, aha, nuclear, a mais próxima de ti?

Entrevistado- eu vivo com os meus pais e com o meu irmão

Investigadora- e essa é aquela que tu consideras mais chegada certo?

Entrevistado- sim, também com os meus avós mas sim os meus pais são as pessoas com quem eu vivo

Investigadora- aham e na tua família aham tens sentido situações marcantes como divórcios ou perdas familiares ou situações que te tenham marcado e mudado a tua forma de pensar.

Entrevistado – não, muito para já, perdas familiares ainda não aconteceram mesmo de outros membros da família aham, situações marcantes desse género não, ainda não aconteceram.

Investigadora- e como é que foi o teu proje... trajeto escolar, de infância, como é que eras enquanto criança, enquanto andavas na escola mais miúdo?

Entrevistado – portanto eu sempre estudei no início aham em escolas privadas principalmente religiosas, portanto a minha educação escolar foi inicialmente a nível religioso aham mais propriamente num colégio de freiras aham, e depois sim terminando o 1º ciclo é que fui para escolas publicas onde arranjei novas amizades, conheci novas pessoas, e a minha... tenho vindo a crescer com outro tipo de pensamentos e outro tipo de... formas de agir perante a sociedade e de como... da minha própria ideologia enquanto pessoa.

Investigadora- e neste momento, como é que estás... ainda estás a estudar?

Entrevistado – não, neste momento não estou a estudar, eu não terminei o 12º ano, portanto faltam-me duas disciplinas, aham mas ingressei logo no mundo do trabalho também um bocado graças aos meus pais, eles ajudaram-me nesse sentido, e neste momento trabalho por conta própria.

Investigadora- há pouco estavas a falar que tiveste uma escolaridade religiosa, a tua família é muito dada à religião? Ou como é que vivem a religião em vossa casa?

Entrevistado – a minha família não é muito dada à religião no sentido de não a praticar no entanto a religião que me foi ensinada desde pequeno foi a religião cristã pronto aham, agora no sentido de a praticarem todos os dias como supostamente é a lei da religião isso não acontece, no entanto os meus pais acharam que, penso eu, acharam que ao pôr-me num colégio aha religioso que eu poderia aprender mais coisas nesse sentido, a cerca da religião e de como é que isso iria afetar na sociedade onde estou a viver.

Investigadora- muito bem... então neste momento não és uma pessoa que te consideres religiosa?

Entrevistado – não neste momento não sou uma pessoa que me considero religioso. Sou, neste momento a minha ideologia de religião é muito própria portanto eu não sei muito bem em que é que hei de acreditar uma vez que eu não acredito em alguma coisa que não vejo portanto um deus por exemplo, assim como existe em todas as religiões. Portanto neste momento não sou praticante, não... e não sigo muito a religião cristã.

Investigadora- puxando ainda o assunto referente aos teus pais, tens ideias se eles tinham grandes ambições para ti, o que é que tinham entre aspas definido para o teu futuro, se alguma vez te condicionaram, de que forma é que projetaram a visão deles sobre ti?

Entrevistado – os meus pais, tal como todos os pais acabam por fazer um bocado o futuro dos filhos, portanto acabam por... por projetar o nosso futuro aham, uma boa profissão, um bom emprego, uma boa forma de poder sustentar uma família uns anos mais tarde com filhos, aha de eles poderem vir a ter netos, portanto no... portanto foi isso que eles projetaram para mim... uma família, que eu criasse uma família e que eu pudesse sustentar de uma boa forma não é e portanto com eles... comigo a tirar um bom curso, neste caso seria o curso de medicina, foi o que eles criam muito que eu tirasse, na altura eu também achava que sim, que era o melhor que eu devia ter feito era tirar o curso de medicina, no entanto com o passar dos anos eu achei que não era aquilo que eu queria, não era aquilo que eu gostava. Não era um curso em que eu achasse que ia dar certo e sinceramente a questão da família também não é muito aquilo que eu quero neste momento...

Investigadora- em que sentido?

Entrevistado – no sentido de criar uma família com homem, mulher e filhos e dar netos aos meus pais, portanto...

Investigadora- para já não está nos teus planos é isso?

Entrevistado – sim, para já isso não está nos meus planos...

Investigadora- aham, quanto à tua orientação sexual, qual é que é?

Entrevistado – eu sou homossexual

Investigadora- e quando é que constataste esse facto?

Entrevistado – por volta dos meus 13 anos aha, eu já notava que não era bem como os outros meninos que eu conhecia aha, mesmo na... em certos desportos, portanto o futebol o desporto que supostamente todos os homens vão gostar e todos os homens têm de gostar e de jogar, nem que seja com os amigos na praia, na rua, ter uma bola nos pés, aha eu nunca gostei... aham esse tipo de desportos nunca fui muito dado a companhias mais masculinas, portanto sempre me dei com pessoas do sexo feminino maioritariamente embora tenha tido algumas amizades do sexo masculino aha, mas que não eram também heterossexuais, eram homossexuais e vim realmente a apercebendo com a minha formação pessoal que não era heterossexual e que realmente não fazia sentido na minha vida.

Investigadora- e mas em concreto foste-te apercebendo, juntaste os factos e foste percebendo essa situação, em concreto não tiveste nenhuma situação que desperta-se em ti um clique que: ok é isto eu tenho a certeza... não te recordas assim de nenhuma situação?

Entrevistado – primeiramente todas as crianças acabam por fantasiar quando são mais novos a vida sexual, acabam por fazer algumas pesquisas na internet e através dessas pesquisas eu sempre me deparei que gostava sempre mais da parte do sexo masculino do que propriamente do sexo feminino e aí sim fui me apercebendo e nunca... nunca me neguei quanto homossexual portanto eu ao longo dos tempos fui me apercebendo que sim que era homossexual que era aquilo que fazia mais sentido para mim aham, depois mais tarde fui divulgando a alguns dos meus amigos mais próximos, que por sorte também eram homossexuais, bissexuais e nesse sentido, no sentido das minhas amizades eu sempre fui bem recebido e nunca fui julgado por ninguém.

Investigadora- e quando então constataste que eras gay ou homossexual, aham como é que reagiste para ti mesmo? Que pensamentos é que te vieram à cabeça?

Entrevistado – reagi normalmente porque no fundo eu sempre achei que era, entretanto já tive... já tinha tido umas namoradas quando era mais miúdo aha, mas depois quando vim... com o passar do tempo a descobrir achei que fazia todo o sentido e portanto nunca... nunca me fechei comigo e nunca deixei de o dizer às outras pessoas porque achava que não tinha mal nenhum e que era uma pessoa tal como as outras... isso nunca fez de mim uma pessoa diferente.

Investigadora- portanto sempre agiste como algo natural de ti?

Entrevistado – de mim sim, perante a sociedade tento esconder um bocado...

Investigadora- aha, falaste perante amigos... como é que... como é que se processa a afirmação entre amigos? O que é que te leva a a teres uma amizade e a revelares essa parte de ti?

Entrevistado – as minhas amizades sempre foram um tanto fortes com as outras pessoas eu ligo-me muito com as outras pessoas e achei que não fazia sentido estar-lhes a esconder uma coi... aquilo que eu era... se eu sou homossexual fazia todo o sentido dizer aos meus amigos que era homossexual, independentemente de eles gostarem ou não da minha escolha enquanto pessoa e daquilo que eu sou aham, mas por acaso os meus amigos nunca me meteram intervenientes nunca questionaram sobre, sempre me aceitaram como eu sou.

Investigadora- nunca tiveste uma reação negativa ou menos boa por parte de colegas/amigos?

Entrevistado – por parte de amigos não, por parte de colegas sim, portanto colegas eu considero colegas aquelas pessoas com quem eu nunca tive uma amizade, uma ligação muito próxima como eu tenho com os meus amigos e então ai sim por parte de colegas eu sempre senti, apesar de nunca lhes ter dito diretamente que sou homossexual, porque eu não tenho de andar a divulgar pelo mundo aquilo que sou aham, senti sempre que os... que os outros rapazes que na altura eram da minha turma, pessoas conhecidas na escola, que me chamavam homossexual e que muitas das vezes

chegaram a gozar comigo e como os meus amigos mais próximos também eram homossexuais, portanto fazia todo o sentido eu também ser, e então aí sim as outras pessoas acabavam por falar um bocado da minha pessoa e que eu era isto e que era aquilo portanto... mas agora com os meus amigos eu nunca senti... nunca senti isso eles sempre me aceitaram inclusive me protegeram.

Investigadora- ou seja perante aqueles que defines como amigos aha não tens problema que haja uma afirmação, uma revelação total do teu ser e da tua pessoa é isso?

Entrevistado – exato, exatamente

Investigadora- perante outras pessoas não tão próximas não fazes questão ou não é algo que tentes divulgar ou revelar?

Entrevistado – perante outras pessoas eu não faço intenções de revelar porque lá está como eu já disse aha, não tenho que divulgar a minha vida a mais ninguém, não tenho de estar a afirmar-me perante a sociedade como uma pessoa homossexual porque eu sou igual a outra pessoa qualquer...

Investigadora- e por exemplo em relação a colegas de trabalho? É a mesma situação?

Entrevistado – relativamente a colegas de trabalho existe a situação de não lhes contar aquilo que sou aham, embora um ou outro que provavelmente ao terem iniciado uma primeira conversa comigo que acabaram por perceber que se calhar eu não era o chamado heterossexual definido pela sociedade e então perguntaram-me e eu acabei por afirmar e dizer que sim, que sou homossexual, não tenho vergonha daquilo que sou, no entanto também tenho de ter alguns cuidados porque trabalho no mesmo local de trabalho que a minha mãe e... essa ... esse assunto com os meus pais já é diferente do que com outras pessoas...

Investigadora- ou seja quando confrontado aha não tendes a esconder ou a assumir outra coisa?

Entrevistado – não, quando eu sou confrontado com outras pessoas e que eu vejo que as pessoas não vão ter algum problema com isso eu não tenho problemas também em assumir aquilo que sou.

Investigadora- e se vires que a pessoa pode não ter a melhor reação?

Entrevistado – aí vou-me retrair porque também não quero arranjar problemas com ninguém.

Investigadora- então e perante a tua família?

Entrevistado – perante a minha família o caso já muda de figura... aham, os meus pais sempre se mostraram pessoas em que eu podia realmente confiar e que não iria haver problema nenhum até porque em conversas que tínhamos sobre o assunto eles sempre me disseram que nunca iam negar um filho homossexual, que é uma pessoa como as outras, sempre me deram uma educação um bocado nesse sentido, agora aham, depois com o passar dos anos acabei por lhes contar, porque achei que era o que fazia mais sentido, portanto não havia... não havia que esconder eu não tinha que esconder isto e se os meus amigos sabiam e me aceitavam as pessoas mais importante para mim, os meus pais e e principalmente os meus pais porque são as pessoas com quem eu vivo... achei que fazia todo o sentido eles saberem.

Investigadora- então e como é que foi esse processo de afirmação? O que é que te levou a... a decidir que tinhas que contar?

Entrevistado – o que me levou a decidir que tinha de contar foi uma relação que eu tive que era longe de mim, portanto o rapaz vivia noutra cidade e durante algum tempo eu escondi essa relação dos meus pais mas achei por bem contar-lhes uma vez que, como era noutra cidade eu tinha de fazer deslocações maiores e eu de certa forma não lhes queria andar a esconder muito mais tempo aquilo que... para onde eu ia ou... inventar mais umas desculpa e que vou para aqui e que vou para ali e então foi isso que me levou a contar aos meus pais, para a minha vida começar a ser um bocadinho mais fácil no sentido de eles aceitarem essa... a minha homossexualidade, aceitarem a minha pessoa enquanto aquilo que eu sou e... por isso cheguei ao pé deles e contei-lhes que

era homossexual e que tinha amigos homossexuais aham, no entanto a reação não foi a que eu estava à espera... portanto foi um processo um bocado complicado...

Investigadora- ou seja tu chegaste ao pé deles e entre aspas largaste a bomba aha, podes sei lá reproduzir um bocadinho como é que foi esse episódio da tua vida.

Entrevistado – sim, foi num jantar em que eu estava com os meus pais, foi também na época de exames escolares, portanto eu não estava muito bem, não era um dia em que eu estava... que eu estivesse muito feliz até porque os exames na altura não me estavam a correr nada bem e... basicamente eu estava a jantar, mostrei-me um bocado triste eles perguntaram-me o que se estava a passar eu inicialmente falei que era por causa dos exames, a escola não estava a correr bem a vida escolar não estava a correr bem, não estava a ser bem aquilo que eu estava à espera, e depois eles começaram a puxar por mim e a perguntar que é que se estava a passar mais porque não era normal, eu era uma pessoa que geralmente andava sempre bem, não demonstrava ter problemas era uma pessoa feliz, e de um momento para outro andava triste e andava distante e eles não estavam a perceber o porquê. E então eu decidi largar a bomba, como tu disseste, e então cheguei ao pé deles e contei. Sou homossexual, tenho uma relação os meus amigos também são homossexuais, tenho amigos homossexuais, aham, é uma coisa perfeitamente normal portanto achava que eles iam aham... reagir bem, inicialmente, numa primeira impressão pareceu-me que eles não estavam a reagir assim tão mal, mais tarde com o nervosismo eu sai de casa fui ter com uns amigos meus, e contei-lhes que tinha dito aos meus pais sobre a minha questão pessoal de ser homossexual e mais tarde quando cheguei a casa virou tudo um caos, portanto aquilo que eu estava à espera de encontrar era que os meus pais iam chegar ao pé de mim e que provavelmente me iam abraçar e dizer que estava tudo bem e que me iam proteger e que me iam, mesmo perante a minha restante família que me iam proteger sempre e não, aquilo que eu encontrei quando cheguei a casa foi uns pais revoltados, chateados com a situação de eu ser homossexual, portanto, aquilo que eu deduzo é que quando se trata dos filhos dos outros é muito mais fácil até porque eles reagiram bem ao facto de ter colegas homossexuais, neste caso amigos homossexuais, o que eles não reagiram bem foi ao facto de o próprio filho ser homossexual.

Investigadora- então e quando chegaste a casa o que é que aconteceu? Como é que... o que é que enfrentaste, o que é que encaraste?

Entrevistado – foi um dia um bocado difícil, eu cheguei a casa e como já disse estava à espera de uma reação completamente diferente dos meus pais, aham, houve muita discussão, o meu pai sentiu-se mal inclusive, aham, a minha mãe culpou-me de tudo e mais alguma coisa, principalmente se acontecesse alguma coisa ao meu pai com os nervos que ele estava a sofrer a culpa seria minha, porque eu era homossexual, porque eu tinha de me afastar dos meus amigos, porque os meus amigos é que fizeram de mim aquilo que eu sou homossexual e foi isso que aconteceu quando eu cheguei a casa, portanto virou tudo ao contrário e a minha vida teve de dar uma volta de 360 graus. Eu até aí tinha liberdade total para tudo e mais alguma coisa, saía com os meus amigos quando queria e bem me apetecia, eles nunca... nunca me negaram nada, e de um dia para o outro eu comecei a ser bem mais controlado e ainda hoje noto esse tipo de controlo, com 22 anos então na altura tinha 18 se não me engano.

Investigadora- essa situação de revolta dos teus pais, foi nesse dia foi algo passageiro... como é que tem sido desde esse momento da revelação até aos dias de hoje? Como é que tem sido gerido esse processo?

Entrevistado – eu na altura... também me afastei um bocado dos meus pais, aham andei uns tempos em que deixei de falar para eles, eles também não falavam muito comigo, o clima familiar realmente não estava muito bom, mais tarde...

Investigadora- mas deixaram... desculpa... mas deixaram de falar mas saíste de casa ou continuavas a viver com eles?

Entrevistado – na altura continuei a viver com eles aham, depois mais tarde com o passar do tempo as coisas acabaram por melhorar, eu também já não sentia necessidade de as coisas andarem como elas estavam porque eu não gosto de viver nessa situação aha posto isto também acabei com a relação com quem eu estava com o tal rapaz que era de outra cidade, e entretanto as coisas parece que melhoraram, já não tinha essa relação...

Investigadora- e eles estavam a par disso?

Entrevistado – não lhes disse diretamente que tinha acabado mas eles foram acabando por perceber e mais tarde aí sim, numa outra discussão sobre o mesmo assunto da homossexualidade eu disse-lhes que já tinha acabado com essa relação e que já não precisava de fazer esse tipo de deslocações para ir ter com essa pessoa, que para eles não estarem preocupados porque eu não lhe ia esconder mais e que realmente aquilo que eu queria era não esconder aos meus pais e só queria que se eles não aceitavam que me respeitassem pelo menos. Depois as coisas pareciam que estavam estáveis, eu arranjei uma relação, e tive, tenho outro relacionamento atualmente tenho outro relacionamento e para não haver mais discussões como houveram dessa vez eu tenho vindo a esconder ao máximo tudo, portanto eu não sou capaz de chegar ao pé dos meus pais e contar-lhes, até porque no início da relação, que isto já foi há 2 anos aham, eu quis abordar o assunto de outra forma aham, começando por levar o meu namorado à, ao local de trabalho da minha mãe e a apresenta-lo como um amigo mas a minha mãe acho que percebeu logo porque ela fez um olhar assim muito, muito de uma mãe de quem não estava a gostar do assunto. Aham e... e até hoje eu tento esconder... depois as outras pessoas também é difícil porque esperam de mim que aos 22 anos eu tenha uma namorada e que a comece a apresentar aos meus pais e as outras pessoas dizem aos meus pais que ainda não viram o filho deles com nenhuma rapariga e através disso eu tenho que realmente esconder um bocado da relação que tenho atualmente porque não quero arranjar problemas e isso aconteceu aham... eu tive uma vez que saí à noite e estava com o meu namorado, não estava agarrado a ele porque como disse inicialmente eu não faço intenções de mostrar ao mundo que sou homossexual, aham, mas uma pessoa conhecida foi dizer a minha mãe que eu estava com muitas raparigas mas que não me agarrava a nenhuma portanto mesmo para a provocar e isso depois mais tarde em casa gerou outra confusão, a minha mãe veio-me dizer isto tudo e aí ela disse-me que não ia aceitar um filho homossexual, e que se eu quisesse para sair de casa. A minha primeira atitude foi realmente sair de casa, aha, sai de casa nessa noite passei em casa do meu namorado, felizmente os pais dele aceitam a nossa relação e conhecem-me e damo-nos bem, no dia a seguir fui para casa de uns amigos noutra cidade, portanto fui a casa buscar aquilo que eu precisava, para passar uns dias fora, disse aos meus pais que ia passar uns dias fora porque aquele ambiente não era o melhor e pronto saí de casa durante uma semana.

Investigadora- durante essa semana, houve contacto com os teus pais, houve uma cessação completa de contacto?

Entrevistado – durante essa semana, pelo menos que me lembre não houve quase contacto nenhum com os meus pais, aham, mas eu também não quis ter contato com os meus pais. O meu pai ligou-me uma vez ou outra para eu voltar para casa porque não fazia sentido nenhum eu estar fora de casa porque queria que eu estivesse em casa ao pé deles porque se eramos uma família tínhamos de agir como tal aham... também mostrando à restante família que e à sociedade, porque os meus pais também pensam muito nesse sentido: é o que é que os outros vão pensar? Se eu estivesse fora de casa o que é que eles iam pensar com o facto de eu estar fora de casa, o que é que se tinha passado, o que é que tinha acontecido, e eles de certa forma também não queriam estar a justificar-se às outras pessoas que eu saí de casa por ser homossexual, até porque iriam ser criticados e eles têm noção disso. Por isso durante essa semana não houve grande contacto com eles, embora sim, algumas tentativas do meu pai que me ligou 2 ou 3 vezes para eu voltar para casa e eu passado essa semana voltei para casa porque eu não me senti bem estar longe deles, porque achei que devia enfrentar a situação e que devia estar ao pé deles e enfrentar essa situação...

Investigadora- como é que geriste para ti próprio durante essa semana, toda essa situação?

Entrevistado – foi uma semana muito complicada com os nervos mesmo à flor da pele, mas felizmente tenho amigos ótimos, amigos que me ajudaram em tudo, disponibilizaram-se para me ajudar em tudo, para eu ficar em casa deles o tempo que fosse necessário, o tempo que eu achasse que era necessário para estar bem comigo mesmo e para dar esse tempo também aos meus pais e depois lá está, passada essa semana fui para casa aham, falei com os meus pais, em que não houve um grande diálogo, eles basicamente viraram-me a cara e eu fiquei uns... 1 mês ou 2 sem grande contacto com eles portanto só vivíamos na mesma casa porque o contacto era quase nulo. Não foi uma situação fácil... no entanto eu estava lá em casa, eles também e depois com o passar do tempo é que as coisas... é que as coisas voltaram mais ao sitio, voltamos a ser outra família mas realmente sem a questão da homossexualidade, portanto hoje em dia essa questão é tabu lá em casa, não se fala sobre a

homossexualidade e eu sinto que só posso ser livre quando arranjar aha uma casa própria uma morada própria, quando eu tiver estabilidade para morar sozinho, aí sim eu acho que consigo ter uma vida mais livre sem o controlo dos meus pais, quando eu tiver estabilidade para poder pagar as minhas contas, enquanto isso não vai ser possível e eu vou ter que continuar a esconder...

Investigadora- ou seja, mesmo havendo uma afirmação da tua parte, eles agem como se nunca tivesse existido ou negam simplesmente o facto de seres gay?

Entrevistado – eu não sei explicar muito bem mas aha mas sim é mais por aí. Hoje... atualmente apesar de haver uma afirmação da minha parte e eles saberem aquilo que eu sou, que sou homossexual, esse assunto simplesmente não existe portanto, não existe, nós simplesmente vivemos o nosso dia-a-dia sem falar nesse assunto é como se eu não tivesse dito nada, é como se eu fosse uma pessoa dita normal, perante a sociedade simplesmente sou um rapaz de 22 anos que gosta de estar com os amigos e de curtir com os amigos e que não tenho um relacionamento e só estou com os meus amigos, portanto para eles é assim que eu sou e não se fala nesse assunto sequer...

Investigadora- essa é uma faceta que em tua casa é completamente negada...

Entrevistado – acaba por ser negada, uma vez que não se toca no assunto mas... não sei bem se é uma nega... ao início foi uma negação agora com o... já passaram também 4 anos espero que não seja uma negação durante muito mais tempo... hoje em dia também não sei explicar muito bem aquilo que se passa porque eu próprio tento não tocar no assunto para evitar problemas como os que já existiram aliás são coisas que ficam marcadas na minha memória até porque eu não gosto de problemas muito menos com os meus pais, são as pessoas mais próximas de mim, são as pessoas que eu amo e apesar de tudo eu quero sempre que esteja tudo bem com eles portanto sim essa questão é negada no sentido de não ser falada, agora se é ainda negada? Não sei simplesmente não sei porque não é de todo falada, o assunto não é de todo abordado.

Investigadora- há pouco falavas no contacto que o teu pai tentou fazer contigo nessa semana em que estiveste fora de casa, aham por parte da tua mãe não houve essa tentativa de contacto?

Entrevistado – não. Por parte da minha mãe não e isso é uma coisa que me marca ainda mais porque... Geralmente são as mães que são mais ligadas aos filhos e que se for preciso até vão contra aos pais para aceitarem os filhos e no meu caso foi mais ao contrário o meu pai é que lutou um bocado com a minha mãe para me poder aceitar um bocado melhor ou poder dar mais o braço a torcer relativamente a essa questão, o meu pai é que demonstrou sempre uma maior ligação comigo do que, do que a minha mãe. O meu pai sempre tentou proteger-me um bocado mais.

Investigadora- e porque é que achas que eles são tão, tão remitentes em relação à tua homossexualidade? Que motivos é que achas que eles têm na mente deles para que tenha sucedido toda esta situação e teres vivido esse tipo de situações marcantes, como referiste, e ainda hoje ser algo que não é abordado de todo.

Entrevistado – não sei, eu sinceramente não sei responder bem a essa questão porque os meus pais, nós sempre fomos... sempre tivemos conversas abertamente, sempre pudemos falar de todos os assuntos abertamente, sempre me deram uma educação nesse sentido em que temos que aceitar todas as pessoas, eles próprios conheciam pessoas homossexuais, o meu pai trabalha com um rapaz que é homossexual, dá-se super bem com ele, não existe qualquer problema com o facto de ele trabalhar com uma pessoa que é homossexual, sabe que essa pessoa tem um relacionamento homossexual, e tá tudo bem. Sempre me ensinaram que devemos respeitar as outras pessoas, sempre me ensinaram que ninguém é mais do que ninguém, nem ninguém é menos do que ninguém portanto eu tinha que... assim como eu tenho que ser aceite na sociedade também tinha que aceitar as outras pessoas na sociedade mas eu acho que é mais por neste caso, ser o próprio filho deles, não sei explicar muito bem, eu acho que é mesmo por isso, portanto eu sempre ouvi dizer que quando é com os outros... pronto não há problema mas quando é com os próprios filhos já há. Acho que é mais por aí, é por isso que... que eu não sei explicar muito bem o que porquê de isso acontecer com os meu pais porque eu sempre achei que eles iam aceitar, porque eles também aceitam as outras pessoas... não percebo muito bem porque é que não me aceitam a mim...

Investigadora- sentes que eles têm vergonha de ti, daquilo que tu és?

Entrevistado – eu não sinto que eles tenham vergonha de mim mas lá esta porque eu não me dou a conhecer ao mundo como uma pessoa homossexual, aham, não ando propriamente nas ruas aha para as outras pessoas perceberem que eu sou homossexual mas... por isso vergonha não é de certeza... porque eles não tiveram... não têm vergonha de mim. O que eu acho que pode ser sim é que se as outras pessoas souberem que eu sou homossexual aí sim eu acho que eles vão ter vergonha porque acabaram por criar um filho em que tinham direcionado um futuro para ele e um futuro bastante bom, era aquilo que eles tinham pensado, era que eu ia ter um bom emprego como eu disse inicialmente nesta entrevista aham que iria sustentar uma família dita normal com... que iria ter uma mulher, filhos e de um momento para o outro as outras pessoas saberem que eu sou homossexual, que o filho deles é homossexual aha aí sim eu acho que eles iam ter vergonha, o grande problema aqui, a grande questão é o que é que os outros vão pensar? Não é o facto de eu ser homossexual é o facto de o que é que os outros vão pensar sobre eu ser homossexual?

Investigadora- em relação a restante família? Avós, tios, não sei se tens aham mas uma vez que estás a acenar com a cabeça a dizer que sim, aham perante eles, como é que tu ages, como é que esta situação é tratada?

Entrevistado – perante a minha restante família, meus tios, avós, meus primos, eu ajo normalmente aha como um miúdo de 22 anos que gosta de... que trabalha mas que gosta de sair com os amigos, e que faz grandes noitadas com os amigos que... faço vida como se fosse solteiro e tento esconder um bocado a relação que eu tenho, o que eles não sabem é que realmente eu quando vou sair vou com o meu namorado e estou com o meu namorado, vou só tomar um café, vou estar um bocado mais à vontade porque eu e ele também temos que ter tempo para nós... mas perante a restante família eu ajo normalmente como se fosse a pessoa que eles esperam que eu seja, que um dia mais tarde venha a ter uma mulher e ter filhos porque é isso que eles esperam de mim... e é isso que eu sinto, um grande peso porque todas as pessoas esperam muito de mim e eu um dia sei que as vou desiludir a todas porque eu não vou... não vou ser aquilo que elas esperam portanto vai ser um bocado difícil mas também não quero pensar muito nisso para já.

Investigadora- ou seja, além de dos teus pais não há mais ninguém, dentro da tua família vá mais alargada que saiba da tua orientação sexual?

Entrevistado – existe mais uma familiar minha que sabe que eu sou homossexual, uma rapariga que é minha prima que é pouco mais nova que eu e aceita perfeitamente o facto de eu ser homossexual, já ajuda-me em tudo aquilo que eu preciso, está sempre a dizer que eu estou completamente à vontade que me ajuda em tudo aquilo que for preciso aham... e portanto compactua um bocado comigo, de resto a restante família não sabe, e acho que nem sonha que eu sou homossexual apesar de haver certamente pessoas, pessoas que lhe acabem por ir dizer que me viram com um rapaz ou que isto ou que aquilo, mas acaba por ser uma coisa normal eu estar com um rapaz ou com dois rapazes ou com três rapazes porque supostamente não passam de amigos.

Investigadora- sentes alguma diferença em ti, da forma como inicialmente olhavas a tua orientação sexual e neste momento depois de passar por estas fases e por estes episódios aham sentes que a tua visão de ti próprio e da tua homossexualidade está diferente? Mudou? O que é que mudou?

Entrevistado – aha... sinto-me uma pessoa mais madura. No sentido de agora sei se calhar como é que hei de abordar certos assuntos, aha, inicialmente era um bocado mais ingénuo portanto quando eu tinha 18 anos eu era um miúdo que contou aos pais que era homossexual e que vivia bem com isso, atualmente eu hoje tenho 22 e... e sinto-me mais maduro relativamente a essa questão portanto eu sei agora como é que a hei de abordar mesmo perante a minha família, quando se fala na televisão sobre a homossexualidade e sobre todas essas questões envolventes eu acabo sempre por poder falar que não tem nada de mau e, principalmente com os meus avós que são pessoas mais antigas e vêem estas coisas de forma, de forma diferente eu tento chamá-los sempre à atenção que não têm... não tem mal nenhum uma pessoa ser homossexual, bissexual, cada um é aquilo que é, e nós só temos de respeitar a outra pessoa e... e agora sim tenho mais cabeça e sei como é que hei de agir perante esta situação, ou quando as pessoas me olham de lado por se calhar eu parecer homossexual mas como não sabem gostam de falar sobre a minha vida privada, coisas que nem sequer sabem, da minha vida privada sei eu aha eu acabo sempre por agora tomar uma atitude mais firme e muitas das vezes

ignorar esse tipo de situações e é assim que me sinto atualmente, sinto-me uma pessoa mais crescida. Sinto que sei resolver os problemas de outra forma que não sabia há 4 anos atrás.

Investigadora- não tencionas contar a avós ou tios que és homossexual?

Entrevistado – aha não. Não faço intenções de lhes contar. Primeiro porque eu acho parvo ter que dizer às pessoas que sou homossexual, não tenho que me afirmar, não tenho que afirmar que sou homossexual assim como também não teria de afirmar às pessoas que era heterossexual, portanto não ia chegar ao pé dos meus avós e dos meus tios ou mesmo dos meus pais e dizer olhem avó, avô, pai e mãe eu sou heterossexual, gosto de mulheres. Portanto sendo dessa forma eu também não acho que tenha que chegar ao pé deles e dizer-lhe mãe, pai, avô, avó eu sou homossexual e gosto de homens, portanto eu sou uma pessoa normal, sou uma pessoa perfeitamente normal simplesmente achei que devia ter contado aos meus pais porque elas são as pessoas mais próximas de mim, é com eles que eu vivo aha e achei que se eu era essa pessoa então sim eles deviam saber, no entanto não acho que houvesse uma grande necessidade era só mesmo porque eu sou homossexual e se eles são as pessoas mais próximas de mim então sim, achei que eles tinham que saber isso mas isso não muda em nada a minha vida até porque eu sou uma pessoa exatamente igual às outras tenho um trabalho e trabalho da mesma forma que as outras pessoas por isso, é a minha opinião relativamente a este assunto.

Investigadora- arrependes-te? Olhando para trás, arrependes-te de ter contado aos teus pais?

Entrevistado – sim olhando para trás eu arrependo-me, primeiro porque como eu já disse, há 4 anos atrás não tinha tanta maturidade, ou se calhar não tinha tanta noção... de como é que iam ser as coisas e então cheguei e disse na esperança e na expectativa de tudo ia correr bem. Atualmente eu arrependo-me até porque eu hoje, tenho uma forma diferente de pensar, se calhar não iria abordar o assunto da mesma maneira, se calhar as coisas iriam ser diferentes, se calhar eu aos poucos aha agora podia sei lá, tenho 22 anos e eles podiam achar estranho o facto de eu ainda não ter tido uma namorada, irem perguntando algumas coisas e eu ir-lhes falando no sentido de ser homossexual ou

mandar uma coisa ou outra para o ar, até que eles fossem percebendo, se calhar abordava as coisas de forma diferente e arrependo-me porque eu... lancei... lancei esta questão de um momento para o outro, eles também não estavam à espera foram apanhados de surpresa e claro que me arrependo por tudo aquilo que acabei por causar, todos os problemas porque eu passei, todos os problemas por que fiz os meus pais passar... claro que me arrependo se fosse hoje em dia aha tenho a certeza que as coisas não iam ser iguais mas também se calhar, se fosse hoje, eu iria pensar muito bem se lhes ia contar ou não, se ia manter esta questão mais reservada para mim, porque se calhar não fazia muito sentido eu estar-lhes a dizer o que é que era ou que sou homossexual ou que sou heterossexual, portanto hoje em dia sim, se calhar as coisas iam ser muito diferentes e arrependo-me daquilo que fiz há 4 anos atrás no sentido de ter havido estes problemas todos, não no sentido de lhes ter contado, pronto, é uma coisa normal e eu tinha que lhes dizer mais cedo ou mais tarde.

Investigadora- ou seja, e corrige-me se eu estiver a interpretar de uma maneira que não foi a que tu quiseste transmitir, tu hoje se calhar aha irias querer contar e afirmar-te, mas procuravas outra maneira de o fazer, é isso?

Entrevistado – exatamente, eu hoje tenho outra forma de pensar aha e se calhar ia aborda-los de uma forma diferente, não ia chegar a um jantar com eles e dizer-lhe pai, mãe eu sou homossexual e tenho um relacionamento. Não ia lançar a bomba assim, se calhar iria aborda-los de outra forma sinceramente não estou a ver qual mas... mas sim, acho que as coisas iriam ser diferentes.

Investigadora- não irias aha ocultar, é isso?

Entrevistado – não iria ocultar. Se eles me perguntassem eu iria dizer logo que sim aha... logo, dizia-lhes logo afirmativamente que era homossexual... se eles não me perguntassem se calhar ia deixar passar hoje e ia deixar passar amanhã e se entretanto se tocasse no assunto eu podia dizer que sim ou que não, mas sim as coisas iam ser diferentes.

Investigadora- no teu relacionamento atual, aha como já deu para perceber é um relacionamento que em casa é como se não existisse é isso?

Entrevistado – sim, sim.

Investigadora- então e fora de casa como é que ele é vivido?

Entrevistado – fora de casa é um relacionamento vivido normalmente, aha mas na questão social eu quando saio à rua não faço grandes intensões de andar de mãos dadas com o meu namorado até porque na cidade onde eu vivo, apesar de ser uma cidade, é uma cidade muito pequena em que as pessoas acabam por se conhecer outras às outras, umas às outras acabam sempre por haver ligações entre umas pessoas e outras eu trabalho num local público as pessoas também me conhecem e... e eu não faço grandes intensões de andar na rua de mãos dadas com o meu namorado porque lá está também não quero que as pessoas cheguem ao pé dos meus pais e lhes digam que me viram na rua de mãos dadas com um rapaz. Uma vez que já houve tantos problemas por causa disso, o que eu quero neste momento é evitá-los mas sim, dentro dos possíveis é um relacionamento normal... também não acho que tenha que haver afetos em público num casal heterossexual, portanto também não tem que haver num casal homossexual. Acho que é um relacionamento normal, quando sai à rua, vou tomar um café ele vai comigo, estamos os dois, se estivermos com amigos estamos se estivermos sozinhos estamos se as pessoas olharem, olham simplesmente não mostramos afetos mas também não passamos despercebidos um com o outro.

Investigadora- ou seja, aha, e quando falas em andar de mão dada, suponho que beijos, ou algo mais carinho também não exista quando estão em público?

Entrevistado – não não... em público não. Isso não acontece, até porque eu acho que num casal heterossexual isso não tem que acontecer, as pessoas não têm que andar a ver os outros a beijarem-se em público.

Investigadora- ou seja, mesmo se aha, mesmo se não houvesse problemas da parte, com a aceitação por parte dos teus pais, ou se não houvesse olhares por parte da sociedade tu próprio enquanto pessoa não irias querer estar de mão dada e trocar um beijo ou outro?

Entrevistado – sim aha, não estou a dizer que não iria querer agora acho que uma vez por outra não faz mal mas também não faz... eu também não sou muito o tipo de pessoa de andar de mãos dadas, ou andar na rua aos abraços ou aos beijos em frente às outras pessoas, não sou aquela pessoa de estar em público a fazer demonstrações de afeto, aha claro que, se tivesse mais liberdade para isso, se não tivesse num meio tão pequeno como eu estou, aha muito provavelmente uma vez por outra dava um beijo no meu namorado porque sabia que a sociedade também o ia aceitar e que não ia haver problema, mas como eu também não sou esse tipo de pessoa de andar a fazer demonstrações de afeto em público também não me causa grandes diferenças.

Investigadora- em rua, rua, cafés, locais públicos, nunca sentiste nenhuma ofensa, nenhuma, situação desagradável, perante a tua orientação sexual?

Entrevistado – aha... atualmente eu sinto-me, eu sinto que já sou uma pessoa, como sou uma pessoa mais adulta acabam por me respeitar um bocado mais aha mas que me lembre na rua... uma vez ou outra quando eu era mais novo e estava na rua acho que ia almoçar fora com um amigo, estava com um amigo que era homossexual, e ele sim, nunca teve problemas em demonstrar em público que era gay, aham, e tinha, teve sempre aquela forma mais espontânea de andar e aquela feminilidade que pronto, que está associada realmente aos gay's e aí sim um homem passou por nós e chamamos gay's, homossexuais, mas de resto não me lembro de mais nenhuma situação... ocorreu à pouco tempo também com o meu namorado, ele usa o cabelo comprido e chamaram-lhe Conchita, toda a gente conhece a Conchita, a cantora que é um cantor mas que a personagem é uma personagem feminina, de barba e cabelo comprido mas comigo diretamente nunca senti muito da parte da sociedade esse tipo de coisas.

Investigadora- muito bem, aha, e no teu dia a dia, no teu grupo de amigos, amigos que sabem, aha, penso que referiste lá trás, grande parte desses teus amigos são homossexuais ou bissexuais, é isso?

Entrevistado – sim sim, os meus grandes amigos, as pessoas com quem eu me dou diariamente, as pessoas com quem eu tenho realmente confiança são homossexuais e bissexuais, aham portanto quando estou com eles, as coisas são diferentes, já não me vou estar a retrair enquanto pessoa homossexual, se eu estiver com o meu namorado não

me importo de lhe dar um beijo em frente a eles, porque sei que eles não me vão recriminar nesse sentido, não vão levar a mal isso, e quando estou com eles as coisas são diferentes, eu já sou uma pessoa mais aberta, já sou uma pessoa mais dada a afetos, já não me importo de me abraçar ao meu namorado mas e aí as coisas correm melhor, correm melhor, claro, já me sinto uma pessoa mais livre mas isso também não acontece muito no meio da rua. Acontece quando estamos numa, na casa de algum amigo ou vamos e combinamos um jogo de cartas ou ver um filme todos juntos isso as coisas já são diferentes. Na rua acontece e ajo tudo normalmente.

Investigadora- fazendo então um balanço geral, que retrospetiva e que balanço é que podes fazer aham, sobre a forma como tua és e como é que vives o teu ser no teu dia-a-dia.

Entrevistado – no meu dia-a-dia eu acho que vivo e ajo como uma pessoa normal, que se enquadra perfeitamente na sociedade. Não tenho que divulgar às pessoas nem tenho que parecer às pessoas homossexual, porque as pessoas não têm muito a ver com isso, sou homossexual porque é aquilo que eu sou, se eu sou, arranjei um companheiro que também é e que gosta de mim como eu sou, aham, e é assim que vai continuar a ser portanto eu não tenho que mostrar publicamente que sou homossexual porque eu sou uma pessoa reservada e acho que isso só a mim me diz respeito.

Investigadora- nunca ponderaste por termo à tua relação, ou mesmo aquela primeira relação que falaste, quando dizes que terminaste foi por causa de toda a situação dramática que estavas a viver com dentro do teu núcleo familiar?

Entrevistado – não, a primeira relação não terminou por causa disso, a primeira relação terminou porque realmente não dava mais, também era um bocado complicado eu fazer deslocações tão grandes ainda era cerca de 1 hora de viagem, aha, e terminou pelo facto de ser sempre eu a fazer essas deslocações e ir ter com ele e sinceramente a relação acabou porque tinha de acabar e agora já não me causa transtorno nenhum, inicialmente sim fiquei, triste, fiquei magoado, pronto acabar um relacionamento não é uma coisa assim tão fácil, ainda foi quase 1 ano de relacionamento, eu gostava muito dessa pessoa mas... mas pronto agora olho para trás e vejo realmente que aquela relação não tinha pernas para andar e que as coisas não podiam continuar assim.

Investigadora- na tua relação atual, nunca ponderaste a ideia de o facto de os teus pais não terem uma visão aha condescendente perante a tua homossexualidade, nunca ponderaste terminar a relação?

Entrevistado – por causa deles? Não, por causa dos meus pais eu nunca ponderei terminar esta relação até porque eles não sabem que ela existe... eu não cheguei ainda ao pé deles e não lhes disse que namoro com uma rapaz e isto já vai há 2 anos, se calhar o meu namorado sentia essa necessidade sentia que eu confrontasse novamente os meus pais aha queria mesmo que eu lhes dissesse que namoramos e que para ver se eles agora aceitavam as coisas de forma diferente para ver se... se o conheciam porque ele gosta que as pessoas tenham esse tipo de ligações, esse tipo de afetos, mas eu nunca ponderei acabar esta relação por causa dos meus pais, se algum dia tiver que acabar é por causa de nós os dois, não por causa dos meus pais.

Investigadora- mas então o teu namorado, a outra parte, gostava que houvesse um maior entendimento entre todos é isso?

Entrevistado – sim o meu namorado gostava que houvesse outra relação, outra ligação com os meus pais, até porque ele vê, nota que a família é muito importante, para ele a família é muito importante, ele dá-se muito bem com a família dele, dá-se perfeitamente bem com a família, com os pais, os pais sabem que ele é homossexual, nunca o recriminaram sobre isso, sempre lhe deram liberdade para ele ser a pessoa que escolher ser aha portanto ele gostava que eu agisse de igual forma com os meus pais, no entanto as coisas não dão para já e... e não faço muitas intenções de voltar a fazer tudo aquilo que eu fiz e depois dar para o errado, portanto para já eu vou estar no meu canto, vou viver a minha vida normalmente, sou um jovem de 22 anos que namoro, escondido dos meus pais mas para mim eu tenho uma relação perfeitamente estável, para os meus pais, eu sou, para os meus pais e restante família eu sou um jovem de 22 anos, que sai à noite com os amigos e que é uma pessoa feliz...

Investigadora- e que está solteiro?

Entrevistado – e que está solteiro. Exatamente.

Investigadora- e para já é essa a linha de pensamento que tencionas seguir?

Entrevistado – para já, enquanto a vida não me der novas oportunidades, ou enquanto eu achar que não é ainda tempo de dizer as coisas como elas realmente são, sim se calhar vou continuar a viver esta vida dupla, porque também me sinto um bocado mais estável e finalmente acabei por atingir um ponto mais estável na minha vida, que foi a forma que eu arranjei para estar bem com os meus pais e estar bem comigo mesmo e com a relação que tenho atualmente.

Investigadora- saber que de certa forma na tua própria casa, perante os teus pais, estás escondido dentro de ti mesmo, como é que é gerir isso no dia a dia?

Entrevistado – não é fácil, não é uma coisa muito fácil porque eu não posso chegar ao pé dos meus pais e dizer-lhes, olha vou tomar café com o meu namorado, não tenho agora essa confiança para chegar ao pé deles e dizer-lhes isso portanto não é fácil gerir isso porque aquilo que eu realmente gostava era poder chegar ao pé deles e dizer-lhes até amanhã, vou dormir a casa do meu namorado ou vou tomar café com o meu namorado, olha o meu namorado pode vir hoje jantar cá a casa? Gostava que as coisas fossem diferentes, gostava que houvesse outro tipo de pensamento da parte deles, que eles aceitassem melhor as coisas, que pudéssemos agir como se fosse tudo perfeitamente normal e que não houvesse problema nenhum, portanto aquilo que eu gostava realmente era poder ser livre e poder ser direto com os meus pais e poder dizer as coisas como realmente elas são, gostava que eles compreendessem bem as coisas, gostava que por mais que eles não aceitassem, respeitassem aquilo que... a minha... a pessoa que eu sou mas muito sinceramente não estou a ver isso a acontecer durante... em pouco tempo, portanto, isso vai ser um processo demorado, vai demorar algum tempo, se calhar muito tempo.

Investigadora- para já não havendo melhor resolução de momento consegues viver bem com esta situação? E como é que fica então o relacionamento com os teus pais nos dias de hoje?

Entrevistado – eu consigo viver bem porque adaptei-me a esta situação... aham, neste momento eu tenho uma vida dupla, tenho uma vida com os meus pais e com a

minha família e tenho uma vida com o meu namorado e com os amigos que aceitam a minha relação e a pessoa que eu sou, portanto a minha vida neste momento é dupla mas eu adaptei-me a esta situação, eu... vivo bem com isso, portanto para eu não arranjar problemas com os meus pais, acabei por me adaptar à situação em que eu estou atualmente vivo bem da forma que vivo porque acabo por conseguir um nível de felicidade juntamente com a minha família e acabo por conseguir um nível de felicidade juntamente com o meu namorado e com os meus amigos e... e pronto e é isto, é aquilo que consigo descrever melhor de mim e como é que estou atualmente...

Investigadora- muito bem, assim sendo penso que podemos dar por terminado mais uma vez agradeço-te pela tua participação e por poderes revelares todas estas situações.



## **Apêndice B4 - Entrevista a Fábria**

Fábria – 26 anos, Leiria, lésbica. A entrevista foi realizada, na minha casa, uma vez que anteriormente também foi o local de residência da entrevistada e no qual esta se sente confortável e era o local mais prático para a entrevista.

Investigadora- então antes de mais quero-te agradecer pela disponibilidade e colaboração e aquilo que pretendo é tocar em vários pontos da tua vida, quer a tua trajetória familiar, na infância, profissional, depois a nível mais pessoal e íntimo e fazer então uma espécie de biografia sobre todos estes tópicos...

Entrevistada- ok

Investigadora- por isso vamos começar então pelas origens, de onde é que tuas és?

Entrevistada- então eu sou natural das Caldas da Rainha aham, os meus pais são africanos, são angolanos aham...

Investigadora- e sempre viveste nas Caldas?

Entrevistada- vivi nas caldas até aos 20 e... qualquer coisa anos, 22 acho eu, agora tenho 26, foi até aos 22, depois vivi em Lisboa, depois vivi em Leiria e agora vivo no Porto.

Investigadora- e como é que foi a tua infância?

Entrevistada- então, aha, o meu pai trabalha sempre trabalhou na restauração por isso eu nunca tive muito contacto com o meu pai, quer dizer tenho, não me dou mal com ele mas não tive, nunca passei muito tempo com ele porque ele não tinha tempo. A minha mãe sempre teve problemas com o álcool, sempre foi alcoólica e então aham o meu pai não queria que eu passa-se muito tempo com a minha mãe, e o resultado disto é que passei muito tempo com os meus avós.

Investigadora- paternos?

Entrevistada- sim paternos, passei grande parte da minha infância com os meus avós paternos e ainda bem, fui muito feliz com eles.

Investigadora- e não tens irmãos?

Entrevistada- tenho um irmão, mais velho, é filho de outro pai, não do mesmo pai que eu, somos irmãos de parte de mãe, também tenho duas sobrinhas que ele me deu, deu, teve, quer dizer não foi ele que teve foi a minha cunhada mas pronto. Ele neste momento esta a viver em Inglaterra.

Investigadora- e portanto a tua família, dita assim mais nuclear era o teu pai, teu irmão...

Entrevistada- e os meus avós paternos, os meus avós maternos morreram muito cedo e apesar de eu ter alguma recordação deles, eles não fizeram assim, não tiveram muita influência na minha infância em si.

Investigadora- e como é que foi sempre então o relacionamento com o teu pai, com a tua mãe, com o teu irmão?

Entrevistada- com o meu irmão sempre me deu muito bem! Muito bem, sempre brincamos, nunca tivemos, tínhamos aqueles atritos de irmãos mas nada de importante, ele sempre me protegeu de tudo aham e eu sempre recorri a ele. Depois com o meu pai, não nos damos mal, aham, damo-nos bem até, só simplesmente não passamos muito tempo um com o outro porque não havia essa hipótese. Com a minha mãe, depende, ahaaa, sempre foi muito de altos e baixos porque assim como ela teve temporadas em que estava sóbria também teve temporadas que não teve e temos uma relação muito de amor ódio.

Investigadora- e então foi sempre com os teus avós que crescestes e viveste a tua infância?

Entrevistada- sim, sim e com a minha tia madrinha, as minhas férias eram passadas com ela em Lisboa, aham mas durante, enquanto o tempo de escola e durante a

semana estava em casa dos meus pais e à quinta-feira ia para casa dos meus avós, só voltava depois na segunda-feira para casa da minha mãe.

Investigadora- e nunca tiveste acontecimentos marcantes assim no teu núcleo familiar, como alguma morte ou divórcio que te marcassem profundamente e que pudessem até refletir-se numa mudança de personalidade ou mentalidade?

Entrevistada- aha, é assim os meus pais divorciaram-se há muitos anos atrás, tinha 17 anos, há 10 anos, vai fazer 10 anos. Mas a realidade é que eu quis muito que isso acontecesse porque não havia um clima familiar em casa, digamos assim. O meu pai estava sempre ausente, a minha mãe estava bêbada portanto era muito, muito mau, para ambos terem este tipo de relacionamento, era toxico, era toxico, na realidade, não havia grandes discussões, não havia pancadaria nem nada disso, mas era aquele silêncio perturbador que ninguém quer e ninguém merece. Portanto acho que os meus pais se tornaram bem mais, a minha mãe, claro, mas a minha mãe sempre foi muito dramática por isso... aham sofreu entre aspas um bocado mais com o divórcio do que ele, ele a partir daí tornou-se uma pessoa bem mais, tentou e tem tentado estar mais próximo de mim apesar de ser muito difícil para ele, dada a sua situação profissional mas lá está, dou valor ao facto de ter tentado. A única mudança grande que isso me fez foi a ter que, na altura como era menor, ter que escolher ficar com um ou com outro, porque eu por norma já podia escolher e na altura escolhi ficar com o meu pai. Mas em termos psicológicos afetou-me menos do que aquilo que eu estava à espera no fundo, porque eu já sabia o que é que ia acontecer, mas afetou-me menos do que o esperado. Acho que já estava, já tinha consciência do que se passava a minha volta e então não me afetou psicologicamente afetou-me mais a situação da minha mãe que até ainda hoje persiste do que, propriamente o divórcio deles em si.

Investigadora- e depois do divórcio, uma vez que escolheste ficar com o teu pai como é que foi o relacionamento com a tua mãe?

Entrevistada- aham, eu estava com a minha mãe dois dias por semana, e era ótimo porque não entravamos em conflito de maneira nenhuma porque eu nessa altura como já era um pouco mais crescida já tinha consciência de muitas coisas, e então já não entravamos em conflito porque também já não passávamos tanto tempo juntas, a

realidade é essa e enquanto eu lá ia nesses dois dias ela estava impecável, estava sóbria, estava bem, não implicava comigo, não nada. Estava-se bem. Mas tentei sempre manter a distância dela porque a partir desse momento achei que para eu me dar bem com ela, tenho de estar longe dela.

Investigadora- e o teu irmão acabou por ficar com a tua mãe?

Entrevistada- não o meu irmão foi para os fuzileiros.

Investigadora- portanto a tua mãe de certa forma, ficou sozinha?

Entrevistada- sim, ficou sozinha.

Investigadora- mas nunca cortaram relacionamento?

Entrevistada- não.

Investigadora- mesmo após a escolha de ficares com o teu pai?

Entrevistada- não.

Investigadora- ela percebeu?

Entrevistada- é assim, ela não percebeu mas não foi por minha causa. Ela não percebeu foi, sabendo que o meu pai não tinha tempo para mim, porque é que eu fui para a beira dele, aham porque ela nunca, nunca e ainda hoje isso acontece, nunca se apercebeu do mal que é o facto de ela estar no estado em está às vezes... tipo não quer dizer que ela me batesse alguma vez ou isso nunca aconteceu na vida nem tive sequer episódios de violência mas, mas, lá está não é um bom ambiente para ninguém e ela nunca se apercebeu disso e nunca percebeu que eu saí e preferi ficar com o meu pai para não ter que assistir a episódios de decadência da parte dela.

Investigadora- e hoje em dia? Como é que é a relação com a tua mãe?

Entrevistada- hoje em dia, como eu tenho uma... como eu estou mais, digamos que, tenho mais independência a todos os aspetos, já lhe consigo chamar mais à atenção mais vezes e às vezes estou mesmo tempos sem falar com ela para ver se ela percebe que como ela está e como ela sempre foi, não funciona para mim, aham mas quando estou com ela, não entramos em conflito, eu tento chamar à atenção da maneira que posso, da maneira que acho que é melhor, não tem resultado, é verdade, mas eu continuo a fazer o mesmo. Quando vou às Caldas, estou com ela sempre e tamos bem uma com a outra, não temos assim uma relação de melhores amigas nem pouco mais ou menos mas também não nos damos mal, pelo menos não estamos na situação que já tivemos de nos insultar e de nos berrar uma com a outra e tudo mais.

Investigadora- e na tua infância como é que foi a escola?

Entrevistada- a escola foi normal, não tive episódios nenhuns que me marcassem, honestamente. Nem por ser mulata, nem por ser homossexual, não houve nenhum episódio que, que me tivesse marcado negativamente, pelo contrário sempre tive muito boas pessoas à minha volta, professores, alunos, colegas, nunca tive nenhum problema. Tive sempre... claro que não tinha as melhores notas da vida, mas não tinha negativas, eu gostava de estudar, tinha notas razoáveis e a minha situação em casa, nunca perturbou a minha vida de estudante o que é bom, soube separar as águas desde pequenina e também foi os meus avós que me ajudaram nesse aspeto a separar as águas, ah por isso não tenho nada a apontar.

Investigadora- e depois da escola como é que foi o teu percurso profissional? Como é que tem decorrido, que passagens é que tiveste?

Entrevistada- então eu depois de sair da escola tive muito tempo sem fazer nada, aha, depois resolvi que ia tirar um curso, fui tirar um curso na escola de hotelaria, não conclui o curso porque o meu pai começou a entrar em dificuldades económicas e ele não podia sustentar obviamente, e então tive que sair do curso para começar a trabalhar. Foi aí que encontrei trabalho em Lisboa, e mudei-me para Lisboa para ir trabalhar e no fundo, no fundo, foi quando eu comecei também a ter alguma independência a vários níveis, vivia sozinha, tinha a minha casa, as minhas contas, o meu dinheiro, os meus amigos lá, os meus amigos cá, pronto, foi um passo importante na minha vida toda, foi

ter começado a trabalhar a sério, já tinha trabalhado mas aqueles trabalhos de estudante, de estar a estudar e depois ir fazer um part-time, mas a sério a sério foi nessa altura. Aham depois daí de ter trabalhado em Lisboa bastante tempo fui para Leiria, para a mesma loja, aham aí tive algumas dificuldades porque tinha um ambiente de loja completamente diferente, o conceito de loja era totalmente diferente aham, não me dei tão bem como eu queria, não me dei tão bem como eu queria, aham a transferência não foi bem feita, ainda por cima, tinha a possibilidade muito forte de voltar para a loja onde eu estava em Lisboa que ia afetar imenso a minha vida e então acabei por sair da loja e mudei-me então para o Porto onde me estabeleci com a minha companheira, e entretanto arranjei trabalho num restaurante, depois passei para outro restaurante e é onde estou de momento a trabalhar.

Investigadora- relativamente à tua vida mais íntima, és então homossexual como já referiste não é? Ou lésbica, assim por dizer...

Entrevistada- sim.

Investigadora- e quando é que constataste?

Entrevistada- quando é que eu constatei, aham, eu na realidade desde pequenina que sempre fui muito maria-rapaz, sempre gostei muito de andar com os rapazes, jogar à bola e jogar ao berlinde e essas coisas, e aham aproximava-me muito facilmente das raparigas mas lá está a inocência tomava aquela atitude como amizade e eu tive muitas amigas, alguns amigos, bons amigos masculinos mas nunca tive grande interesse propriamente em namorar com eles. Claro que cheguei a namorar com um rapaz, a sério, a sério namorei com um rapaz e depois de ter, ou durante essa relação basicamente foi quando eu percebi que alguma coisa não estava a funcionar ali, porque não havia, não me sentia digamos, completa mas, sentia que não estava a ter aquilo que queria, que queria e que precisava no fundo, eu gostava dele mas no fundo eu gostava dele como pessoa, não para ter uma relação, para ter uma amizade talvez e aí decidi explorar então outros caminhos. Comecei a ver, ler coisas na internet, a ver uma série muito conhecida que é a Letra L, o L Word, a que me ajudou imenso, tenho a dizer, ajudou imenso, e a partir daí aham comecei a, não é a dedicar-me mas a entrar pelo caminho a ver como é que me dava e a verdade é que, quando tive a minha primeira,

primeira namorada, não foi bem namorada mas a primeira pessoa do sexo feminino que eu tive foi quando eu percebi que era aquilo, pronto é isto que me faz falta é uma mulher, tem aquilo que eu quero, que procuro numa pessoa e basicamente foi assim que eu descobri.

Investigadora- isso com que idade?

Entrevistada- isto com... 18 anos, 18/19 anos. Quando me assumi a mim própria foi com 19 anos.

Investigadora- e como é que, como é que reagiste para ti própria, que pensamentos é que te vieram à cabeça quando tiveste realmente essa perceção?

Entrevistada- o primeiro pensamento, não foi pensamento foi preocupação, foi como é que a minha família iria reagir. Porque a sociedade em si não, nunca me interessou muito, aliás eu sou mulata, a nossa sociedade hoje se calhar já nos aceita bem mas a realidade é que uma pessoa que não é propriamente dentro dos parâmetros da sociedade é sempre discriminada de alguma maneira. Eu na realidade nunca senti isso na pele, mas poderia sentir em relação à homossexualidade mas a realidade é que também “tava-me” a “cagar” é mesmo assim, não queria saber, as outras pessoas nunca me interessaram, a mim, eu estava preocupada com a minha família. Eu em relação a mim própria, a partir do momento que senti que era aquilo que queria senti-me realizada porque é um peso que nos sai de cima porque, eu pelo menos estava a viver uma coisa, pensava que era uma coisa que não era e quando vi que, que não era, ok estou mais descansada posso encontrar felicidade com alguém, tá bem que é do sexo feminino mas é alguém não é uma gato por exemplo.

Investigadora- e portanto nunca tiveste pensamentos de que estarias errada ou seria incorreto o que estarias a fazer, seria incorreto?

Entrevistada- não, não, eu tive a certeza que era aquilo que era, foi a iluminação da coisa estas a ver, foi a luz! É isto! E era, e é até hoje...

Investigadora- e sentiste-te bem com essa luz, digamos assim?

Entrevistada- senti-me, foi uma das primeiras reviravoltas na minha vida que correu bem e que, que até hoje me influência de uma boa maneira, aham fez-me sentir melhor, fez-me sentir melhor comigo própria, principalmente aham, deixou me mais tranquila.

Investigadora- e a tua família sabe?

Entrevistada- sabe...

Investigadora- toda?

Entrevistada- toda...

Investigadora- toda, pelo menos a mais familiar....

Entrevistada- sabe, sim, sim sabe. A minha avó, a minha avó, sabe e não sabe, eu nunca lhe quis assumir mas também nunca lhe quis não assumir, percebes? Aha, porque é uma idade que é completamente diferente, temos que admitir isso e a minha preocupação era que ela não, não entendesse, eu sei que ela me ia aceitar, obviamente, sou a pessoa que ela mais ama na vida dela toda, é a neta, a neta querida dela, aham, mas tinha um bocado de medo da reação dela, medo de causar um desgosto, porque lá está é uma idade, uma perspetiva diferente, cresceram num meio diferente e têm uma perspetiva de vida totalmente diferente. Aham, mas ela sabe, elas sabe, porque pelo menos já lhe apresentei duas pessoas, aham e com essas duas pessoas ela relacionou-se muito bem, aha, e o que me faz dizer que ela sabe que eu sou lésbica é várias coisas que ela disse a essas pessoas. Do género: ah trata bem da minha menina, coisas assim, que me fazem ter praticamente a certeza que ela sabe, sem eu lhe ter dito, o que é bom...

Investigadora- mas quando apresentaste essas duas pessoas, apresentaste como namorada?

Entrevistada- não, não, apresentei como minha amiga, mas a minha avó ela percebe as coisas, sempre percebeu e mesmo agora que está meio “choné”, ela consegue perceber às mesma.

Investigadora- e como é que foi com a tua mãe?

Entrevistada- com a minha mãe foi aaaa, foi a reação mais espantosa que eu estava, que eu tava, olha eu não estava à, foi incrível mesmo! Ahhh, eu nesse dia pensei: quem és tu e onde é que está a minha mãe? Porque nunca pensei que ela fosse reagir assim, ela sempre foi uma pessoa de família, de ter netos e não sei quê, não é que eu não lhos possa dar mas é diferente e dado o histórico dramático dela, pensava que ela ia reagir de outra forma, mesmo assim tive a coragem de me assumir, porque achava necessário, precisava disso, aha, e quando me assumi, ela simplesmente agarrou-me e disse-me: ai filha! Que alívio! Eu pensava que estavas grávida! Eu eu: pronto mãe, não, sou lésbica, sou homossexual e ela: ai filha, que alívio que alívio não te preocupes que eu... olha tens alguém? Eu quero conhecer e não sei o quê... a mãe está bem com isso, não te preocupes, eu já tive amigas que eram gay, sim porque pra ela toda a gente é gay, seja lésbica, pansexual, tudo é gay, ela diz que eu sou gay! (ainda a mãe) já tive amigas e amigos gays e gosto muito da ellen! (risos) e tipo, foi tranquilo... uns dias depois apresentei a minha namorada na altura, ficaram a dar-se super bem tipo ela dava-se melhor com a minha namorada do que comigo, que era uma cena tipo absolutamente fenomenal e incrível, ela nessa altura por acaso teve sóbria, teve sóbria durante muito tempo nessa altura e foi tipo uma reação espantosa tipo, what? Foi como quando ela descobriu que eu fumava, foi tipo ai fumas, então dá cá um cigarro! Ela também sempre fumou, foi uma cena tipo surpreendente. daquelas que nunca ninguém está à espera que a mãe tenha.

Investigadora- e essa afirmação foi direta? Foi: olha mãe, sou lésbica! Ou foi por uma conversa, como é que decorreu esse passo de afirmação?

Entrevistada- então, eu na altura andava, passei uns tempos em casa da minha mãe porque ela tinha, tinha tido uma problema de saúde qualquer, e, que agora nem me recordo assim com... ah ela tinha tido um principio de AVC, nessa altura, e ela precisava de acompanhamento em casa, e então fui para lá para casa nessa altura. Tive lá ainda bastante tempo, tipo uns 3 meses, para aí não sei... aham, mas eu muitas vezes saí de casa e dizia, olha vou dormir a casa de uma amiga. Isso aconteceu, foi acontecendo várias vezes e ela estava a achar estranho, estranhava que eu estava em casa e trancava-me no quarto a falar ao telefone aham e coisas assim, e ela estava a

começar com aquelas perguntas de mãe, chatas, que uma pessoa não quer responder e depois tipo, numa dessas ocasiões de perguntas chatas eu disse-lhe tipo: olha mãe, não se passa nada, eu não ando na droga, não é nada disso, eu simplesmente descobri que gosto de mulheres. E ela: ai filha! Foi a tal reação, eu pensei que estivesse grávida ou que tivesse na droga, ou assim... e eu pronto, não estou, só gosto de mulheres. Pronto! Que alívio... foi um alívio para ela, no fundo no fundo foi um alívio e ela, pronto ela aceita-me como eu sou. Só não aceita algumas atitudes que eu tenho mas lá está, as atitudes que eu tenho com ela é simplesmente pela maneira como ela é e pela doença que ela tem, nada mais.

Investigadora- e com o teu pai? Como é que foi esse processo todo?

Entrevistada- então, o meu pai é uma pessoa muito sensível, ele é assim uma pessoa muito espiritual, muito sensível, muito calmo, ele é igualzinho a mim... e então quando eu, quando eu, quando eu disse à minha mãe, ela perguntou-me logo já disseste ao teu pai? E eu disse que não, não disse mas vou dizer, e não sei o quê... e então uma vez qualquer, que eu por acaso encontrei o meu pai na rua, assim aleatoriamente ah, estávamos a conversar normalmente, então como é que vais... e não sei o quê? E eu: olha pai, tive a falar com a mãe e há uma coisa que quero-te dizer, ah já lhe disse a ela e acho importante que tu saibas obviamente... e depois disse-lhe, larguei a bomba, a dita bomba, que eu era lésbica e tinha uma companheira e não sei quê, e ele disse, ele não é um homem de muitas palavras, o meu pai nunca foi um homem de muitas palavras mas ele disse que já sabia e que sentia no fundo e que não tinha problemas nenhuns com isso, só queria que eu estivesse bem, me sentisse bem e que fosse feliz, que não havia problema nenhum, e pronto foi basicamente assim porque ele, não é um homem de muitas palavras, mais tarde também lhe apresentei a minha companheira na altura, e também teve uma, teve uma ótima reação, não posso dizer que não. A minha tia também, que é um bocado mais assim, tem um feitio mais complicado, que ela é um bocado tia de cascais e então é assim um bocado mais (... Pronuncia de gozo ...) a ela tive um bocado de receio de contar porque no fundo ela é a minha tia madrinha, deu-me muita coisa na minha vida, muita coisa mesmo aham e ela tinha sempre uma perspectiva, um plano de vida para mim que eu não tinha, que era seguir a vida que as filhas das amigas faziam que era ir para a universidade, eram todas “pipis”, todas assim, assado, cozido e frito, uma vida que eu não queria, e então tinha receio de contar-lhe mas depois

contei-lhe aham, tava, ela tinha ido às Caldas, tavamos no carro e eu aproveitei a ocasião que estávamos sozinhas e contei-lhe. Ela também teve uma reação incrível, incrível, disse que eu devia-lhe ter contado logo quando soube porque uma das melhores amigas da minha tia é lésbica e eu já sabia disso, uma das melhores amigas da minha tia é lésbica e ela disse-me podias ter tido muito mais apoio, tanto da minha parte como da minha amiga e não sei o quê... e então tipo pronto, foi assim uma reação fantástica, depois só faltava a parte da minha mãe, portanto as minhas tias de parte da minha mãe, que também todas elas reagiram super bem, os meus primos, toda a gente super bem, não houve ninguém que dissesse nada de mal, nada, nem reagisse mais nem pouco mais ou menos, as minhas tias, lá está são angolanas e como elas dizem angolano que se preze, recebe toda a gente na família e também receberam na altura a minha companheira de braços abertos fizeram uma festa, abraçaram deram beijos foi uma coisa, espetacular mesmo (risos) e o meu irmão idem em aspás, mas o meu irmão foi o primeiro a saber.

Investigadora- e também sempre teve uma boa reação?

Entrevistada- é ele é logo, vamos às gajas atão? Pronto esta bém, vamos. Ele é muito... uma pessoa muito dada às mulheres....

Investigadora- e os amigos da escola?

Entrevistada- os amigos da escola, houve quem não acreditasse à primeira, não sei porquê, mas houve quem não acreditasse à primeira, mas lá está, também já é outra geração, demoraram um bocado a interiorizar a informação, porque não estavam habituadas, digamos assim, mas depois reagiram bem, é assim, eu depois de ter saído, e de ter começado a trabalhar não tive mais contacto com eles, mas claro que houve ocasiões que nos encontrávamos nas Caldas e que surgia em conversa, porque uma tinha namorado e eu, não é dizia, não tinha problemas em dizer e nunca tiveram uma reação má, claro que não continuamos BFF's a partir dessa altura porque circunstâncias da vida, não foi por nada mais, tanto que eu falo com algumas de vez em quando, quando o rei faz anos aham e não há problema nenhum, perguntam-me se estou bem, como estou, se estou com a minha companheira, estás com x, estás com y... e as minhas amigas mais próximas que também souberam logo praticamente, disseram logo que já

sabiam, lá no fundo da alminha delas e que não havia problemas, (risos) aliás houve pessoas que se converteram nessa altura ou decidiram explorar outros caminhos, porque também sentiam que não estavam bem, bem como estavam, e que se calhar deviam experimentar a outra faceta da vida, houve pessoas que enveredaram por esse caminho outras pessoas que não, que acharam que afinal não é isto, mas a verdade é que servi um bocado de inspiração para algumas pessoas, nesse aspeto.

Investigadora- nunca sentiste rejeição, afastamento de ninguém devido ao facto de seres lésbica?

Entrevistada- ninguém, ninguém, tive pessoas fantásticas desde amigos a familiares disso eu não tenho razão de queixa.

Investigadora- e com colegas de trabalho?

Entrevistada- com colegas de trabalho também não, eu quando comecei a trabalhar na loja em Lisboa, aham, a minha madrinha de loja que era muito divertida, super divertida, aham, já tinha uma afilhada de loja que era lésbica, aham, e depois calhou, estávamos a conversar e não sei o quê, e calhou referir à minha namorada, porque é tão natural para mim que eu digo do tipo tranquilamente seja a quem for, não tenho problemas nenhuns, se alguém tiver tem bom remédio, não é, ide para um certo sitio que nós sabemos! Para mim é igual, mas calhou naturalmente em conversa e eu referi-me à minha namorada e ela: ai também és lésbica! Ah, sabes que a minha afilhada Inês também é? E não sei o quê, foi grande cena e a partir daí todas elas souberam, até a Martinha que era a mais distraída delas todas, soube e não tive, até porque era uma loja, estamos a falar de uma loja que a maior parte da população masculina da loja é gay e hoje em dia no meu trabalho, eu trabalho com a minha namorada, os meus patrões sabem, tão sempre à espera do casamento e o meu patrão quer-me fazer o meu casamento aham e não tive nenhum problema por causa disso até hoje, posso vir a ter, nunca se sabe, mas até hoje não tive razão de queixa.

Investigadora- e porque é que sentiste que tinhas de te afirmar?

Entrevistada- porque é necessário! Uma pessoa não vai viver na sombra não é, na escuridão! Uma pessoa, seja o que for, seja lésbica, gay, seja transsexual, o que seja, tem que, não tem que escarrapachar na cara de toda a gente: olha sou lésbica, olha sou lésbica, olha sou lésbica, mas também não tem que se esconder na escuridão, se calha estar a falar com alguém e calha em conversa, namorado não sei o quê, não há não vejo porque não a pessoa assumir, não digo assumir a sua orientação sexual, mas assumir a sua relação, eu pelo menos sinto isso e não, acho que não tenho necessidade nenhuma de esconder, também não tenho necessidade nenhuma de estar a escarrapachar na cara das pessoas lá está, mas quando há contexto e quando há oportunidade para, não uma oportunidade criada de propósito mas lá está, em conversa, se tiver que dizer eu digo e não tenho problemas com isso e acho que é uma coisa que é mesmo necessário para uma pessoa, que vá entre aspas, é diferente que não é, não é diferente é o mesmo que outras pessoas, pode se sentir diferente porque se sente sempre, a nossa sociedade faz o favor de nos fazer sentir diferente aham, mas a realidade é que não somos e acho que é importante fazer isso é uma questão de... também de autoestima, não é? Tipo ela é a pessoa que é e não vai viver nas sombras, nem na escuridão, nem uma mentira para os outros, porque é uma mentira para os outros, e para ela própria acho que é mesmo necessário que haja essa coragem, eu sei que é preciso coragem, é porque nem todas as famílias são como a minha, nem todos os amigos são como os meus, mas é um passo fundamental para que a pessoa se sinta bem com ela própria. Porque o assumir a ela própria é ótimo, mas outras pessoas saberem é melhor ainda.

Investigadora- achas que é uma questão de conforto?

Entrevistada- é! É eu sinto-me mais confortável com as outras pessoas saberem. Claro que nem todos... é como eu digo: nem todas as famílias são como a minha, nem amigos, nem etc. mas ao menos a pessoa não está a viver uma mentira nem está a viver de baixo da mesa, nem naquela sombrinha, nem naquele quarto escuro, ao menos é aquilo que é e assume que é aquilo que é! E vive isso, tem que viver e o viver implica, viver situações boas, e viver situações más implica isso tudo e se o assumir para todo o mundo implica más reações, e boas reações aliás, principalmente as más reações a pessoa já está à espera disso mas só tem que aguentar, mas no fundo quando o faz é um alívio, mesmo que a reação da outra pessoa seja má, é uma alívio, já está foi percebes, depois a outra parte é uma parte que work in progress, tas a ver? No fundo, no fundo,

hoje em dia e numa certa faixa etária até uma outra certa faixa etária já se começa a moldar um bocado as mentes e já começa a ver um bocado mais de aceitação, é preciso é ter a coragem e a consciência de que é importante fazer isso. É importante, é um passo fundamental.

Investigadora- então tu optas por dar essa afirmação, dar esse esclarecimento de uma forma natural, ou seja, dar a ideia de que é uma coisa natural como qualquer outro relacionamento, é isso?

Entrevistada- é.

Investigadora- e nunca te arrependeste então de contar a ninguém...?

Entrevistada- nunca me arrependi, acho que foi a melhor coisa que fiz até hoje, porque assim eu não.... Já viste aquela... já tiveste aquela sensação, tipo, estás numa mesa com sei lá, pessoas que acabaste de conhecer tens uma amiga tua e depois estás com os amigos dela. Depois está tudo a falar, ai o meu namorado assim, eu fiz isto, ai o meu namorado aquilo e não sei que mais e isto e isto e tu estás a olhar, à espera que alguém te vá perguntar alguma coisa. Tu estás a pensar, eles vão-me perguntar e agora? O que é que eu vou dizer? Será que digo que a minha namorada é um namorado? Ou será que eu digo que a minha namorada é a minha namorada? Que reações é que eu vou causar? E tipo é uma coisa que é completamente desnecessária tu estares com essa preocupação na tua cabeça, no fundo estás com o teu tiki e teko lá dentro em conflito a causar uma dor de cabeça que é completamente desnecessário, até porque ninguém tem nada a ver com a tua vida, primeiro, e mais importante e depois porque uma simples palavra como namorada, da tua parte enquanto pessoa do sexo feminino não é nada! Se chagasses ali e disseses, ah eu sou da ISIS, eu faço parte da ISIS, eu sou terrorista! Acho que causava mais impacto digo eu! Não é? Portanto acho que é uma coisa que deve sair de maneira natural e digo isto como digo a qualquer pessoa que conheço hoje em dia e que não se assumiu e tem essa vontade, porque eu conheço pessoas que não se assumiram e têm essa vontade e a minha cena é tipo tens de levar a cena como natural. Se calhar até se calhar em conversa com uma multidão ninguém vai se aperceber! Ou então toda a gente: pera! Parou! Como assim namorada?! Sim namorada e então? Ao

menos tenho uma relação, não sou como vocês frustradas, bichas! (já no gozo com a situação) beijinho no ombro! (risos). É um bocado assim...

Investigadora- então e no teu grupo, assim, de amigos, no teu âmbito mais social, qual é no geral a orientação sexual deles?

Entrevistada- é assim, eu não tenho muitos amigos gay's, ah homens, tenho alguns, tenho um mix, homens héteros e homens gay's. Mulheres a maior parte delas são lésbicas.

Investigadora- e esse tipo de amizade e de grupo é algo que surge naturalmente ou é algo que se procura, no fundo para se inserir num contexto?

Entrevistada- não, não, é natural... é naturalmente até porque, é assim, eu também tenho amigas héteros, atenção, só estou a dizer que a maior parte delas são lésbicas, mas são porque, pronto algumas eu andei com elas, é um problema dentro deste mundo e tornaram-se minhas amigas, outras que são lésbicas porque são, tenho uma amiga que é de infância mesmo e é lésbica, outras que viraram, outras porque eu conheci em ambientes também homossexuais e que se tornaram grandes amigas, outras porque são namoradas de amigas minhas, pronto acaba por se criar ali um grupo que é maioritariamente lésbico mas também tenho amigas heterossexuais e que se inserem, aliás já tive amigas heterossexuais que chegaram a sair comigo para sítios gay's, sítios LGBT, foi tipo... a cena! Elas sentiram-se em casa quase mas pronto continuam a ser heterossexuais e não há nenhum problema com isso, assim como não havia nenhum problema de fossem lésbicas, pansexuais, transsexuais, what ever.

Investigadora- e em relação à tua vida mais íntima e de cariz sexual, quando é que tiveste a primeira experiência? Ou melhor, tiveste alguma experiência com homens?

Entrevistada- tive, tive porque achei que era aquele ponto que devia esclarecer comigo própria, e foi bom ter feito porque realmente esclareceu, (riso), tenho que dizer, foi a minha primeira experiência sexual de todo foi com um homem, aham, e sim serviu-me, tenho que confessar que serviu mais para afirmar aquilo que no fundo, no fundo, no fundo eu já sabia que era. É uma verdade. Depois aham, logo que assumi não

tive logo uma relação, uma relação sexual com uma mulher, ainda passou algum tempo, não passou anos mas passou algum tempinho e depois sim, achei que, que devia, até porque eu não sabia o que havia de fazer, é uma realidade não é? Acontece com todas as situações homem ou mulher, uma pessoa não sabe o que é que há de fazer com aquilo aham, e depois, deixei-me, deixei-me ir, pronto, tinha confiança com a pessoa a coisa desenvolveu-se e pronto tive a minha primeira vez lésbica.

Investigadora- com o rapaz que idade é que tinhas?

Entrevistada- tinha... acho que já tinha feito 18...

Investigadora- e o que é que sentiste? Como é que foi para ti?

Entrevistada- foi aham das coisas mais aborrecidas que existe à face da terra. Tenho a dizer... não havia... foi frio...foi... é o que posso dizer foi frio, foi estranho, foi duas coisas ali a tocar-se nada intrínseco, foi tudo muito superficial para mim, não senti o que se calhar deveria sentir.

Investigadora- e depois quando tiveste oportunidade de estar com uma rapariga?

Entrevistada- ai foi, foi todo um êxtase, foi um, foi... foi calor, foi bastante calor, foi fantástico, mesmo porque, é completamente diferente é... é uma absorção de energia e de química e ... é bué de cenas a acontecer ao mesmo tempo, é memo bom... nem é a parte do teres um orgasmo ou não teres um orgasmo, é aquela parte que é mágica e que uma mulher conhece e a outra também e é diferente, acho que dá para aprofundar muito mais, aham, numa relação assim lésbica dá para aprofundar muito mais os desejos e os corpos de uma outra mulher, sendo tu mulher do que com um homem, não é tão frio, eu acho, não é tunga tunga e já está! É mais... há mais coisas a acontecerem.

Investigadora- e nunca puseste em questão que o problema seria do rapaz, nunca puseste a hipótese que se calhar se fosse outro tinha decorrido de outra maneira ou seria diferente?

Entrevistada- não, eu vi porno eu sei, não vi porno lésbico, acho que é uma bocado falso, não vejam! Vais pôr isto?

Investigadora- (aceno com a cabeça que sim)

Entrevistada- ok (rindo)

Investigadora- e... depois dessas experiências, com raparigas sempre equacionaste tudo de uma forma natural e espontânea para ti? Nunca houve, outra vez, aqueles pensamentos de negatividade e de erro e de...

Entrevistada- não, eu depois só quis é mais...

Investigadora- e na altura namoravas com essa rapariga ou foi algo mais casual?

Entrevistada- foi algo mais casual, íamos estando, não namorávamos, íamos estando...

Investigadora- e neste momento?

Entrevistada- neste momento tenho uma relação estável há 1 ano e e... qualquer coisa... 1 ano e 4 meses sim, 1 ano e 4 meses. Vivo com ela, trabalho com ela, temos uma relação aham, é assim é uma relação estável, temos os nossos problemas como todos os casais, sejam heterossexuais sejam homossexuais, aham, gostamos muito uma da outra, mesmo muito, às vezes é difícil expressar, tanto para mim como para ela, dado o tempo que vivemos juntas, estamos juntas... Às vezes não nos expressamos mas a realidade é que sabemos o quão grande é aquilo que sentimos uma pela outra e temos uma vida sexual agora um bocado mais fraca porque lá está os tempos exigem mais descanso (risos), aham mas a realidade é que estamos bem, eu sinto-me bem, tenho uma relação fantástica, aham as pessoas sabem a minha família sabe já a conheceu manda comida para ela é uma coisa fantástica, é uma realidade, estão sempre a perguntar por ela, mandam beijinhos para ela é tipo quer dizer...

Investigadora- e como é que é vivido esse relacionamento em espaços sociais?

Entrevistada- é assim, nós não somos pessoas, nem eu nem ela, de demonstrações públicas de afeto aha, aliás eu nunca fui nem com homens nem com mulheres, não somos assim, andamos de mão dada, muitas vezes, aham, ela não tem problemas nenhuns em dar-me um beijo na boca no meio da rua, nem eu a ela quando calha damos, não nos sentimos obrigadas “a” nem queremos estar a chocar ninguém, é o que é uma vida normal eu saio de casa, por exemplo quando eu sai agora de casa para ir para as Caldas, ela veio até ca fora, à porta do táxi e deu-me um beijo e o taxista ali, uma coisa perfeitamente natural para nós, ele também não reagiu, nem sei se viu sequer, mas pronto lá está não é uma coisa que nos, que nos, impeça de fazer seja o que for, não fazemos porque não é do nosso feitio fazer mas quando fazemos também não é... é uma coisa normal, sai normalmente, naturalmente...

Investigadora- nunca se inibiram por estarem em público, na rua?

Entrevistada- exato, não, é tranquilo...

Investigadora- e nunca sentiram nenhuma reação por parte de pessoas que vão na rua ou...

Entrevistada- não, não não... não.

Investigadora- sempre foi tudo muito normal?

Entrevistada- sim. Até porque nós quando estamos, por exemplo quando andamos na rua de mão dada, nem...nem sentimos, para já eu nem sequer estou atenta ao que as pessoas estão a ver ou deixam de ver ou reagem ou deixam de reagir... nunca ninguém veio à nossa beira chamar-nos lésbicas, ou lambe cricas ou lá o que for, nem pouco mais ou menos, aham, mas lá está também estamos numa cidade grande e parecendo que não é diferente se calhar se eu andasse mais vezes de mão dada e a dar beijos na boca nas Caldas, era mais julgada, tinha mais olhares, e se calhar ai eu conseguia aperceber-me mas aham, lá não.

Investigadora- consolidando assim tudo, neste momento sentes-te realizada a nível pessoal, emocional?

Entrevistada- é assim, a nível pessoal a nível de relação tou realizada. Tou com uma mulher fantástica, tenho uma relação fantástica, falta-me só ajustar a minha parte profissional, para me sentir completamente realizada, acho que a nível familiar podia estar um bocadinho melhor, mas por razões financeiras e por eles próprios não só por mim, mas eu... grande parte daquilo que sou e da felicidade que sinto é graças à minha relação principalmente a minha relação, portanto amorosa.

Investigadora- muito bem. Obrigada mais uma vez e é isto esta feito.

Entrevistada- de nada.



## **Apêndice B5 - Entrevista a Will**

Will – 25 anos, Leiria, homossexual. A entrevista foi realizada, numa sala de reunião do seu local de trabalho em horário pós laboral. Trata-se de um local no qual o entrevistado se sente confortável e era o local mais prático para a mesma. Entrevista realizada a 29 de junho de 2016.

Investigadora- Obrigada pela tua colaboração, ham, vou então tocar em alguns pontos da tua vida isto é basicamente uma biografia, uma espécie de biografia, pontos mais importantes da tua vida e... tu vais falando pela tua vontade, contar aquilo que achas mais importante dentro do tópico que te vou perguntando, pronto.

Entrevistado – Tá bem!

Investigadora – então começando pela tua origem, tu nascente aqui em Leiria?

Entrevistado – nasci aqui em Leiria.

Investigadora- mais concretamente em?

Entrevistado – no hospital D. Manuel de Aguiar (risos)

Investigadora- e a tua terra...

Entrevistado –e eu moro na Caranguejeira, que é do conselho de Leiria.

Investigadora- ok. Portanto é um meio mais rural, não tão citadino é isso?

Entrevistado – é mais rural... sim... pode-se considerar que é rural estamos a 11/12km's de Leiria aham, tem lá uma parte urbana, não é só mesmo, quer dizer se falarmos da tipologia do edificado... mas é rural, predominantemente rural.

Investigadora- então e a tua família mais nuclear é composta por quem? quais são os elementos?

Entrevistado – pai, mãe, irmã, eu. E dois cães pronto (risos).

Investigadora- a irmã, é mais nova? É mais velha?

Entrevistado –mais velha.

Investigadora- sendo que tu tens?

Entrevistado –tenho 25.

Investigadora- ok. E como é que é a relação com esses familiares mais próximos?

Entrevistado – aham, tenho uma boa relação, tenho uma boa relação com os meus pais, aham, com a minha irmã, não tenho tanta proximidade como gostaria de ter, mas também foi... acho que isso foi motivado porque aham, na altura em que nós podíamos ter criado maiores laços foi na adolescência, ahhh temos 6 anos de diferença e portanto à minha irmã era um bocado imaturo, eu era imaturo na adolescência dela, portanto ela não queria lidar comigo e depois na altura em que comecei a crescer e a querer relacionar-me melhor com ela, ela também entretanto... depois saiu de casa, esta a viver com o namorado e portanto nunca houve aquela oportunidade de criar aquela ligação mais próxima, dou-me muito bem com a minha irmã, gosto muito da minha irmã, ahhh mas não tenho... gostava de ter uma relação muito mais próxima, quase confidente mas não tenho, pronto, sinto um bocadinho falta disso. Agora com os meus pais tenho uma relação mais fam... melhor com a minha mãe, se bem que a minha mãe é um bocadinho mais intolerante que o meu pai e eu com o meu pai, eu também gosto muito dele, ele também gosta muito de mim, às vezes colidimos por... por feitiços, aham e também porque, tenho às vezes pouca paciência para as conversas que ele tem e também o contrário pronto, mas, no geral com os meus pais tenho uma boa relação, com a minha irmã também tenho mas não é tão próxima como eu gostaria que fosse.

Investigadora- ainda vives com os teus pais?

Entrevistado – ainda vivo com os meus pais.

Investigadora- ok. Portanto a nível familiar sentes que tens um bom ambiente familiar, dentro daquilo que é considerado...

Entrevistado – ótimo, ótimo ambiente familiar, sim, não ponho isso em causa.

Investigadora- ok. Os teus pais são casados ainda?

Entrevistado – os meus pais são casados.

Investigadora- e nunca tiveste assim na tua família nenhum acontecimento que fosse mais marcante, lá está divórcio se calhar não é o caso, mas por exemplo alguma morte, alguma perda que significasse para ti e que pudesse levar a uma mudança de personalidade, da tua forma de pensar, uma perda significativa?

Entrevistado – sim... não. Não vejo, não porque pronto, as mortes que têm acontecido na minha família têm sido sempre por causas naturais ou por questões de doenças e não tem sido no núcleo próximo, tem sido a família mas num espetro geral, pronto. Eu não conheci o meu avô da parte da minha mãe, ele morreu em 86 a minha avó morreu, da parte da minha mãe, também morreu 10 anos depois e não... era pequeno, portanto tenho vaga memória, vagas memórias dela, ela também já estava acamada na altura em que eu me lembro dela e depois a mais recente foi a morte da minha avó do lado do meu pai mas pronto como o meu pai não é da Caranguejeira, é de outra terra, a relação também com os meus avós não era assim, não tinha muita proximidade com os meus avós. Visitava-os quase todos os... talvez mês sim, mês não, ou mês a mês, mas não havia aquela proximidade de avós e netos, portanto não houve ali nada que eu considerasse que afetasse o núcleo familiar ou mesmo a mim próprio, a mim mesmo. Talvez vá me custar mais a perda, lá está dos meus pais ou da minha irmã (bate 3 vezes na mesa), mas na eventualidade vá de as coisas acontecerem, acho que me vai custar mais a perda de alguns amigos do que propriamente estas perdas que tive. Não desfazendo as pessoas que eram mas (riso).

Investigadora- então e ao nível da tua infância, foi uma infância que decorreu de uma maneira natural, normal, sem grandes percalços?

Entrevistado – sim, sim, sim, sem percalços nenhuns, tinha ... sempre fui uma pessoa muito... muito, sempre fui muito aham, talvez um pouco reservado quando era pequeno aham, não era... os meus pais por exemplo levavam-me à rua, a falar com as pessoas tinha sempre aquela timidez que acho que era normal e depois sempre... em termos escolares sempre fui muito, muito... como é que hei-de de arranjar a palavra, muito certinho e respeitava muito as pessoas mas quando me passava, quando me apertavam os calos, que era mesmo assim, barafustava e mandei calar professores, agredi um ou outro colega mas no geral, foi uma infância muito feliz. Tive oportunidade de estar, viver num sitio onde tinha amigos da minha idade e poder brincar com eles todos os dias, aham ainda passei aquela geração de ir brincar na rua, à parte gameboy's e essas coisas todas, mas dava para brincar na rua grande parte dos dias, mas no geral foi uma infância muito feliz e não tive nenhum dissabor...

Investigadora- nem traumas? Situações desagradáveis que hoje recordes, possam ter marcado?

Entrevistado – não, não, assim de repente não, sei lá à coisas que me recordo de infância menos boas, aham uma coisa que me marcou e ainda há pouco estávamos a falar de mortes, mas nem se pode falar de infância porque eu já era pré adolescente, já tinha 12 anos quando tive a primeira morte, quando tive de lidar com a primeira morte dentro da família, que foi um tio já bastante velho e em que a minha mãe, e foi uma coisa que nunca me esqueci, fiquei noites e noites sem dormir. A minha mãe pronto soube que o meu tio tinha morrido, e a minha mãe depois vai me buscar à escola com uma camisola preta aha, e eu para que é que é isto? E ela ah temos de ir a funeral do teu tio e eu pronto ok nunca tinha ido a um funeral e não sei quê. Pior de tudo é que me meteram na fila da frente, com o caixão, tava aberto e portanto não consegui evitar olhar para o defunto e pronto tive um trauma, mas foi de uma semana. E eu aos 12 anos tive de pedir à minha mãe, a minha mãe acabou pronto por ir dormir comigo, acho que essa é aquela coisa que me deixou mais traumatizado aha, eu ainda hoje, pronto, entretanto morreram mais pessoas da família, uma coisa que evito sempre pronto é ir a camara ardente ou velório, vou ao funeral mas evito, é aquela coisa, prefiro recordar-me das pessoas em vivo, elas vivas do que mortas. Tenho um bocadinho de dificuldade de digerir isso. Mas de resto, em termos de infância, qualquer coisa que me tenha influenciado não, nem nada assim de negativo, às vezes mau comportamento, ou às

vezes algum estalo que os meus pais me possam ter dado, mas acho que não, não foi por aí, pronto (risos).

Investigadora- e a nível da tua escolaridade, foi uma escolaridade sempre, como já disseste eras dedicado à escola, sempre certinho...

Entrevistado – sim, aham, posso dizer-te talvez do... entrei para a escola no primeiro ano já sabia ler e escrever, aham, tive sempre excelentes notas até, até vá, mais ou menos ao 9º ano, no 9º ano comecei a derrapar um bocado nomeadamente a matemática depois no secundário depois fui para ciências, também foi um bocadinho complicado, tive em risco de chumbar mas, tive em risco de chumbar mas depois quando decidi optar pela minha área profissional aha, e pelo curso que fiz, consegui recuperar as notas e não me considero uma pessoa minimamente inteligente e acho que consegui dar a volta por cima mas foi um percurso sempre, mesmo mesmo quando tive as más notas não foi por mau comportamento, foi simplesmente porque acho que também estava a tentar decidir realmente o que é que queria e via que aquelas áreas não eram tão interessantes para mim e acabei por as deixar um pouco de lado mas sempre lá está, sempre tive uma atitude de ser uma pessoa certa, correto de bom comportamento no geral portanto, tudo tranquilo...

Eu- e depois então continuaste, prosseguiste os estudos e foste para o ensino superior?

Entrevistado – fui para o ensino superior, estudei aqui em Leiria. Acho que foi uma das coisas que me fez falta foi ter saído, foi ter saído daqui. Não o fiz por questões, não queria também ser um grande fardo para os meus pais em termos monetários, porque eles é que me pagaram os estudos, mantive-me aqui em Leiria, aha, estudei marketing e depois licenciiei-me aha, e tenho tido um percurso profissional em que tenho tido estar a trabalhar na área e acho que... que por algum motivo é. Mas foi a partir daí do ensino superior que comecei a recuperar as notas e... e a corrigir um bocado o comportamento errático, vá que tive em termos académicos, mas... correu bem. Mas acho que sinto falta da tal questão, devia ter saído daqui porque acho que hoje seria uma pessoa bem mais independente do que sou. Porque eu ainda tenho uma grande ligação com os meus pais, lá está eu continuo a viver com os meus pais, mas acho que se tivesse

tido dado o salto aos 18 anos ter ido estudar para outro sitio, fosse para onde fosse, que estaria hoje muito mais independente e não teria de prestar tantas satisfações às pessoas que me rodeiam.

Investigadora- e tens ideia se os teus pais aham, tinham ambições para ti quando eras masi novo, o que é que pensavam que poderias ser, fazer...

Entrevistado – em termos profissionais sempre me falaram, aconselharam para certos caminhos. Aham, e depois eu acho que todos os pais, acabam por, por imaginar os filhos a longo prazo como é que eles vão ser no futuro, aquela coisa de casar ter filhos, aha, ter uma família uma casa própria, ter um bom emprego tudo mais, a única coisa que... onde eles interferiam, nem é interferiam porque eles não condicionaram as minhas escolhas, mas o meu pai era sempre vai para padre, ou ou vai para arquiteto, porque eu quando era pequeno gostava de fazer muitas coisas tipo, gostava de desenhar carros, gostava de desenhar casas, gostava de desenhar estradas, gostava ... também fazia logótipos, tinha lá uma serie de camiões, punha lá publicidade e essas coisas todas e dava... se calhar tinha jeito para as artes e acabei por não optar por ir para artes, é se calhar uma das coisas que me arrependo mas... mas é aquela coisa, vai para arquiteto, vai para engenheiro, vai para médico, para aquelas profissões que supostamente dão um bocadinho mais de estatuto, era aquela coisa que eles diziam mas nunca ah, tens de estudar para isto. Não, nunca interferiram nessa... nisso. Aham agora de certeza que eles criaram expectativas e eu agora vejo, mais recentemente vejo isso pela... alguma pressão que eles exercem mais na minha irmã, porque ela é mais velha, já tem idade para ter filhos e ainda não tem, não está casada ainda só está a viver junto e é aquela coisa... vejo que há ali uma pressão e que os meus pais queriam ok casa-te, tem filhos, tem a tua própria casa e essas coisas todas, mas nada que eles influenciassem diretamente isso não, nunca aconteceu.

Investigadora- relativamente à tua pessoa, àquilo que és de uma forma mais íntima, aha, e tocando já diretamente na tua orientação sexual, qual é que é?

Entrevistado – sou gay

Investigadora- ok e com que idade é que constatas-te esse facto?

Entrevistado – aha, hum, foi uma cena muito específica, foi aos 15 anos, aha, foi aos 15 anos, até essa idade nunca tinha pensado muito nisso, ou se calhar nunca valorizei, tive aquelas namoradas de 2 ou 3 dias, aham, uma ou duas mas nem sequer houve beijos nem nada, eu aí era muito mais atrasado do que os meus colegas, ou seja, nem nem... experimentei o sexo oposto digamos assim. Mas foi nos 15 anos porque sei que estava... numa festa lá da terra, aham, e tipo, estava uma banda a atuar, não me lembro quem eram, também eram daquelas de terriola, não tem... não é conhecida, mas lembro-me de estar a olhar para um rapaz, nem me lembro se era baterista, guitarrista ou nem sei o quê, mas estava-me a sentir completamente atraído e depois cheguei a casa completamente confuso e não sabia o que é que havia de fazer à minha vida ainda por cima porque não estava a perceber nada do que estava a acontecer. Mas depois, isso entretanto acho que optei por ignorar um pouco... optei por ignorar esses sentimentos e tentei abstrair-me muito disso, continuei a ter os meus amigos, valorizei muito mais as amizades do que propriamente as relações, acho que isso só despertou depois mais tarde, aha, e inclusive aí tive uma situação um pouco estranha e havia uma rapariga com quem eu me dava muito bem e não sei porquê, sentia-me atraído por ela e íamos numa visita de estudo e descobri que ela andou a curtir com um rapaz que eu tipo olhava para aquilo e era um saco de batatas basicamente. Eu lembro-me que fui e isso é umas das memórias que tem piada, eu lembro-me que fui, regressei, acho que de uma visita de estudo a Lisboa, e vinha a regressar a casa com o meu leitor de mp3 e vinha a ouvir Maroon 5, as músicas mais deprimentes do primeiro álbum deles, aquelas de coração partido e vinha assim bué a pensar, porque é que ela fez isto, porque é que ela fez isto, porque é que ela fez isto, e foi a única atração que tive por... pelo sexo oposto. Agora não te consigo explicar bem, não te consigo explicar bem que tipo de sentimento é que era, ou era de proteção e achar que ela não estava a fazer a escolha correta ou era, não sei, mas de facto foi a única pessoa que me bateu fundo do sexo feminino, e depois só mais aos 19 anos é que tive a minha primeira, o meu primeiro relacionamento e depois tive um interregno de alguns anos depois disso aha, e agora é que estou numa fase mais, mais estável a nível de relacionamentos.

Investigadora- então e dizes que só aos 19 anos é que exploraste um bocado mais essa faceta, como é que foi para ti pensares toda essa situação? Como é que tu geriste isto para ti mesmo? O que é que tu pensaste, se era errado se não era...

Entrevistado – hum...hum... eu acho que entre... entre este processo todo que foram 4 anos pronto em que tive o primeiro impacto sobre quem é que realmente era a nível sexual aham, tanto dos 15 aos 19 foram 4 anos e 4 anos acho que serviram para assentar um pouco as ideias aham, fui tentando explorar um bocadinho mais as coisas e conheci pessoas na net, tipo coisas, sala de chat e essa coisas todas, acho que era a única forma que conseguia se calhar abrir-me um bocadinho ao mundo que não tinha outra hipótese, não tinha maneira de me deslocar, estava num meio pequeno, era impossível e impensável vir para Leiria tentar conhecer o meio, pronto foi onde me refugiei foi na internet fui me informando, fui... fui conhecendo pessoas e acho que foi uma fase onde eu realmente consegui assentar as ideias e não tou a fazer nada de errado, nunca fiz nada de errado, não estou a cometer nenhum crime e acho que deu para assentar as coisas e aos 19, porque estava habituado a estar na internet e cheguei a ter um blog e a conhecer pessoas a partir desse blog e tal pronto, a partir daí surgiu uma oportunidade em que realmente me abri à pessoa e... e depois a partir daí parti para o relacionamento, mas não tive e se vamos falar a nível mais sexual, na primeira vez não tive qualquer sentimento de culpa, não me senti arrependido de nada aha, arrependo-me, posso me arrepender das decisões que fiz e que tomei depois disso, mas isso tem a ver com o relacionamento com as pessoas não estou a falar a nível sexual, não há nada, não me arrependo de nada, aham, mas não tive aquela coisa de achar que era imoral ou errado, fosse o que fosse, acho que, porque lá está eu tinha consciência de que não estava a fazer nada de errado, nada de mal. Foram 4 anos que me serviram para assentar as ideias, aos 19 foi curiosidade e a partir daí também tive mais um interregno porque achava que tive atitudes que não foram corretas e era uma relação à distância e tive atitudes que não eram corretas porque achava que confundi sentimentos e foi mais curiosidade do que propriamente sentir algo por aquela pessoa e então digamos que fiquei ... durante esses anos todos a achar que não iria arranjar ninguém e que as coisas não iriam acontecer e depois cheguei a uma altura em que estava licenciado, estava a trabalhar, tinha alguma independência pá e estou farto de estar sozinho tenho que resolver a minha vida e depois a partir daí, há 2 anos comecei assim a voltar à situação, a voltar a resolver a minha vida a nível pessoal, pronto.

Investigadora- e quem é que sabe, assim mais à tua volta, quem é que sabe da tua orientação sexual?

Entrevistado – os meus pais, a minha irmã, o meu cunhado por acréscimo, aham os amigos mais chegados, não... portanto, os amigos que mantenho do secundário, tenho uma das minhas melhores amigas sabe, essa sabe. Depois da universidade aha, o meu grupo de amigos mais chegado com aquele com que eu costumo sair ainda aham, e talvez um pai ou outro desses amigos também saiba porque eu frequento a casa, por frequentar a casa por ter uma relação mais próxima e alguns colegas de trabalho, ex-colegas de trabalho, nomeadamente, porque também sabem porque foram relações que mantive depois de sair do emprego onde estive e foi, foram relações que não só passaram do profissional para o pessoal, são pessoas com quem mantenho uma amizade e contacto e sabem, sabem disso. Não é um grupo muito vasto de pessoas eu também não, mesmo agora com os meus, com a condição de os meus pais saberem eu não, não comento, não é uma coisa que... surja em conversa com alguém, mantenho o perfil hétero, ok, fala-se de namoradas e eu ok tá bem, esboço um sorriso mas não é uma coisa que eu goste de andar aí a espalhar porque acho que as pessoas também não têm de saber de tudo da minha vida. Portanto só as pessoas mais chegadas com que eu me sinto bem é que o sabem e pessoas que eu veja que compreendam um pouco o meu lado. Podemos falar de 10 pessoas? Talvez? Por aí. (riso)

Investigadora- e em relação aos teus pais? Como é que foi a afirmação? Foste tu que chegaste a eles e falaste? Como é que decorreu?

Entrevistado – não, não, não. Foi... se calhar foi muito melhor assim como aconteceu porque na altura em que eu... a mim o que me acontecia desde que me aceitei como sou, é que acho que todos os dias me vinha à cabeça uma coisa: és gay, és gay, és gay, és gay, és gay, todos os dias, tipo todos os dias pensava nisso, porquê, porque como eu tenho uma boa relação com os meus pais, é no fundo estar a esconder um bocado, bocado, uma parte de mim, pronto, e então todos os dias isso me surgia à cabeça e andava sempre a formular maneiras de lhes dizer, até com uma apresentação PowerPoint sobre o meu crescimento e dizer que sou o mesmo filho de ontem e não sei o que e não sei quantos. Nunca surgiu porque nunca houve o momento correto, porque havia um drama profissional da parte dos meus pais, ou familiar com alguma coisa que aconteceu na família aha, alguns dissabores, e acho que nunca houve um bom momento... desculpa... vou mexer no telemóvel (risos, pelo ruído). E então, aham, lá

está como nunca houve o momento deixei sempre passar. Quando recomecei a minha vida pessoal, digamos assim, numa relação anterior a esta...

Investigadora- isso com que idade? Tens ideia?

Entrevistado – 20.... Tinha 23 aí... foi o ano passado, ainda não tinha feito os 24, aha foi inicio do ano. Aha eu tinha iniciado uma relação, uma coisa muito recente até foi de curta duração, mas todos os dias tinha aquele habito, ok chegava a casa, jantava e depois ia para o quarto, para o telefone, aham, e os meus pais ficaram desconfiados porque era um habito que eu não tinha, chegava a casa ficava no sofá nas redes sociais, a ver televisão e foi um habito que comecei a criar, de ir para o quarto falar ao telefone, isto depois coincidiu com uma viagem que tive aha de trabalho e depois convidei a minha melhor amiga pra vir comigo passar o resto do fim-de-semana. (telefone toca) peço desculpa. Aham, que coincidiu com uma viagem, essa tal viagem, e fui e convidei essa minha amiga para vir passar comigo esse fim-de-semana e os meus pais já sabiam que ela namorava com outro rapaz e eles pensavam antes que podia ter tido uma relação com ela e nunca admiti nem desmenti, pronto, porque realmente não queria contar-lhes ainda, não me sentia preparado para lhes contar as coisas e então, foi nessa altura em que eu estava a passar o fim-de-semana fora que isto, pelo que a minha irmã me contou, que tinha ido lá a casa jantar nessa altura que o meu pai começou a perguntar, não percebo o teu irmão, leva a namorada do outro, leva a rapariga pra viagem aha, ela tem namorado, não percebo nada daquilo. E a minha irmã, que pelos vistos andava a fazer stalking no facebook e começou a ver que eu andava a comentar, nada de mais, mas perfis de, de rapazes noutros pontos do país e ela disse, ah isso se calhar é outra coisa que vocês se têm de preparar. Portanto, ela no fundo começou ali a arranjar terreno, ou outro termo que se possa dizer, aha para os meus pais se prepararem. Então quando eu regressei de viagem, continuei com os mesmos hábitos e até que a minha mãe se fartou e foi espiar-me. Eu nem pressenti que ela me tinha espiado sequer. Quando eu acabo de descer as escadas, vinha do meu quarto e a minha confronta-me. A minha mãe confronta-me e eu fiquei assim...fico em pé assim...

Investigadora- de que forma é que ela te confrontou?

Entrevistado – ela disse me assim, quando é que nos ias contar que eras homossexual? E eu aham fiquei sem resposta porque... acho que lhe disse não sei. E ela aham, foi tudo assim foi drama, muito drama, não houve choro, não houve aquela coisa da afirmação do eu sou como sou e não sei quê e vocês têm de aceitar e fechar a porta do quarto com toda a força, não aconteceu nada disso. Mantive-me em pé, os meus pais estavam sentados, cada um no seu sofá, eu fiquei em pé, completamente natural, fiquei embasbacado aquilo que ela me confronta, mas eu assim pronto é desta! Ela confronta-me e eu digo não sei e ela, então, mas és? E eu: sou! Pronto se queres que saibas sou. E então, mas há quanto tempo é que andas com esse rapaz? Não é há muito tempo, começou a fazer essas perguntas foi assim um bocado coiso. O meu pai manteve-se um pouco à margem nessa conversa. A minha mãe estava assim um bocado mais indignada e o meu pai, o meu pai doeu um bocadinho mais porque o meu pai ficou com uma coisa, uma tosse que eu defino uma tosse de nojo, que ele tipo parecia que provocava a tosse e parecia que se ia, que ia vomitar, pronto. E ele andou assim comigo, andou a lidar comigo assim sem falar comigo, mas passava por mim e era essa tosse de nojo para aí uns 3 ou 4 dias. A minha mãe não, a minha mãe ficou chocada naquela altura, ambos ficaram chocados e claro que tudo aquilo que eles idealizaram para mim, pelo menos em matéria familiar, foi tudo por água a baixo, na visão deles e e então aha a minha mãe mesmo assim quando... continuava a tentar falar comigo e queria que eu abrisse sempre mais o jogo, e nunca lhe oculte mais nada disse-lhe que estou numa relação com este rapaz, até lhe mostrei no facebook é com este rapaz e não sei quantos... o meu pai, como eu estava a dizer manteve-se à margem e só depois quando a minha irmã aham vai lá jantar a casa, e ela tinha chegado a casa antes de de eu chegar, eu tinha vindo do trabalho, é que ela acalmou os ânimos e o meu pai começou a falar melhor comigo aha porque ela começou com aquela lenga lenga... não é a mais correta mas pronto... podia ser uma doença, ser drogado ou algo assim do género e não sei o quê e ya... então a partir daí houve uma melhor aceitação. Aham e foi engraçado que despoletou essa, esta aquilo que a minha irmã disse de eles se írem preparando foi um comentário no perfil do meu atual namorado ele na altura não era meu namorado, mas os meus pais pensavam que eu namorava com ele, mas não eu namorava com outra pessoa, a minha mãe nem tinha visto nada, mas pensou começou a cruzar os dados e se falava com um gajo era porque é. Como ele é de longe então é porque é. Depois disso confrontei a minha irmã, disse-lhe, olha de facto é verdade, mas acho que podias ter falado comigo antes, primeiro antes de teres lançado a bomba aos pais. Ai sabes e tal e coiso... essa ficou-me

sempre atravessada, sabes aham eles estavam lá a falar daquilo eu também estava-me a passar porque eles tavam a por, a por a criticar e tudo mais alguma coisa e eu disse para eles estarem preparados, está bem mas falavas comigo primeiro, se achavas que e tavas com a pulga a trás da orelha epá falavas comigo e pronto não o fez. Foi uma fase de adaptação, ainda hoje... mas hoje já está tudo muito mais estável porque acho que naquela altura os meus pais só me viam de uma forma e acho que agora conseguem me ver a nível profissional, porque eu levo muitos dramas profissionais e não sei o quê, e portanto consigo alargar o leque de dramas e portanto acho que já me começam a ver outra vez multidimensionalmente, se é que existe essa palavra, em vez de forma unidimensional. Mas hoje, até hoje está estável.

Investigadora- e já passou a tosse de nojo?

Entrevistado – já, já. O que o meu pai faz, faz mas também tem... tem... o meu pai tem me surpreendido muito, porque aha, eu tenho uma relação à distância que não é fácil, nada fácil, mas pra mim, acabo por me adaptar a isso porque tive sempre relações à distância. O meu namorado não, ele já teve uma relação com uma pessoa próxima e agora esta numa relação à distância comigo, não é tão fácil de lidar aha, mas não é fácil porque uma relação não se devia estar a combinar uma hora, e uns dias e um fim-de-semana para termos os dois e não é uma coisa que se recomende, acho que as coisas têm de acontecer espontaneamente. É a pessoa precisar de ajuda e eu estar logo a ir ter com ela ou...se precisar de alguma coisa. E quanto a isso o meu pai tem sido bastante surpreendente porquê, porque, eu como tinha de me deslocar o meu pai tinha, o meu namorado vive no norte do país, aham, eu habitualmente não levo carro para o norte, não vale a pena porque ele tem carro, quando ele vem cá levamos o meu e pronto. Eu vou de comboio, e nos primeiros tempos, agora já não o faço, mas nos primeiros tempos, pedia ao meu pai, olha vou apanhar o comboio a pombal, olha podes-me ir levar para eu não deixar o carro lá em Pombal, não sei o quê, não sei o quantos. E o meu pai levava-me, tipo sabia que eu ia passar o fim de semana, perguntava-me se eu ia passar o fim de semana fora sim ou não, eu dizia-lhe que sim ou não, aha e ele bloqueava ali, ou seja não queria saber de mais nada. Ok vais à tua vida, tudo muito bem e eu posso-te dar boleia e dava na boa quanto a isso nunca houve... nunca negou. Mas o mais engraçado é que foi recentemente aha, o meu namorado foi lá a casa porque tive a guardar uma cadela que era para ele, ele foi lá buscar a cadela e estávamos lá em

casa e o meu pai entretanto tinha chegado do trabalho, e vejo o meu pai a evitar a situação toda e ir-se embora com o carro ou o que quer que seja e não. Estaciona o carro, entrou dentro de casa viu o meu namorado e cumprimentaram-se tipo na boa, completamente na descontra não houve qualquer comentário, super cordial, tem me surpreendido muito mais. A minha mãe é um bocadinho mais distanciada, ou seja, quer saber das coisas mas é de luas. Uns dias quer saber das coisas, está curiosa outros não quer saber de nada e evita. A minha mãe também já viu o meu namorado lá em casa, já me foi levar a casa dele uma vez e não houve ali uma apresentação, porque ele também estava dentro do carro mas... acho que também não havia ambiente para isso porque a minha mãe não estava muito interessada. Portanto o meu pai tem-me surpreendido muito mais pela positiva do que a minha mãe, mas acho que tem sido uma adaptação para eles e está a correr melhor do que aquilo que eu estava à espera. Falam comigo de uma forma preocupada às vezes perguntam-me pela relação que tenho, não pela relação ser com um homem mas porque é uma relação à distância, e aí o dinheiro que tu gastas e não é fácil tu estás a ver o que é que isso está a acarretar e na tua vida não sei o quê e não sei quantos... e depois também se preocupam e perguntam se, porque o meu namorado ainda está a acabar os estudos, e perguntam se já tinha arranjado algum emprego ou coisa assim. Acho que falam de uma forma um bocadinho mais preocupada, não tanto para me desviar do caminho, não faz sentido, acho que eles já perceberam que não faz sentido.

Investigadora- perante amigos e colegas de trabalho como é que é feita essa afirmação? És tu que tomas iniciativa? É algo natural?

Entrevistado – aham... a minha melhor amiga eu contei-lhe na altura em que tive o meu primeiro relacionamento, portanto ela já sabe... foi a primeira pessoa a saber, ela sabe há muito tempo e foi um excelente suporte porque ela fez-me sentir aceite. Percebeu... e eu sei, eu gosto muito dela e ela gosta muito de mim e eu acho que ela gostaria que eu tivesse tido uma relação com ela. Mas pronto ela foi sempre uma pessoa mais tolerante do mundo e pá tenho muito a agradecer-lhe agora tenho pena que ela agora está no estrangeiro, sinto pena que ela não esteja comigo em todas as fases da minha vida mas, mas foi a pessoa que foi o meu suporte. Mas depois quando quis recomeçar a minha vida pessoal em 2014 pronto, aham, foi até mas foi no ano passado, uma coisa que eu tinha mantido escondida aos meus amigos mais chegados. Aqueles

com quem eu saio todos os sábados pronto, só um dessas pessoas é que sabia que, só um rapaz é que sabia. A namorada que é minha amiga também não sabia e a outra amiga também não. E foi uma resolução de ano novo. Passei de 2014 a 2015 e pensei assim, pá não faz sentido andar aqui a esconder as coisas, se eu tenho uma relação com essas pessoas à não sei quantos anos porque é que eu hei-de estar a esconder isto? Então combinamos, não passei o ano novo com eles mas combinamos um café no dia de ano novo e depois quando me fui embora, estávamos para ir embora, estávamos no parque de estacionamento e eu disse-lhes, olhem tenho uma coisa para vos dizer, eu sou gay. E elas não tiveram... só disseram que achavam um bocadito estranho que não tenhas namorada e eu ya pois porque eu sou um espécimen muito bonito e é óbvio que é muito estranho eu, no alto do meu, da minha forma física não ter sequer uma namorada para vos apresentar mas pronto eu expliquei as coisas, as coisas correram muito bem e acho que tenho uma relação muito melhor com eles, estou muito mais à vontade não me sinto tão condicionado. Aham e depois com os meus colegas de trabalho... onde eu estou não tenho intenções de o fazer porque acho que não são pessoas que estejam preparadas para isso. No outro trabalho foi uma pessoa, uma das pessoas que sabe foi uma pessoa que me apoiou muito quando comecei a trabalhar e apoiou-me muito naquela empresa e ainda hoje mantenho uma excelente relação com ela. É uma pessoa mais velha e acabei por lhe contar e disse-lhe e ela ah, sim e depois qual é o problema? Porque ela achava que eu, havia ali alguma coisa mal resolvida na minha vida em termos amorosos eu acabei por me abrir e ela pronto na boa aceita-me muito bem e foi uma coisa muito natural e a outra pessoa, o outro rapaz, foi digamos um crushzinho que tive aham, um crush que tive por ele e era engraçado porque eu trabalhava na empresa aqui na zona e ele trabalha no norte também. Eu acho que dou-me muito bem com as pessoas do norte, portanto não sei porquê mas acho que me dou muito bem com as pessoas do norte. E então todos os dias falávamos por skype. As coisas acabaram por acontecer, as conversas, e tal e não sei o quê, vida amorosa... e houve uma altura em que eu lhe disse, foi por skype, foi um bocado mau mas pronto, não foi na cara a cara mas disse-lhe olha se queres que te diga sim sou! Sem qualquer, desculpa (por se assuar), eu não consegui estar e foi engraçado porque meti-me muito com ele depois disso meti-me muito com ele, mas havia ali qualquer coisa estranha com ele também aham, e perguntava-lhe sempre, namorada, namorada, namorada e ele não dizia nada e eu sabia que ele tinha uma relação com o seu sócio da sua empresa portanto pronto, as coisas não aconteceram porque ele já tinha uma relação nessa altura, aham, pronto são esses colegas de trabalho

que sabem, de resto podem desconfiar mas eu também não tenho que dar satisfações a toda agente, só àquelas pessoas com que realmente me dou bem é que sabem, com quem mantenho relação mas digamos que não é uma conversa que eu tenha com as outras pessoas, se calhar a falarem das relações e dos namorados e tal que eu me vá meter e fale o meu namorado também é assim e não sei o que numa coisa muito espontânea, não não faço isso. Porque eu tenho um bocado medo das coisas não só nisto, mas um bocadinho medo de arriscar. Acho que essa questão da independência me fez um bocado falta aqui à uns anos, e tenho um bocadinho de medo de algumas coisas embora me dê, me tenha dado bem e muitas coisas com as quais tive medo, de viajar, de ir sozinho para um país de e de sei lá... mudar de emprego, todos aqueles receios que uma pessoa vai sempre tendo, aquela coisa de pensar... aham, eu penso muito nessas coisas, penso sempre no cenário mais negativo e então... é uma coisa que acabo por evitar de falar disso porque realmente por um lado não quero que as pessoas tenham, saibam muito da minha vida embora comece a desbobinar facilmente e por outro porque realmente tenho medo da reação que elas possam vir a ter ou dos comentários que elas possam vir a fazer e então acabo por... por sé me abrir realmente com as pessoas com as quais tenho confiança.

Investigadora- então e por exemplo, lá está no caso do grupo de amigos mais chegado tu optaste por contar...?

Entrevistado – optei por contar... não tinha nada a perder, aha, acho uma relação de alguns anos acho que, acho que são bases mais sólidas e... foi uma altura em que eu achei que não fazia sentido, não fazia sentido estar a esconder uma coisa porque lá está a amizade supostamente é isso, é tu... o teu amigo saber praticamente tudo da tua vida, tu saberes praticamente tudo da dele. Ok há certas coisas que tu não contas, é normal tal como também não contas ao teu namorado, não contas à tua família pronto. Mas à... grande parte das coisas aham, tu contas e é pra isso que eles lá... que temos amigos é pra estar para o que der e vier e eu vi que são pessoas que realmente estão para o que der e vier sempre me apoiaram aha, querem o melhor de mim e eu quero o melhor deles então achei opá não faz sentido estar a continuar a esconder isto sobretudo porque um já sabia porque é que as outras... um já sabia e era rapaz é aquela coisa que às vezes os rapazes podem não lidar muito bem com a homossexualidade dos rapazes, as raparigas lidam muito melhor e eu ali saber no meu grupo de amigos o rapaz sabia e as raparigas

não sabiam tipo porquê? Era um bocadinho absurdo. E então resolvi ok vou contar. Conte

Investigadora- aham, referindo a tua relação neste momento como é que vocês lidam quando estão juntos no dia-a-dia em espaços públicos?

Entrevistado – aham, a primeira...a primeira vez, a primeira noite que eu passei com o meu namorado, foi em hotel e grande parte das vezes tem sido assim porque ele vive em casa dos pais eu vivo em casa dos meus, é um bocadinho difícil de gerir as coisas, e porque sei que em termos de carga monetária é um bocado lixado para não dizer é fodido, pronto. Mas eu não penso nisso, nem sequer, e acho que mesmo que acabe nunca vou pensar na componente financeira epá... não quero que acabe não é, não me passa pela cabeça, mas se tiver que acabar não é uma coisa que me vou repensar, olha gastei este dinheiro todo numa relação, pá não porque eu neste momento estou bem, estou bem, estou feliz, queria estar muito mais feliz mas não estou porque a distância mata um bocado as coisas, mas tem sido assim que temos vivido as coisas. Então a primeira noite que eu passei num hotel, eu tinha feito a reserva e quando cheguei lá o senhor viu que eram 2 rapazes e perguntou, então mas você pediu um quarto de casal e eu... eu nem tive tempo de dizer que sim ou que não, o senhor passou-nos para quartos twin, para um quarto twin, e eu nem disse nem ai nem ui, nem... nem tive tempo de reagir de lhes fazer escândalo, quer dizer passou para um quarto twin e só depois o meu namorado é que me disse então mas porque é que tu deixaste ficar com um quarto twin? E eu nem me apercebi, foi assim uma coisa... chegámos lá era um quarto twin juntámos as camas pronto, as coisas resolveram-se foi a primeira coisa de resto onde tenho tido, passado noites aham, lá está em alojamento, em hotéis não tive problema nenhum, perguntam-se se é quarto casal eu digo que sim é quarto casal e as pessoas não... podem julgar no interior, mas externamente não o fazem porque também estão num contexto em que é muito provável que vá aparecer pessoal LGBT lá para passar a noite, seja porque circunstância for, menos que seja em Fátima, eu evito ir para Fátima (risos). Mas pronto é sempre uma coisa muito preponderante mas estou confortável ainda pra mais desde que os meus pais sabem estou muito mais confortável. Quarto de casal para uma ou duas noite é sim senhor tudo muito bem identificação e tal tudo muito bem. E depois em contexto de ir... de ir almoçar fora ou jantar fora, eu ainda não tenho dinheiro para levar o meu namorado a jantar a restaurantes chiques, e

portanto muitas vezes é ir para um centro comercial portanto vais almoçar com um rapaz no centro comercial devem ser amigos não há ali... embora de vez em quando um paga a conta do outro e tal mas é a aquela coisa... não há a rotulagem imediata, portanto quanto a isso é mais tranquilo. Já tive algumas experiência... tive só duas, duas experiências no dia dos namorados deste ano, um dia também recente, no dia dos namorados fomos jantar fora fomos a um restaurante, uma pizzaria e senti-me um bocadinho mal servido porque a pizza que eu tinha comido há umas semanas a trás mas em contexto... em contexto de almoço sem comemoração nenhuma, foi muito melhor servida que aquela e obviamente houve sempre aquela... dia dos namorados são dois gajos, são gay's portanto havia aqueles olhares das pessoas à volta mas nós não, não nos importamos muito com essas pessoas. Os empregados não nos atenderam mal, a comida é que foi assim um bocadinho mal servida, pronto mas isso aconteceu. E mais recentemente, o meu namorado não sentiu tanto isso como eu mas uma arrogância e uma prepotência que me deixou mesmo, senti-me mesmo muito mal porque fomos jantar até era perto do hotel onde nós estávamos. E como já não era a primeira vez nem a segunda que dormimos naquele hotel e que passávamos naquele restaurante e epá temos de ir lá um dia destes e não sei o que e fomos lá jantar, uma das últimas vezes fomos lá jantar, pronto. Cheguei lá, somos duas pessoas, somos dois foram-nos levar à mesa. A rapariga que nos levou à mesa não tenho nada a apontar, agora o rapaz... o rapaz que nos foi atender foi com uma arrogância e uma prepotência, uma superioridade que fiquei assim, ok. Perguntei, tu não estás a ver o que é que está a acontecer e ele não! Não estás a ver como é que ele está a lidar connosco? Porque depois víamos, no restaurante não estava muita gente mas havia lá pessoas mais velhas casais, famílias e vi mesmo que o gerente ia lá, servia, dois dedos de conversa... eu por mim estou-me a cagar, dispenso que falem comigo à mesa mas que sejam pelo menos cordiais e digam então está tudo bem e não sei o quê? Não, basicamente foram lá... foi fazer o pedido, bebidas, foram lá entregar as coisas todas, podia deixar de pedir a conta porque eu pedia e o gajo ignorava foi uma experiência assim um bocadinho má porque não estava à espera que houvesse de uma pessoa nova, ou não devia ser pouco mais velho do que eu mas aham, tivesse uma atitude daquelas, não foi... foi de censura embora não fosse evidente mas acho que pelo tratamento que nós estávamos a ter deu para concluir que realmente ele topou e pronto. Eu cheguei lá, paguei onde eu entro pago portanto paguei e não percebo porque é que as pessoas têm esse tipo de reação porque uma pessoa chega lá entra, paga, se vais com um homem ou com uma mulher epá whatever. Mas

aconteceu foi uma experiencia, foi a experiência mais, mais estranha. De resto aham há outras coisa que evito em público. Não beijo meu namorado, uma circunstância ou outra posso andar de mãos dadas com ele mas é às vezes quando está muita gente, lembro me de ter saído, foi um concerto em Lisboa e depois como estava muita gente acabei por lhe agarrar a mão para não nos perdermos, se for em grandes cidades acho que não tenho grande... até é tranquilo, não tenho... porque é a tal coisa não te conhecem que se lixe, podem julgar à vontade. Aqui mais perto, evito ao máximo, então aqui em Leiria vou com ele até onde tenho de ir, jant... até almo... mas aqui até é uma coisa que me surpreende porque acabamos, aqui em Leiria, acabamos por ir a sítios, a restaurantes perfil restaurante, não de shopping e acabo por ser muito melhor atendido pelas pessoas, sendo um casal, sendo duas pessoas a almoçar ou a jantar, acabo por ser muito melhor atendido ou, não é com indiferença mas ignorarem o facto de serem dois gajos mas não há ali nenhum mau tratamento, as pessoas são o minimamente cordiais, ah o que é que quer... para beber não sei o quê... lá em cima no norte que é onde isso aconteceu foi um bocadinho estranho, esperava mais o contrário até porque é numa cidade grande, era no Porto, jantámos no Porto e estava à espera que houvesse um bocadinho mais de abertura. Aqui em Leiria acabou por me surpreender em todo o caso mantenho aqui algum lowprofile. Às vezes tenho um bocadinho de medo, receio de encontrar pessoas conhecidas e depois como é que vamos fazer? Ok, viu-me aqui com esta pessoa e tal, o que é que vai acontecer... mas sim, sinto-me um bocadinho condicionado, sinto-me um bocadinho condicionado em público. Às vezes faz falta, gostava de andar de mãos dadas ou de poder dar um beijo aqui ou acolá e e... não o fazer porque realmente estás à espera que depois as pessoas te comecem a julgar, pronto. Mas tanto eu como ele partilhamos disso, ele não insiste também não tem essa proatividade de me dar um beijo em público ou o que quer que seja, nada disso. Nesse contexto aí funcionamos da mesma forma, estamos em espaços públicos não nos manifestamos.

Investigadora- o teu grupo de amigos, qual é a orientação deles?

Entrevistado – sim... aham, tenho então... dos meus amigos de sempre, sempre ou os mais, que já tenho uma relação há maior número de anos são todos hetero, essa minha amiga das mais chegadas tem um colega de trabalho que agora também é colega e amigo que agora também é meu amigo é gay, aham, depois esse meu colega, ex-colega de trabalho também é amigo mas mais recente também é gay e depois tenho

algumas pessoas que ficaram de redes sociais e também são gay's, mas pronto não se pode considerar uma amizade assim... mas a maioria são hetero. Não é a maioria, 90% pronto, ou pelo menos assumem-se como tal, o que fazem no quarto deles depois eu não sei.

Investigadora- portanto de uma forma geral como é que olhas para o teu relacionamento, para a tua vida, a tua forma de ser e de viver a sexualidade nos dias de hoje?

Entrevistado – aham, o facto de os meus pais saberem, tirou-me um grande peso de cima. Pá, porque não vivo tão condicionado, tenho algumas condições, devido ao condicionamento que imponho, acabo por impor, que é fruto de ser como sou mas... mas tira-me um grande fardo e sinto-me melhor. Não tem nada a ver... acho que sou uma pessoa muito mais bem disposta desde aí, não tenho aqueles momentos introspeção em que penso que estou... o que é que fiz de errado na minha vida para ser assim, às vezes pode ocorrer, agora já não ocorre não faz sentido, mas ocorria de antes, podia ocorrer, também o facto de estar a esconder as coisas às pessoas não... hoje, o facto de não ter de esconder isso faz-me sentir uma pessoa muito melhor. Agora tenho muitas coisas por realizar, não me sinto realizado a nível profissional ainda, a nível pessoal o facto de viver uma relação à distância não é favorável, não é uma coisa que me... estou feliz na relação não estou feliz com a relação que da maneira como ela é, ter que agendar, de ter que adiar, de ter que não fazer parte de ele vai sair à noite com os amigos pá gostava de ir também mas eu estou cá em baixo e ele está lá em cima ou vice versa. Aham, não me sinto realizado nesse sentido, acho que a nível pessoa gostaria de estar mais perto, ou ele vir para cá ou eu ir para lá, nós vamos vendo opções. Ele vê opções cá, eu vejo opções lá... só que eu também não quero sair daqui e ir para um incerto porque, não sei... é o medo de saber o que é que vem a partir daí vou para lá, vou para o norte, vou viver no norte, vou trabalhar para o norte para aí 6 meses e depois como é que é? Tenho contas para pagar, tenho um carro ainda para pagar, tenho uma casa para pagar a renda essas coisas todas é uma coisa que ainda me deixa um bocadinho de medo, sobretudo porque como sou a única pessoa que está a trabalhar, ele ainda não trabalha, embora tenha a sua fonte de rendimento que é a família mas... só eu que trabalha e opá não me sinto bem depois estar-lhe a pedir apoio e ele, por exemplo o dinheiro faltar, por exemplo... são coisas que eu penso é já a extrapolar mas pá, estou

feliz... em termos gerais estou feliz não há nada que queixo-me das coisas que acho que é normal as pessoas queixarem-se que é do trabalho que corre uma merda, às vezes a relação que não está a correr como o esperado, o dinheiro que não funde ou coisas assim mas são aspetos da vida que são banais e acho que não condicionam a felicidade e quanto a isso sinto-me feliz, agora ainda há... acho que ainda há muita coisa para fazer na minha vida e espero que as coisas vão prosseguindo da maneira como eu pretendo que prossigam. Ou seja estar mais próximo da pessoa de quem eu gosto, manter a relação que tenho com a minha família, manter e acho que estamos bem, mas eu penso que estamos bem, não sei se do ponto de vista dos meus pais não sei como, não sei como é que é mas em termos de relação diária é totalmente tranquilo, com os meus amigos, pá manter os meus amigos pra sempre pronto, manter sempre aquela proximidade com eles mesmo que a distância mate um bocado as coisas mas acho que é normal mas sim, tou feliz.

Investigadora- pronto, obrigada mais uma vez, pela tua colaboração.

Entrevistado – de nada... são 54€! (risos).

## **Apêndice B6 - Entrevista a Gonçalo**

Gonçalo – 19 anos, Figueira da Foz, bissexual. A entrevista foi realizada no dia 28 de janeiro, na sua casa, na varanda, local no qual o entrevistado se sente confortável e era o local mais prático para a mesma.

Investigadora- obrigada pela tua participação e disponibilidade para colaborares na minha dissertação de mestrado ah aquilo que eu pretendo é tocar em vários pontos do teu desenvolvimento, a nível da personalidade e do crescimento e explorar um bocadinho como é que te sentiste nas mais diversas passagens que pretendo explorar. Vamos começar então pelas origens, ah, quero que me fales um bocadinho sobre onde é que nasceste, e começando até pelo contexto familiar...

Entrevistado- nasci em Coimbra, tenho 19 anos, neste momento estou a acabar o secundário, em artes visuais. Aham moro com a minha mãe e com o meu padrasto e tenho um irmão também, pequeno com 5 anos aham...

Investigadora- e neste momento que ambições é que tinhas para o teu futuro?

Entrevistado- bela pergunta... ambições...

Investigadora- não tens nada ainda definido?

Entrevistado-nada definido, tenho algumas ideias sim, seguir o mundo das artes, que é o ponto fulcral que eu quero... tenho ambição! As artes, design o mundo do espetáculo, é mais por aí...

Investigadora- e quando nasceste à 19 anos, tens ideias de trajetos de vida e de ambições que os teus pais tinham em relação a ti?

Entrevistado-não, eles sempre me apoiaram muito...

Investigadora- mas o que é que... tens ideia se eles ambicionavam alguma coisa para ti em específico?

Entrevistado- não... não ambicionavam assim... ah quando fores grande gostava que seguisses isto e aquilo, não sempre me apoiaram muito na, nas minhas escolhas e no que, no que quisesse ser.

Investigadora- e portanto tinhas liberdade para fazer o teu próprio projeto?

Entrevistado-sim sim, até neste momento tenho e sempre tive...

Investigadora- então neste momento falaste na constituição da tua família mais nuclear que vives com o teu padrasto, e em relação ao teu pai? Que relacionamento é que tens neste momento?

Entrevistado- neste momento... dou-me muito bem com ele... mas houve umas alturas no início... na... quando houve a separação com a minha mãe e do meu pai, que houve um afastamento... por um período... comprido (expressão de longevidade)

Investigadora- comprido cerca de...? Anos? Meses?

Entrevistado- anos... anos... eu só quando eu fiz 15/16 anos é que começamos a aproximar-nos mais.

Investigadora- e o divorcio foi por volta de que idade?

Entrevistado- quando eu tinha 5/6 anos

Investigadora- e como é que foi esse processo todo de divorcio? Já percebi que houve ai uma separação, portanto o que é que, o que é que advém desse divórcio? Como é que reagiste, o que é que...?

Entrevistado- pelo que a minha mãe me conta até hoje foi que eles eram mais amigos do que casal vá (risos), mas... o meu pai é toxicodependente e(eee), pronto houve uns problemas com drogas e pronto já se sabe que quando são estas histórias, já se sabe o que é que, o que é que vem daí e pronto decidiram acabar o relacionamento, e eu ainda era pequeno demais para, para pensar naquilo tudo, não é... só a partir da

adolescência ou pré-adolescência é que comecei a... bem a ver as coisas e a minha mãe ia-me contando as coisas e assim...mas sim com o meu pai agora damo-nos bem.

Investigadora- e esse corte relacional que tiveste por volta dos 5/6 anos de idade na altura do divórcio deveu-se por opção tua ou porque simplesmente não havia contacto porque a tua mãe não permitia...? Como é que, como é que surgiu esse afastamento?

Entrevistado- foi, não a minha mãe sempre, sempre me permitiu que eu falasse com ele... foi mais porque o meu pai depois saiu de Portugal, foi trabalhar para fora e não houve mesmo contacto algum.

Investigadora- neste momento então, o teu núcleo familiar é mesmo padrasto, mãe, irmão e então tens contacto com o teu pai, e um bom contacto então, pelo aquilo que referiste é isso?

Entrevistado- sim, sim.

Investigadora- aham, este irmão que tu tens... que tem que idade?

Entrevistado- 5, 5 anos.

Investigadora- já é filho do teu padrasto atual?

Entrevistado- sim

Investigadora- ok e aham então a nível de trajetória escolar e profissional estás naquilo que queres, nas artes não é?

Entrevistado- sim, hum, hum.

Investigadora- e estás então no...?

Entrevistado- 12º, estou a acabar...

Investigadora- e neste momento então não tens perspetivas específicas daquilo que gostavas de fazer... seria sempre a nível das artes mas nada em específico de momento, é isso? ((resumindo e refletindo tudo que foi relatado)).

Entrevistado- sim.

Investigadora- então e agora falando um bocadinho de assuntos mais íntimos qual é que é a tua orientação sexual? Qual é que é?

Entrevistado- bissexual.

Investigadora- então e quando é que constataste que havia essa bissexualidade em ti?

Entrevistado-14/15

Investigadora- e como?

Entrevistado- comecei a sair à noite, mais nos 15 anos, sim, e com as minhas convívências com, com as pessoas com quem saía, já tive o meu melhor amigo é homossexual e(ee) semp... a partir dessa idade tive algum interesse e comecei a ver os rapazes de outra forma... já namorava com raparigas, já namorei com raparigas, mas sempre vi os homens de uma maneira diferente e tive curiosidade e houve uma vez em que cheguei ao pé da minha mãe e disse: olha eu acho que sou bissexual (risos), e ela: pronto “tá” bem, tens a certeza? Achas mesmo que és? E eu: acho que sim. Ainda não tinha tido caso nenhum com nenhum rapaz nem nada mas suscitava-me curiosidade e... e a minha mãe sempre me apoiou também, porque já ela quando era mais jovem, o núcleo de amigos dela também havia muitos homossexuais e ela sempre esteve à vontade com esse assunto.

Investigadora- então e como é que pensaste o assunto para ti? De que forma é que pensaste e reagiste sobre essa constatação que estavas a ter sobre ti mesmo?

Entrevistado- de receio, (riso suspirado) receio porque a sociedade em que estamos hoje não é, é um pouco difícil... hoje em dia se calhar nem tanto mas há uns

anos... a homossexualidade via-se de outra forma e havia sempre aquele receio da sociedade e de comentários e de... mas nunca liguei muito a esses comentários e segui sempre para a frente e a minha mãe lá está, apoiava-me sempre nesse sentido.

Investigadora- e portanto, quando tiveste essa confirmação ou essa suspeita falaste com a tua mãe e falaste com mais alguém?

Entrevistado- com amigos mais chegados...

Investigadora- mas ao teu pai não?

Entrevistado- não...

Investigadora- porquê?

Entrevistado- neste momento ele não(ooo)... penso que não, nem imagina (riso)! Porque... lá está é esse tal receio que... ele se calhar até ia... não ia ficar muito chocado, não sei porque na altura também ele tinha amigos homossexuais e... mas não sei, penso que ainda é muito cedo “pra” dizer algo...

Investigadora- então e perante esses amigos mais chegados, tu dizes que falaste (contaste) ah, como é que foi a reação deles perante a situação?

Entrevistado- foi engraçada porque... (riso) a minha melhor amiga nessa altura, eu disse-lhe olha eu acho que sou... (bissexual) e ela: ah eu sei! E eu: ah sabes? E ela: então sim... e eu: pronto “tá” bem... foi, foi... não houve problema nenhum... ela já já sabia que eu tinha ali algum interesse e alguma curiosidade... mas foi... foi mesmo... não houve problema nenhum (riso).

Investigadora- e outros amigos? Com quem falavas e contavas a situação... a reação era idêntica?

Entrevistado- hum não, não, era mesmo mais com essa minha melhor amiga... a reação de amigos, não tão próximos foi mais de: aah a sério? Foi mais de admiração,

não sabiam não é? Mas sim reagiram bem... não... nunca houve nenhum afastamento por causa disso.

Investigadora- então nunca tiveste uma reação de amigos, nunca tiveste uma reação negativa, de afastamento, de perda de ligação por causa da tua bissexualidade?

Entrevistado- hum... não, não...

Investigadora- sempre houve uma recetividade da parte deles...?

Entrevistado- sim.

Investigadora- ah e de outras pessoas, não tão amigos ou conhecidos, ou não sei, já trabalhaste?

Entrevistado- já

Investigadora- em colegas de trabalho por exemplo... havia uma afirmação ou não havia... e se havia que reações obtiveste ao longo da tua trajetória de afirmação?

Entrevistado- havia uma colega minha, mais chegada que eu me dava, dava-me melhor, em âmbito de trabalho que... que sim, por acaso contei-lhe e ela, ela por acaso foi... falou comigo e também sempre me apoiou e ela também tinha amigos homossexuais e sim, não houve problema, mas mesmo só com essa minha colega, com que eu tinha mais à vontade.

Investigadora- então e por exemplo nunca te aconteceu, ah dizes que namoraste com raparigas, manténs uma boa relação com elas, falas com elas? Ex-namoradas...

Entrevistado- dessas minhas passadas... huum, uma delas sim (riso), ainda falo com ela às vezes.

Investigadora- e ela sabe?

Entrevistado- sim, sabe, sabe...

Investigadora- e como é que foi a reação dela saber que já namoraste com ela e que depois constaste que não só gostavas de mulheres como também de homens, como é que ela reagiu a isso?

Entrevistado- não reagiu mal... ficou, ficou muito admirada, porque eu contei-lhe só depois passado, passado uns tempos mas não foi, não foi uma má reação, foi mesmo mais a admiração.

Investigadora- e portanto continuas a falar com ela e a conviver com ela sem nunca haver qualquer tipo de entraves por causa da tua orientação...?

Entrevistado- hum hum... (sim)

Investigadora- ah, então e porque é que tu decidiste tomar o passo de contares e de certa forma te afirmares perante a tua mãe e outros, outros amigos?

Entrevistado- perante a minha mãe porque ela sempre, sempre e sempre será o meu pilar e sempre me apoiou como eu já referi e é como se fosse uma das minhas melhores amigas, é minha mãe não é...e tive que lhe contar, foi mesmo, eu conto-lhe tudo, sempre lhe contei tudo e contei-lhe não houve problema nenhum...

Investigadora- sentiste necessidade de expor essa parte de ti à tua mãe?

Entrevistado- sim, sim... tanto como pessoa e como crescimento, do meu desenvolvimento e não houve problema nenhum.

Investigadora- e o que é que, por exemplo, o teu padrasto sabe?

Entrevistado- sim.

Investigadora- e também como é que foi essa, essa afirmação?

Entrevistado- soube um bocadinho mais tarde mas não estava à espera mas sim foi, foi... foi como a minha mãe, apoia e apoiou-me e apoia-me também agora não, não houve qualquer tipo de problema...

Investigadora- e essa afirmação mais tardia para o teu padrasto, foi com que idade tens ideia?

Entrevistado- hum, foi por volta da mesma idade penso eu 15? Por volta dos 15 sim.

Investigadora- e o que é que também te levou a afirmar ao teu padrasto? Porque a tua mãe, pronto já explicaste, agora o teu padrasto como sendo... ok é um elemento da tua família mas não deixa de ser um elemento que chegou posteriormente, não está desde a tua família de origem o que é que te levou a queres esse esclarecimento e essa afirmação?

Entrevistado- foi mesmo... como referiste é um membro da família e senti essa necessidade de... : olha eu sou bissexual... não há problema nenhum? Ok?

Investigadora- e surgiu assim de forma direta: olha sou bissexual? Ou foi assim uma conversa...

Entrevistado- com a minha mãe foi mais direto sim, sim, com o meu padrasto foi mais essa tal conversa de ficarmos a falar e ele perguntar-me: então e porque? Sabes se és mesmo e assim... também temos uma boa relação portanto...

Investigadora- e perante os teus amigos porque é que escolhes afirmar e esclarecer essa situação?

Entrevistado- ....

Investigadora- é assim com todos os amigos ou há amigos, por exemplos optas por não o fazer?

Entrevistado-é assim, neste momento eu acho que não há nada a esconder, não tenho que contar a uns e a outros não, sei lá... quem souber sabe quem não souber não sabe...

Investigadora- portanto quem não souber, tu não fazes questão de chegar e dizer...?

Entrevistado- não, não faço questão, se souber tudo bem...

Investigadora- achas que é um processo que depois com a proximidade e relacionamento acontece espontaneamente, mais naturalmente?

Entrevistado-sim sim...

Investigadora- e optas por essa via então?

Entrevistado-sim sim.

Investigadora- e então quando optas por essa via, do mais natural, quando chegam a constatar há confrontação ou simplesmente assumem e não te dizem nada e continuam o relacionamento como se nada fosse?

Entrevistado- conversamos sobre isso... mas não ficam chateados ou há afastamento, não! Mas conversamos muito e há essa tal admiração que já falei mas sempre tudo, tudo bem.

Investigadora- admiração no sentido de, de não “tarem” à espera, é isso?

Entrevistado-sim, sim.

Investigadora- nunca tiveste assim nenhuma reação mesmo negativa que...

Entrevistado-negativa ao ponto de haver afastamento não, mas já ouvi de amigos hum comentários assim um pouco negativos, ou não tão positivos mas não... neste momento falamos e não, não houve um afastamento total.

Investigadora- e consegues-me dar assim um exemplo desses comentários não tao positivos? Algum que te marcasse, algum que te ficasse na cabeça?

Entrevistado- hum, neste momento não...

Investigadora- portanto foram situações que te passaram, que não...

Entrevistado-sim sim, porque eu não... sempre tive... consegui passar à frente e não guardar rancor desse, desses comentários... sempre consegui passar à frente sim...

Investigadora- e então o teu grupo de amigos ah... como é que é, qual é que é ou quais é que são as orientações sexuais deles?

Entrevistado- tenho amigos homossexuais, tenho amigas lésbicas também, aham héteros, heterossexuais também tenho (risos). Ah e sim não há problema nenhum estamos todos juntos há um convívio, há... não vejo...

Investigadora- não há grupos ah separados ou que convivam apenas dentro do mesmo tipo de orientação?

Entrevistado- não, não

Investigadora- relacionam-se todos em conjunto, sem qualquer tipo de problema?

Entrevistado- claro e acho que tem que ser assim...

Investigadora- mas mesmo na escola ou em outros espaços públicos?

Entrevistado- na escola também, sim.

Investigadora- aham, então e como é que olhas para a tua orientação sexual hoje em dia? Como é que então te defines mesmo?

Entrevistado- então como já referi sou bissexual, neste momento, se calhar mais, mais... mais para o lado dos rapazes portanto eu neste momento eu namoro com um (riso) ahhh mas sim, se mais tarde imaginemos se vier uma rapariga e eu até gostar dela,

não não há qualquer problema, mas neste momento sim estou mais... estou mais virado para a parte masculina.

Investigadora- arrependes-te de alguma situação que tenhas passado entre amigos, entre família, no que toca à tua orientação sexual?

Entrevistado- não.

Investigadora- está tudo muito normalizado, consensual, perante ti e perante os outros?

Entrevistado- sim, sempre tive muita liberdade para isso, e muito apoio e não, não, nunca houve problema. Foi sempre tudo nas calmas...

Investigadora- então e sentes-te realizado e bem com a tua orientação sexual e com a tua situação social, familiar...

Entrevistado- com a parte social, não é, já sabemos como é que é. As pessoas ainda não aceitam bem a homossexualidade mas, mas sim, familiar também não há problema é mesmo só a questão social que ainda há muitas pessoas com comentários e com, com algo a dizer... mas pronto.

Investigadora- e fora do grupo de amigos, vais na rua... já ouviste comentários, já ouviste algum tipo de ... passaste alguma situação negativa?

Entrevistado-sim, já... e na escola também.

Investigadora- e então como é que é passar por isso?

Entrevistado- não vou dizer que é bom não é! Nunca é bom ouvir um comentário mau, mas, mas segui em frente, não quis saber, ignorei e segui em frente.

Investigadora- recordas-te de algum que te tenha marcado mesmo? Na escola ou na rua de passagem?

Entrevistado- sim, na escola até ao 9º ano, sofria de bullying, comentários e haviam pessoas que me queriam bater e...

Investigadora- mas por causa da tua orientação?

Entrevistado- sim...

Investigadora- e como é que foi passar por isso tudo?

Entrevistado- foi difícil e cheguei a, muitas vezes a vir da escola para casa a pensar muito nisso e até quase a chorar mas ia sair com a minha mãe... mas depois no outro dia... era outro dia não é, mas estava sempre com medo de ouvir outro comentário ou passarem por mim e chamarem-me isto e aquilo mas, mas pronto, depois consegui ganhar força e ignorar isso tudo e seguir em frente.

Investigadora - consegues lembrar-te de algum comentário específico? De alguma frase? De alguma palavra?

Entrevistado- ai há aquela palavra, aquele que todos sabemos que é: ó paneleiro! E isso, quando eu ouço isso eu, não sei, eu não sei se ria, se chore mas é algo que eu fico assim um bocado chocado de ouvir mas não só comigo como às vezes vejo a outras pessoas, pessoas a chamarem esses nomes a outras e fico chocado como é que as pessoas ainda não... não conseguem ver mais “pra” lá, mas pronto.

Investigadora- e achas que a tua família sendo ela bastante apoiante das tuas escolhas, achas que foi um apoio importante para ultrapassares esse tipo de agressões e de violência?

Entrevistado- foi, sim, bastante...

Investigadora- se não a tivesses (a família) como é que achas que seria ultrapassar isso? Se é que ultrapassavas...

Entrevistado- pois... era muito mais complicado claro! Se calhar tinha eu que... era me exigida uma, uma força maior e tinha que tentar ultrapassar com mais

dificuldade, não tinha um certo apoio, não tinha apoio familiar, nem apoio de amigos mas felizmente tive sempre esse apoio. A minha família sempre foi muito liberal e sempre tive muito apoio das duas partes, tanto família como amigos.

Investigadora- hoje em dia então, referiste que “tavas” num relacionamento com um rapaz, e como é que é esse relacionamento? Sentes-te bem? Sentes-te feliz?

Entrevistado- sim... sinto

Investigadora- e nunca pensaste que aquilo que estarias a fazer, seria incorreto ou não o modo de viver o amor normal e que estarias errado?

Entrevistado- não (riso) porquê achar isso? Se uma pessoa gosta de outra penso que não há problema algum...

Investigadora- sempre achaste tudo muito natural, a forma como amavas?

Entrevistado-sim

Investigadora- às vezes, estou a perguntar porque podias ter algum sentimento de que tu é que estavas errado...

Entrevistado- não, não! Nunca tive esse... se calhar ao início quando foi a fase da descoberta e mas... mas não, sempre foi tudo muito, muito normal.

Investigadora- tomaste consciência e assumiste como parte de ti natural? Fazendo parte da tua vida, da tua personalidade e da tua pessoa? Sem qualquer tipo de conflito interno?

Entrevistado- sim! Claro, sim...

Investigadora- aham, e quem é que tem conhecimento do teu relacionamento amoroso atual?

Entrevistado- família, ah uma parte da família a minha mãe, o meu padrasto, ah a mãe da minha mãe, a minha avó, ah o meu pai não ah, a maioria dos meus amigos sabem penso que é só...

Investigadora- e agora que referiste a tua avó, como é que foi também esse processo com a tua avó?

Entrevistado- ah foi, foi o máximo! (riso) porque ela, ela também sempre teve muitos amigos homossexuais e ela, e eu quando lhe contei ela riu-se e: ah a serio? E eu: sim! E ela: ah “tá” bem, tudo bem... e eu também fui-lhe sempre contando dos namorados que ia tendo e sim, não houve problema ela, ela também sempre me apoiou, nunca houve, nenhum comentário negativo ou algo que me deixasse mais em baixo.

Investigadora- e que idade tem a tua avó?

Entrevistado- neste momento tem 57.

Investigadora- e que idade tinha quando lhe contaste tens ideia?

Entrevistado- não...

Investigadora- mas foi também por volta dos teus 15/16?

Entrevistado- 16 sim, sim.

Investigadora- e portanto ela sempre lidou bem com a situação?

Entrevistado- sim, sim.

Investigadora- e inclusive tem contacto, portanto sabe que tens um namorado, mas tem contacto com esse relacionamento? Portanto está presente se estiverem juntos ou...

Entrevistado- sim, sim.

Investigadora- e como é que ela lida?

Entrevistado- bem, lida bem...

Investigadora- sentes que reage como se fosse uma rapariga?

Entrevistado- sim, é um amor normal como os outros, é um relacionamento normal.

Investigadora- tanto ela como os restantes familiares que estão a par da situação e amigos, é isso?

Entrevistado-sim.

Investigadora- aham e como é que vives o teu relacionamento em espaços sociais? Portanto vão a um café, como é que estão na mesa de café? Como amigos, como casal?

Entrevistado- como sabemos como é a nossa sociedade, se calhar estamos mais como amigos. Claro que há sempre... um carinho diferente mas, mas sim mais como amigos, sim, tanto que a pessoa com quem eu estou agora não é tão assumida como eu mas sim eu respeito que estejamos mais nessa parte de amizade, vá, não tentando esconder a nossa orientação mas mais pelo respeito.

Investigadora- o respeito perante ele, o teu namorado ou perante as pessoas que estão à volta?

Entrevistado- os dois. Ele porque não é assumido e não quer, não quer... pronto não quer assumir às outras pessoas e pelas outras pessoas que ainda não aceitam e que podem começar com comentários e nós não estamos para isso, (riso) e comportamo-nos mais como amigos, sim.

Investigadora- portanto se forem na rua, não dão a mão?

Entrevistado- não.

Investigadora- nem há um beijo?

Entrevistado- não.

Investigadora- e como é que sentes ah, tendo que de certa forma, conter o teu relacionamento a espaços mais íntimos? Porque vamos na rua, e vemos um casal hétero de mãos dadas e ninguém diz nada, nem ninguém se sente preocupado nem ofendido e tu não o podes fazer...como é que te sentes perante essa situação?

Entrevistado- pois... com raiva...

Investigadora- das outras pessoas?

Entrevistado- sim, porque lá está não aceitam, não vêm mais além, não vêm que que... amor é amor, porque é que um rapaz não pode namorar com um rapaz ou uma rapariga com uma rapariga, whatever, não entendo e sim sinto raiva das outras pessoas sim e faz me confusão de o porque de elas não... da sociedade ainda não aceitar, ainda ficar tão chocado por ver um simples dar de mão de uma pessoa do mesmo sexo (riso irónico) parece que é algo muito transcendente...

Investigadora- tocando outra vez num ponto um bocadinho ainda mais íntimo, como é que foi as primeiras experiências sexuais, com homens neste caso, ou melhor já tiveste alguma experiência sexual com raparigas?

Entrevistado- não, ainda não.

Investigadora- então quando namoravas com as raparigas aham o que é que acontecia?

Entrevistado- era mesmo mais à base de, de... das mãos dadas (riso), beijos, carinho e mas assim, não nunca tive relações com raparigas.

Investigadora- então e depois como é que foi partir para relações sexuais com homens?

Entrevistado- foi estranho ao início... (riso mais intimidado).

Investigadora- como é que aconteceu tudo isso. Primeira, primeira vez que estás com um homem como é que é?

Entrevistado- (esforço para não se rir) foi... bem eu não sabia como é que havia de lidar com a situação, não é?

Investigadora- mas estavas num relacionamento?

Entrevistado- estava num relacionamento sim.

Investigadora- portanto não foi nada casual.

Entrevistado-não, não, não... estava num relacionamento, pronto disse ao rapaz que era virgem, o rapaz não era, namoramos algum tempo não tivemos logo relações, foi, ao início foi algo que eu fiquei assim um bocado com receio, não sabia bem lidar com a situação não é, mas ... mas foi... não houve problema nesse aspeto, penso que foi, correu tudo naturalmente.

Investigadora- e portanto depois de teres feito, o que é que sentiste?

Entrevistado- o que é que eu senti?

Investigadora- sim.

Entrevistado- (risos) o que é que eu senti...

Investigadora- a nível emocional...

Entrevistado- sim, aham senti que que sim, que até gostava de, de relações com o mesmo sexo. Aham e aproximou-me mais do sexo masculino não é...

Investigadora- esse rapaz com quem namoravas, e com quem tiveste a tua primeira experiência vocês tinham que idade?

Entrevistado- eu tinha por volta dos 16 e ele já tinha... 18... 19.

Investigadora- e a partir daí foi um processo normal, nunca houve outras coisas que te passassem pela cabeça, a tal história de que não era correto, não era normal, sempre assumiste tudo naturalmente, sentias-te satisfeito com aquilo que estavas a fazer?

Entrevistado- sim sim.

Investigadora- e nunca tiveste curiosidade de experimentar com uma mulher?

Entrevistado- já, já... penso que é totalmente diferente.

Investigadora- mas ainda não surgiu oportunidade para o fazeres?

Entrevistado- ainda não, neste momento estou com um rapaz e também quando eu namorava com raparigas, nunca houve, nunca houve essa oportunidade.

Investigadora- e supúnhamos que, que agora estavas solteiro, e que aparecia uma rapariga, não haveria qualquer entrave de teres sexo com ela?

Entrevistado- não.

Investigadora- seria algo que até gostavas de experimentar?

Entrevistado- sim, sim ia achar estranho claro, como achei da primeira vez que fiz com um rapaz mas ia agir naturalmente e não tinha problema nenhum em dizer que tive... que era virgem nesse aspeto e sim, agia naturalmente... e claro era uma experiência nova para mim.

Investigadora- então neste momento consideraste uma pessoa satisfeita com o teu relacionamento e pela forma como vives?

Entrevistado- sim.

Investigadora- a tua vida amorosa está... de boa saúde digamos assim?

Entrevistado-sim.

Investigadora- aham, eu penso que está tudo... ah diz me só mais uma coisa...então agora surgem pessoas que tu por exemplo não conheces optas então pelo processo mais natural e espontâneo de afirmação, mas se tiveres que chegar ao pé de uma pessoa e afirmar, o que é que achas que te pode levar a ter esse, essa atitude?

Entrevistado- a sociedade e a raiva que neste momento ela me mete. Se eu tiver que assumir é mais por esse espeto.

Investigadora- portanto e se tiveres num grupo de amigos ou num grupo de pessoas com pessoas que tu não estejas tão à vontade... por exemplo no grupo turma. Relacionaste com todos da mesma maneira?

Entrevistado- não...

Investigadora- portanto, há mais pessoas próximas e pessoas mais afastadas, se houver, se estiver a haver uma discussão na turma sobre a homossexualidade ou bissexualidade aham e se não... se a discussão parta para um ponto... sob pontos negativos sobre a homossexualidade qual é a tua reação perante a turma?

Entrevistado- ai eu falo logo! (riso) eu... defendo logo... na minha turma à mais pessoas homossexuais não sou o único... aham mas desculpa podes repetir a pergunta?

Investigadora- como é que reages se estiver a haver uma discussão em que ofenda ou que estejam a retratar a homossexualidade de uma forma negativa? Tu, portanto falas e defendes ou optas por não te inserir na conversa e guardar para ti...

Entrevistado- na maioria das vezes sim, falo e defendo. Sou... se for preciso sou o primeiro a defender a homossexualidade.

Investigadora- e se estiverem a atacar a homossexualidade tu optas por defender e explicar ou simplesmente contrapor o que dizem?

Entrevistado- defender e explicar sim...

Investigadora – e como é que costuma ser a reação das pessoas? Quando tu comesças a falar e a explicar?

Entrevistado- muitas delas ignoram e não querem saber, ficam com a razão delas mas eu tento dizer que... que não é bem isso que estão a dizer... é isto assim... mas sim ignoram, ignoram porque têm a ideia delas, dizem que a homossexualidade é isto e aquilo mas sim, defendo sempre e argumento sempre.

Investigadora- e que pontos negativos é que costumam apontar em discussões sobre a homossexualidade?

Entrevistado- doenças (risos) porque há... há muita gente que diz: ah a sida é por causa da homossexualidade! Não tem nada a ver... sei lá por causa de comentários... e eu digo que isso não tem nada a ver! O relacionamento homossexual é igual ao relacionamento heterossexual! Há doenças tanto nos heterossexuais como nos homossexuais e... e isso revolta-me e eu falo e defendo e explico mas sim é mais à base disso, das doenças e que eu quase que me rio à frente deles... (riso)

Investigadora- e portanto se houver uma afirmação da tua bissexualidade perante os outros será... não sei se percebi bem... será para colmatar ou expor perante as outras pessoas com que motivos mesmo? Ou seja tu decides expor. Decides porquê?

Entrevistado- para as pessoas abrirem os olhos de uma vez por todas, para não ficarem com a ideia de que a homossexualidade é um mundo à parte, que não, que a homossexualidade é uma coisa normalíssima.

Investigadora- de certa forma para as fazer... entender e ver que tu és uma pessoa como outra qualquer?

Entrevistado- entender, sim claro...

Investigadora- portanto procuras, quando te afirmas a pessoas mais dispersas, procuras que elas sintam que é uma normalidade.

Entrevistado- sim, sim.

Investigadora- era isso que estavas a tentar transmitir?

Entrevistado-sim (riso), mas sim, sim não sei se me fiz entender mas sim era isso.

Investigadora- pronto ah penso que está tudo mais uma vez obrigado pela tua participação.



## Apêndice C- Quadros síntese

### Apêndice C1 - Quadro Síntese da Entrevista a Sónia

| Categorias de Análise | Subcategorias                     | Excertos da Entrevista   | Interpretação/Análise   |
|-----------------------|-----------------------------------|--|---|
| Núcleo familiar       | Descrição das relações familiares | <p><i>“Tenho 3 irmãs, ahh, vivo com a minha mãe e o meu sobrinho, (...) só vivo mesmo com a minha mãe e o meu sobrinho, porque ahhh, umas das minhas irmãs que é a mãe do Marco, que é quem vive comigo ah tem alguns problemas e está presa.”</i></p> <p><i>“ (...) O meu avô que não é avô é tipo avô emprestado não é de sangue também tenho uma relação espetacular com ele.”</i></p> <p><i>“Dou-me muito bem com a minha mãe e com a minha irmã que vive mais perto... com a minha irmã mais velha que vive em França (...) era a minha melhor amiga mas as coisas mudaram (...) depois que ela soube de alguns pontos da minha vida as coisas começaram a mudar um bocadinho”</i></p> <p><i>“O meu pai batia na minha mãe, batia nas minhas irmãs e isso fez-me ter outra visão, que é mesmo assim (...) uma das minhas irmãs que é a mãe do Martim ah teve que deixar de estudar para eu poder continuar a estudar talvez também tenha sido um ponto de viragem na vida dela “pra” ela ter tipo a vida que teve e que levou, ter-se posto na droga e fazer roubos e etc. mas essas coisas todas, fizeram com que eu, com que eu seja como sou, sou lutadora (...)”</i></p> <p><i>“Há cerca de um mês (...) veio ao continente e(ee) ele esforçou-se</i></p> | <p>Elementos considerados família pela entrevistada: 3 irmãs, 4 sobrinhos, mãe, pai e avô;</p> <p>Contexto familiar conturbado: violência doméstica; irmã detida; dificuldades financeiras;</p> <p>Denota-se uma forte ligação e sentimento de proteção com a mãe;</p> <p>Perda de ligação com a figura paterna, contudo, existe uma recente aproximação entre ambos;</p> |

|  |  |   |  |
|--|--|---|--|
|  |  | <p><i>para estar comigo foi muito bom para mim porque eu já, já não imaginava ter qualquer tipo de relação com ele e neste momento até tenho uma relação muito boa com ele e falamos ah muitas vezes, ele preo...vê-se que se preocupa comigo e eu com ele (...)"</i></p> |  |
|--|--|---|--|

|   |  |  |   |
|---|--|--|---|
| <p><b>Orientação sexual</b></p>                     | <p><b>Primeiras impressões e experiências, momento de descobertas.</b></p> | <p><i>“Eu sou bissexual”</i></p> <p><i>“Há cerca de 5 anos mais ou menos (aos 17 anos), eu namorava com um rapaz mas sempre me dei muito bem com as raparigas e havia uma rapariga, e ela mandava-me umas mensagens um bocadinho estranhas e eu sentia-me tipo bué intimidada até que a (...) minha atual namorada ajudou-me e incentivou-me basicamente a estar com essa rapariga porque, para eu perceber aquilo que queria e sentia naquele momento”</i></p> <p><i>“Não senti que era aquela rapariga que eu queria. Então passado mais ou menos 3 semanas comecei a namorar com a Lena”</i></p> <p><i>“Senti-me a melhor pessoa do mundo mesmo, foi espetacular mesmo... fazer o que fiz com a pessoa de quem gosto ah, não importa se era rapariga ou se era rapaz, o facto de eu gostar dela era o mais importante, foi mesmo muito significativo para mim.”</i></p> | <p>Descreve-se como bissexual e de momento encontra-se numa relação com cerca de 2 anos com uma rapariga;</p> <p>Já namorou com um rapaz; quando quis conhecer o lado lésbico de si mesma ficava tímida; foi aconselhada e ajudada a avançar e perceber o que sentia e se realmente queria avançar;</p> <p>Lena, a rapariga que ajudou a avançar tornou-se a sua namorada desde então;</p> <p>Sente-se bem com a sua sexualidade; afirma que gosta dela e não importa se é rapaz ou rapariga;</p> |
| <p><b>Momento da afirmação no seio familiar</b></p> | <p><b>Como foi feita a afirmação?<br/>Quem sabe?</b></p>                   | <p>À mãe: <i>“Não fui eu propriamente que contei”</i></p> <p><i>“ (...) Só pensava o que é que a minha mãe poderia achar (...) se a minha mãe não gostasse (...) eu não namorava, deixava a Lena completamente para trás (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Já era assunto na cresce do meu sobrinho, ah e depois lá está, chegou aos ouvidos da minha mãe (...) anda já para casa porque preciso de falar contigo. E confrontou-me e eu na altura até desmenti tudo. (...) a minha irmã mais velha ligou à minha mãe e disse: então a</i></p>  | <p>Sentia-se preocupada com a aceitação ou rejeição da mãe, tinha medo da reação da mãe e por isso nunca chegou a revelar;</p> <p>Forte valorização da figura materna, ao ponto de deixar a namorada caso a mãe</p>   |

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  | <p><i>Susana anda metida com a Lena? (...) a minha mãe chegou a casa (...) e disse: ah já sei que tu e a Lena namoram. (...) eu comecei a chorar baba e ranho (...) eu queria-te contar mas tinha medo da tua reação (...)</i></p> <p>Ao pai:</p> <p><i>“O meu pai ele não soube logo (...) viu umas publicações no facebook e depois perguntou (...) eu disse: é a minha namorada, tu tens um irmão que é gay e eu... tenho uma namorada! Se aceitas, aceitas, se não aceitas é igual para mim.”</i></p>  | <p>assim o quisesse;</p> <p>A notícia espalhou-se pela terra, e a mãe tomou conhecimento; Sónia, quando confrontada pela mãe nega tudo;</p> <p>Após a irmã descobrir e falar com a mãe, Sónia volta a ser confrontada e assume a relação;</p> <p>O pai descobriu via web, quando confrontada, assume e é direta com o pai que a aceitação dele seria indiferente para ela;</p> |
| <p><b>Momento da afirmação fora do núcleo familiar</b></p> | <p><b>Como foi feita a afirmação?</b></p> <p><b>Quem sabe?</b></p> | <p>Professores e colegas: <i>“Colegas, professores, tudo”</i> sabe.</p> <p><i>“ (...) Foi logo o primeiro dia de aulas (...) ”</i> o professor perguntava <i>“que idade tens, vens de onde (...) no meio lembrou-se e voltou atrás e disse: namorado ou namorada? (...) E eu disse namorada (...)”</i></p> <p><i>“Os meus colegas depois dessa aula chegaram ao pé de mim e disseram: tu disseste que tinhas namorada? E eu disse que sim tenho e ela esta aqui mesmo ao meu lado (...) E até lhe dei um beijo para eles verem que era mesmo real e pronto (...) aceitam-nos muito bem, claro que há sempre aqueles olhinhos e aquelas boquitas (...) isso é desprezado, hoje em dia já não tou para confusões (...) ”</i></p> <p><i>“Os professores até reagem muito bem”</i></p> | <p>No contexto escola e colegas a afirmação não foi propositada, aconteceu durante a apresentação dos alunos ao professor;</p> <p>De início os colegas ficaram surpresos e não acreditaram, necessitou de provar na frente deles, beijando Lena;</p> <p>Sempre obtive boas reações da parte de professores e colegas;</p>  |

|   |   |   |   |
|---|---|---|---|
| <p>Escolh<br/>a pela afirmação</p>  | <p>Motivos que<br/>levam à afirmação</p>  | <p><i>“Não fui eu propriamente que contei”</i></p> <p><i>“Eu só pensava o que é que a minha mãe poderia achar porque sempre disse que... se a minha mãe não gostasse, por exemplo o facto de eu namorar com a Lena (...) deixava a Lena completamente para trás e era a minha mãe que importava por tudo aquilo que ela já sofreu (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Se aceitas, aceitas, se não aceitas é igual para mim. ”</i></p>   | <p>Nunca contou por iniciativa própria por medo da reação da mãe, não a queria ferir;</p> <p>Quanto ao pai, não tendo uma forte relação, nunca contou, ele soube via web;</p>   |
| <p>Escolh<br/>a pela não<br/>afirmação</p>                                | <p>Motivos que<br/>levam à não afirmação</p>  | <p><i>“ (...) Nós vivemos numa residência e as funcionárias da nossa residência não sabem da nossa relação, mas também nós não... não também não contamos, não é por medo nem nada disso, simplesmente nos damos bastante bem com elas e não queremos que comecem a ter uma atitude diferente connosco. ”</i></p> <p><i>“ (...) Não vale a pena estar a estragar uma relação com as funcionárias, que basicamente ali são as nossas mães por isto, porque eu depois nunca mais as vou ver na minha vida (...) ”</i></p> | <p>As únicas pessoas que não sabem do seu relacionamento são as funcionárias de onde vivem;</p> <p>Prefere não contar pois sente que pode estragar a boa relação entre todas;</p> <p>Prefere manter o bom relacionamento até porque será apenas uma passagem;</p> |
| <p>Reaçõe<br/>s dos que têm<br/>conhecimento da<br/>orientação sexual</p> | <p>Espectativas;<br/>desilusões; situações<br/>positivas/ negativas;<br/>surpresas.</p> | <p><i>“ (...) E a minha mãe só disse: não tens de estar a chorar! Eu apoio-te não tens de estar assim (...) ”</i></p> <p><i>“Assim que a minha mãe soube eu não tive problemas nenhuns em enfrentar o resto das pessoas. Já andava de mão dada com a Lena na rua e etc.”</i></p>  | <p>A mãe, no momento da afirmação, foi receptiva e demonstrou que apoiava;</p> <p>Desde que a mãe demonstrou à vontade e que não haveria problema, Sónia não sente receios nem medo de reações de outras pessoas;</p> <p>Com o apoio da mãe e</p>                 |

|            |   |  |   |
|------------|---|--|---|
|            |   | <p><i>“A partir do momento em que eu percebi que a minha mãe aceitava e que os meus sobrinhos também aceitavam que não se estavam a importar com nada disso epá eu não quis saber e enfrentei tudo e todos.”</i></p> <p>Com o pai: <i>“ (...) Depois ele disse depois até na altura que me apoiava bastante e que aceitava bem (...) passado uns meses ele começou-me a atirar à cara que importava-me mais com a “minha amiga” (...) minha irmã (...) defendeu-me bastante nessa altura”</i></p> <p><i>“Verbalmente já fui atacada e nem sequer conhecia as pessoas e ainda pensei duas vezes em, era um rapaz, e eu ainda pensei duas vezes, a Lena é que disse: opa caga nisso anda para a frente, nem o conheces (...) eu pronto desprezei e pronto continuei com a minha vida (...) ”</i></p> | <p>aceitação, hoje enfrenta todos sem receios;</p> <p>O pai aceitou bem, talvez devido ao facto de ter um irmão gay, embora depois senti-se algum ciúme da atenção dada a Lena;</p> <p>Na rua, já foi alvo de conversa e até de violência verbal, apenas ignora essas situações e segue com a sua vida;</p> |
| Em público | Como age e comporta em espaços públicos quando acompanhada da namorada. | <p><i>“Assim que a minha mãe soube eu não tive problemas nenhuns em enfrentar o resto das pessoas. Já andava de mão dada com a Lena na rua e etc.”</i></p> <p><i>“ (...) Eu reajo normal, se eu tiver que dar um carinho à Lena, dou um carinho à Lena, ah mas nunca vou fazer nada propositadamente (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Aqui na terra nem tanto porque sei lá não, não é por mim mas lá está eu gosto de respeitar as outras pessoas (...) Eu sei que não é</i></p>   | <p>Com a aceitação da mãe foi capaz de enfrentar os outros;</p> <p>Não nega um carinho a Lena só por estar em publico, no entanto não faz por se expor;</p> <p>Na sua terra de origem, opta por manter alguma descrição na rua;</p> <p>Prefere não desrespeitar ninguém ou criar situações</p>              |

|  |  |  |   |
|--|--|--|---|
|  |  | <p><i>por dar um beijo ou dar a mão que vou estar a desrespeitar mas há pessoas que não têm uma mente, sei lá, tão atual entre aspas (...) mas por exemplo na Guarda, que é onde eu estou a estudar, tou completamente na boa! É uma população muito mais jovem, que por norma aceita mais esta realidade</i></p> <p><i>(...) Por norma ando sempre de mão dada com a Lena”.</i></p> | <p>desconfortáveis;</p> <p>Na terra onde estuda, sente-se totalmente à vontade, afirma ser um local mais jovem e que aceita bem esta realidade;</p> |
|--|--|--|---|



## Apêndice C2 - Quadro Síntese da Entrevista a Rui

| Categorias de Análise  | Subcategorias                            | Excertos da Entrevista   | Interpretação/Análise   |
|------------------------|--|--|---|
| <p>Núcleo familiar</p> | <p>Descrição das relações familiares</p> | <p><i>“Os meus pais, eu e a minha irmã...”</i></p> <p><i>“ (...) É uma relação boa, forte, é uma família unida...ah, temos segredos como é óbvio, não conto tudo aos meus pais nem à minha irmã, mas isso faz parte de mim, mas somos uma família unida (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Somos... uma família pouco faladora, ou não sabemos, não contamos algumas coisas aos pais simplesmente (...) ”</i></p> | <p>Família nuclear constituída apenas por ele, a irmã e os dois pais;</p> <p>Acredita ter uma boa relação com os pais e irmã;</p> <p>Tem noção que existem situações guardadas para cada um deles, mas são uma família unida;</p> <p>Define com uma família unida mas pouco faladora;</p> |

|                          |   |  |   |
|--------------------------|---|--|---|
| <p>Orientação sexual</p> | <p>Primeiras impressões e experiências, momento de descobertas.</p> | <p><i>“Homossexual (...) Soube aos “14/15 anos mais ou menos (...) ”</i></p> <p><i>(...) Aquele rapaz lindo da turma que brincava contigo e(eee) éramos bué amigos e tu gostavas quando ele brincava contigo e te fazia cócegas e não percebias porquê (...) “</i></p> <p><i>“Eu não sabia muito na altura, tipo foi a primeira vez que tive esse tipo de experiência porque.... Até porque até lá sempre me ensinaram que devia gostar de mulheres. E aquilo que eu pensava que era gostar de uma mulher, não era, porque comecei a sentir isso ao gostar de um homem.”</i></p> <p><i>“ (...) Nunca tive aquela fase assustada (...) Achei estranho tive curiosidade e(eee) depois foi por exploração (...) eu comecei a ver vídeos pornográficos gay’s para saber se era verdade (...) Nunca me passou pela cabeça (...) ser uma fase nunca foi opção para mim. Nunca, nunca pensei sequer que poderia ser uma opção.”</i></p> <p><i>“ Aceitei-a (a homossexualidade) para mim próprio mas tinha muito medo de a mostrar, principalmente no secundário. No secundário quando se começou a perceber, ai foi horrível! Sofri muito de bullying principalmente no 12º, houve uma fuga de informação digamos assim e sofri muito (...) havia bocas, risos... nunca levei porrada por ser gay.”</i></p> <p><i>“ Desejei ser hétero! E se me dessem a escolha eu seria hétero. Para quê estar aqui a sofrer digamos assim, a passar por algo que tem muito preconceito neste mundo quando posso escolher não ter esse sofrimento e ter o mesmo amor? Se me dessem a escolher eu escolhia ser</i></p> | <p>Afirma-se como homossexual, descoberto e conhecedor de si próprio desde os 14/15 anos;</p> <p>Não percebia muito bem o que estava a acontecer apenas gostava de um rapaz em específico e gostava da sua companhia em brincadeiras;</p> <p>Nunca teve medo, ou sentiu estranheza com a homossexualidade;</p> <p>De forma a saber ao certo o que se passava optou por explorar ele mesmo via web, recorrendo a vídeos pornográficos como meio de esclarecimento;</p> <p>Sempre sentiu que seria algo de si mesmo, nunca considerou uma fase da sua vida;</p> <p>Aceitou a homossexualidade mas sempre teve receio de a revelar; quando se começou a notar na escola, afirma ter sofrido de bullying, a nível verbal, nunca físico;</p> <p>Chegou a desejar ser</p> |
|--------------------------|---|--|---|

|  |   |  |  |
|--|---|--|--|
|  |   | <p><i>hétero. Tenho orgulho de ser gay? Tenho! Epá sou eu, é a minha pessoa nasci assim, sou assim.”</i></p> <p><i>“ (...) Foi algo natural! Porque é uma coisa natural... (...) As mulheres saíram completamente da equação(...) “</i></p> <p><i>“(...) O que eu podia estar me a julgar era pelo facto de ter tido sexo por sexo (...) Na altura, não levava o encontro sexual casual como algo normal, se até hoje em dia não é normal, ainda tenho muitas vizinhas atras a dizerem-me que não é normal (...) podia ser julgado por isso (...) pelo acto sexual casual. Estranho não é? “</i></p> | <p>heterossexual, podendo viver, sem preconceitos e ter amor sem constrangimentos;</p> <p>Hoje diz ter orgulho em ser gay, faz parte de si;</p> <p>Tendo esclarecido dúvidas e ultrapassados os constrangimentos compreendeu que as mulheres não estavam definitivamente nos seus planos pessoais e íntimos;</p> <p>O facto de ter relações sexuais com homens nunca lhe causou constrangimento, acredita que aquilo que ele próprio já se julgou e considera menos correto é o facto de ser sexo casual;</p> <p>Nunca tendo pensado nisso por iniciativa ele próprio estranhou esta observação;</p> |
| <p>Momento da afirmação no seio familiar</p> | <p>Existe Afirmação?<br/>Como foi feita a afirmação?<br/>Quem sabe?</p> | <p><i>“a minha irmã confrontou-me quando eu tinha 16/17 anos e perguntou-me diretamente se eu era gay e eu disse que sim e depois perguntou-me se era uma fase e eu disse que não”</i></p> <p><i>Aos pais: “não sabem! Não vão saber tão rápido e não sei se algum dia irão saber, tudo depende do meu futuro e de como eu estiver no futuro (...) nós damo-nos bem, mas eu vejo a minha vida pessoal como pessoal! (...) Não, porque sei que os ia magoar, e eu não os quero magoar</i></p>   | <p>A irmã é único elemento da família que sabe mas por confrontação;</p> <p>Rui afirmou sempre saber que não se tratava de uma fase;</p> <p>Vê a sua vida como pessoal</p>   |

|   |   |   |  |
|---|---|---|--|
|   |   | (...) ”   | e como tal contar aos pais da sua orientação não faz parte dos seus planos de momento;<br><br>Afirma não os querer magoar com esta situação levando a que não conte;   |
| <b>Momento da afirmação fora do núcleo familiar</b> | <b>Existe afirmação?<br/>Como foi feita a afirmação?<br/>Quem sabe?</b> | <p>“ (...) Quando tive mais certezas ou melhor, se calhar quando estava ainda com algumas dúvidas contei à minha melhor amiga na altura (...) ela foi espetacular “</p> <p>“ (...) Os meus amigos sabem quase todos (...)”</p> <p>“Hoje em dia percebe-se, hoje em dia a maior parte deles percebem. Se realmente são meus amigos e passam algum tempo comigo eles acabam por perceber sem perguntar nada sequer (...) eu não ando na rua com vergonha, não ando na rua com medo, pensem o que pensarem de mim, já não me afeta em nada (...) “</p> | <p>Aos 16 anos contou à melhor amiga que era homossexual, foi bem aceite pela mesma;</p> <p>Hoje, os amigos sabem, ou vêm a perceber com o tempo, não se expõe mas age naturalmente sem receios, é ele próprio;</p>  |
| <b>Escolha pela afirmação</b>                       | <b>Motivos que levam à afirmação</b>                                    | <p>“ (...) Se são meus amigos não me vão julgar por isso os meus pais podem-me julgar mas não deixam de ser família (...) ”</p> <p>“se eu não estiver à vontade porque (...) se eu não estiver à vontade para exprimir a minha opinião, sentir um entrave que não me deixa dar a minha opinião sincera, em várias coisas várias conversas eu aí conto. Porque eu gosto de me sentir à vontade...”</p>   | <p>Não tem medo de afirmar perante amigos, acredita se sendo amigos não têm porque julgar, se o fizerem apenas pode deligar-se deles. O mesmo não se aplica à família.</p> <p>Caso sinta constrangimentos onde está inserido, opta por contar de forma a sentir-se à</p> |

|   |   |   |  |
|---|---|---|--|
|   |   | <p><i>“ (...) Eu não conto, eu opto por dar a entender que... “</i></p>   | <p>vontade.</p> <p>Não faz por esconder, mas não faz por ser explícito.</p> <p>Entre amigos, prefere demonstrar e deixar as pessoas entenderem por elas próprias tornando-se um facto naturalmente partilhado.</p>   |
| <p><b>Escolh<br/>a pela não<br/>afirmação</b></p> | <p><b>Motivos que<br/>levam à não afirmação</b></p> | <p>Aos pais: <i>“ (...) Sei que não vou ter nenhuma realização maior por contar-lhes (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Os meus amigos se me julgam deixam de ser amigos, os meus pais se me julgam não, deixam de ser a minha família (...) “</i></p> <p><i>“ (...) O meu pais não, não, tudo não. Não gosta, não aceita, não percebe, não entende, é tudo uma nojice. A minha mãe, diz ou pensa ah deixa-os estar lá no seu canto. Não me importo mas deixa-os lá estar no seu canto. (...)”</i></p> <p><i>“O facto de não saberem obviamente estou-lhes a esconder algo importante para mim mas... eu prefiro estar a esconder isso do que estar a</i></p> | <p>Prefere não contar aos pais, nem tem prespetiva de o fazer;</p> <p>Afirma não sentir necessidade de contar, não iria trazer maior realização;</p> <p>Conhece a visão que os pais têm sobre o tema. Afirma que o pai tem uma opinião muito negativa sobre a homossexualidade. A mãe tem uma posição de indiferença e desinteressa sobre o tema.</p> <p>Embora admita que é algo importante na vida dele, prefere esconder dos pais, sabendo que os iria magoar;</p> <p>Caso sinta que o meio onde está é muito preconceituoso,</p> |

|   |  |  |  |
|---|--|--|--|
|   |  | <p><i>magóá-los.”</i></p> <p><i>“ (...) Se sentir muito preconceito, prefiro ficar no meu canto mas também é simples se sentir muito preconceito ahhh, saio daquele ambiente (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Se eu me quiser manter no trabalho vou continuar a dar-me com aquelas pessoas, tenho de ter a certeza que não existe um mau ambiente de trabalho (...)”</i> Eu contar <i>“não vai pôr em risco o meu trabalho, a minha relação com alguns colegas talvez”</i></p>   | <p>não se intromete, sai. Noutros casos mais informais esse desconforto pode desencadear afirmação;</p> <p>Uma vez que tem colegas de trabalho, tem que lidar diariamente prefere não causar mau ambiente;</p>   |
| <p><b>Reações dos que têm conhecimento da orientação sexual</b></p> | <p><b>Espectativas; desilusões; situações positivas/ negativas; surpresas.</b></p> | <p>Sobre a irmã: <i>“Ela à minha frente reagiu bem mas eu sei que ela tem muito preconceito, ou tinha na altura muito preconceito por trás dela, então não gostou muito (...) mas à minha frente reagiu bem...”</i></p> <p><i>“ (...) Arrependo-me de ter contado a algumas pessoas...pessoas que eu pensava que eram de confiança e depois acabaram por não ser, mas olha faz parte dos erros. E se calhar, arrependo-me por um lado mas por outro ajudou-me a crescer e a ver as coisas de outra forma e a assumir de peito cheio, para não ter vergonha (...) mas por outro tinha pessoas que eram de confiança e que estavam lá para me ajudar nessas situações e diziam: Rui tens de ter orgulho! (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Mas já aconteceu virem-me pedir desculpas por se terem afastado (...) “</i></p> | <p>A irmã é único elemento da família que sabe mas por confrontação; Rui sabe que a irmã não aceita muito bem embora nunca tivesse tido essa reação dela;</p> <p>O facto de ter pessoas que traíram a sua confiança, Rui acredita que o fizeram crescer;</p> <p>Outras, por outro lado, ajudaram e deram-lhe mais confiança para seguir em frente;</p> |

|            |   |   |   |
|------------|---|---|---|
|            |   |   | Teve pessoas que após saberem se afastaram, posteriormente, algumas já pediram desculpa;  |
| Em público | Como age e comporta em espaços públicos quando acompanhada da namorada. | <p>Quando questionado se tem vontade de dar a mão na rua: <i>“claro, sempre.”</i></p> <p><i>“Se há mostras de intimidade na rua? não! Também porque não depende só de mim, depende da pessoa com quem estou também, mas também não faz parte de mim mostrar grandes carícias na rua. (...) Nunca tive assim preconceito direto na rua...(...) mas “ (...) se sentisse o conforto na outra pessoa eu também estaria.”</i></p> <p><i>“podem me incomodar e se houver alguma resposta direta sim incomoda-me, incomoda-me de certeza, mas não vou deixar de viver por isso...”</i></p> | <p>Revela não ser uma pessoa muito afectiva em público no entanto se a pessoa com quem estiver, se sentir à vontade, gosta de dar a mão na rua.</p> <p>Sentir-se-ia constrangido se fosse diretamente abordado em público mas iria seguir a sua vida.</p> |



### Apêndice C3 - Quadro Síntese da Entrevista a Fábio

| Categorias de Análise | Subcategorias                     | Excertos da Entrevista   | Interpretação/Análise   |
|-----------------------|-----------------------------------|--|---|
| Núcleo familiar       | Descrição das relações familiares | <p><i>“Eu vivo com os meus pais e com o meu irmão”</i></p> <p><i>“ (...) Os meus pais, tal como todos os pais acabam por fazer um bocado o futuro dos filhos, portanto acabam por... por projetar o nosso futuro aham, uma boa profissão, um bom emprego, uma boa forma de poder sustentar uma família uns anos mais tarde com filhos, aha de eles poderem vir a ter netos (...) comigo a tirar um bom curso, neste caso seria o curso de medicina, foi o que eles criam muito que eu tirasse, na altura eu também achava que sim, que era o melhor que eu devia ter feito era tirar o curso de medicina, no entanto com o passar dos anos eu achei que não era aquilo que eu queria, não era aquilo que eu gostava (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Sempre me ensinaram que devemos respeitar as outras pessoas, sempre me ensinaram que ninguém é mais do que ninguém, nem ninguém é menos do que ninguém portanto eu tinha que... assim como eu tenho que ser aceite na sociedade também tinha que aceitar as outras pessoas na sociedade (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Os meus pais sempre se mostraram pessoas em que eu podia realmente confiar e que não iria haver problema nenhum até porque em conversas que tínhamos sobre o assunto eles sempre me disseram que nunca iam negar um filho homossexual, que é uma pessoa como as outras, sempre me deram uma educação um bocado nesse sentido (...) “</i></p> | <p>Núcleo familiar constituído por pai, mãe e irmão;</p> <p>Descreve que os pais projetaram uma vida com um bom curso, boa família, mulher e filhos, boa casa embora seja algo com o qual não se identifica;</p> <p>Sempre o ensinaram e educaram no sentido de respeitar todas as pessoas;</p> <p>Sempre acreditou que os pais seriam pessoas de confiança e que o iriam sempre apoiar, inclusive sempre revelaram nunca negar um filho homossexual pois trata-se de uma pessoa como qualquer outra;</p> |

|                          |   |  |   |
|--------------------------|---|--|---|
| <p>Orientação sexual</p> | <p>Primeiras impressões e experiências, momento de descobertas.</p> | <p><i>“Eu sou homossexual”</i></p> <p><i>“ (...) Por volta dos meus 13 anos aha, eu já notava que não era bem como os outros meninos que eu conhecia (...) nunca fui muito dado a companhias mais masculinas, portanto sempre me dei com pessoas do sexo feminino maioritariamente embora tenha tido algumas amigas do sexo masculino aha, mas que não eram também heterossexuais, eram homossexuais e vim realmente a apercebendo com a minha formação pessoal que não era heterossexual e que realmente não fazia sentido na minha vida.”</i></p> <p><i>“ (...) Através dessas pesquisas eu sempre me deparei que gostava sempre mais da parte do sexo masculino do que propriamente do sexo feminino e aí sim fui-me apercebendo e nunca... nunca me neguei quanto homossexual portanto eu ao longo dos tempos fui-me apercebendo que sim que era homossexual que era aquilo que fazia mais sentido para mim aham, depois mais tarde fui divulgando a alguns dos meus amigos mais próximos, que por sorte também eram homossexuais, bissexuais (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Reagi normalmente porque no fundo eu sempre achei que era (...) nunca me fechei comigo e nunca deixei de o dizer às outras pessoas porque achava que não tinha mal nenhum e que era uma pessoa tal como as outras... isso nunca fez de mim uma pessoa diferente”</i></p> | <p>Afirma-se como homossexual desde dos 13 anos, dando-se sempre mais com raparigas sendo que as suas amigas com o sexo masculino nunca foram com heterossexuais;</p> <p>Com o seu desenvolvimento e crescimento constatou que realmente era homossexual, explicando que a heterossexualidade seria algo que não faria sentido na sua vida;</p> <p>Obtendo mais certezas com pesquisas e o passar dos anos, começou por contar a sua orientação sexual aos seus amigos mais próximos que, por coincidência, também eles não eram heterossexuais;</p> <p>Afirma sempre ter tido uma boa aceitação de si mesmo, nunca viu a homossexualidade como algo negativo, sempre se viu como outra pessoa qualquer e como tal nunca se reservou para si mesmo;</p> |
|--------------------------|---|--|---|

|  |   |   |   |
|--|---|---|---|
| <p>Momento da afirmação no seio familiar</p> | <p>Existe afirmação?<br/>Como foi feita a afirmação?<br/>Quem sabe?</p> | <p><i>“ (...) Acabei por lhes contar, porque achei que era o que fazia mais sentido, portanto não havia... não havia que esconder eu não tinha que esconder isto (...) principalmente aos meus pais porque são as pessoas com quem eu vivo (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Num jantar em que eu estava com os meus pais (...) mostrei-me um bocado triste eles perguntaram-me o que se estava a passar eu inicialmente falei que era por causa dos exames, a escola não estava a correr bem (...) eles começaram a puxar por mim e a perguntar que é que se estava a passar mais porque não era normal (...) de um momento para outro andava triste e andava distante e eles não estavam a perceber o porquê. E então eu decidi largar a bomba (...) sou homossexual, tenho uma relação os meus amigos também são homossexuais, tenho amigos homossexuais, aham, é uma coisa perfeitamente normal (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Numa primeira impressão pareceu-me que eles não estavam a reagir assim tão mal, mais tarde com o nervosismo eu sai de casa fui ter com uns amigos (...) quando cheguei a casa virou tudo um caos (...) aquilo que eu encontrei quando cheguei a casa foi uns pais revoltados, chateados com a situação de eu ser homossexual (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Eu tenho vindo a esconder ao máximo tudo, portanto eu não sou capaz de chegar ao pé dos meus pais e contar-lhes, até porque no início da relação, que isto já foi há 2 anos (...)</i></p> <p><i>“ (...) Lá em casa, não se fala sobre a homossexualidade e eu sinto que só posso ser livre quando arranjar aha uma casa própria uma morada própria (...) são as pessoas que eu amo e apesar de tudo eu quero sempre que esteja tudo bem com eles portanto sim essa questão é negada no sentido de não ser falada (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Perante a minha restante família, meus tios, avós, meus primos, eu ajo normalmente (...) faço vida como se fosse solteiro e tento</i></p> | <p>Sendo que vive com os pais, diz que não fazia sentido esconder a sua homossexualidade dos mesmos e por isso optou por contar;</p> <p>Revela que a sua afirmação decorreu num jantar com os pais, onde contou de uma forma direta e explícita que era homossexual, que mantinha uma relação e que também os seus amigos são homossexuais;</p> <p>A primeira sensação que teve foi de que os pais estavam a digerir a situação de uma forma positiva, no entanto quando regressou a casa a situação tinha invertido e os pais revelaram-se revoltados e chateados com a homossexualidade do filho;</p> <p>Desde então, esconde ao máximo a relação de 2 anos que mantém com um rapaz;</p> <p>Afirma que em sua casa, o assunto da homossexualidade não é falado e que apenas vai</p> |
|--|---|---|---|

|  |  |   |  |
|--|--|---|--|
|  |  | <p><i>esconder um bocado a relação que eu tenho, o que eles não sabem é que realmente eu quando vou sair vou com o meu namorado e estou com o meu namorado (...) perante a restante família eu ajo normalmente como se fosse a pessoa que eles esperam que eu seja, que um dia mais tarde venha a ter uma mulher e ter filhos porque é isso que eles esperam de mim... e é isso que eu sinto, um grande peso porque todas as pessoas esperam muito de mim e eu um dia sei que as vou desiludir a todas porque eu não vou... não vou ser aquilo que elas esperam (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Existe mais uma familiar minha que sabe que eu sou homossexual, uma rapariga que é minha prima que é pouco mais nova que eu e aceita perfeitamente o facto de eu ser homossexual, já ajuda-me em tudo aquilo que eu preciso, está sempre a dizer que eu estou completamente à vontade que me ajuda em tudo (...) restante família não sabe, e acho que nem sonha que eu sou homossexual (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Gostava que as coisas fossem diferentes, gostava que houvesse outro tipo de pensamento da parte deles, que eles aceitassem melhor as coisas, que pudéssemos agir como se fosse tudo perfeitamente normal e que não houvesse problema nenhum, portanto aquilo que eu gostava realmente era poder ser livre e poder ser direto com os meus pais e poder dizer as coisas como realmente elas são, gostava que eles compreendessem bem as coisas, gostava que por mais que eles não aceitassem, respeitassem (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Eu tenho uma vida dupla, tenho uma vida com os meus pais e com a minha família e tenho uma vida com o meu namorado e com os amigos que aceitam a minha relação e a pessoa que eu sou (...) “</i></p> | <p>conseguir ser livre tendo uma casa sua, mas que até lá, a homossexualidade não é debatida em casa;</p> <p>Perante restante família, Fábio é um jovem de 22 anos, solteiro, escondendo a sua verdadeira orientação bem como a sua relação amorosa;</p> <p>A família desconhece toda a sua situação e como tal Fábio age como a pessoa que a família espera que ele seja, heterossexual, sabendo que um dia irá causar desilusões e por isso, sente um grande peso por parte da família, sabendo que não vai ser apoiado;</p> <p>Para além dos seus pais, apenas uma prima sabe que é homossexual, tendo recebido apoio da mesma no entanto tem noção que a restante família, avós, tios e primos, não suspeitam sequer que é homossexual;</p> <p>Afirma que gostaria que as coisas fossem diferentes, que houvesse uma aceitação</p> |
|--|--|---|--|

|   |   |  |  |
|---|---|--|--|
|   |   |  | <p>e compreensão de forma a poder ser livre;</p> <p>Diz que mesmo não havendo uma aceitação por parte dos pais, pede pelo menos respeito;</p> <p>Conta que tem uma vida dupla: a vida em família e a vida com o namorado e amigos;</p>   |
| <p>Momento da afirmação fora do núcleo familiar</p> | <p>Existe afirmação?<br/>Como foi feita a afirmação?<br/>Quem sabe?</p> | <p>Com amigos: “ (...) <i>Eu ligo-me muito com as outras pessoas e achei que não fazia sentido estar-lhes a esconder uma coisa... aquilo que eu era... se eu sou homossexual fazia todo o sentido dizer aos meus amigos que era homossexual, independentemente de eles gostarem ou não da minha escolha enquanto pessoa e daquilo que eu sou aham, mas por acaso os meus amigos nunca me meteram intervenientes nunca questionaram sobre, sempre me aceitaram como eu sou.</i> ”</p> <p>No trabalho: “ (...) <i>Relativamente a colegas de trabalho existe a situação de não lhes contar aquilo que sou aham, embora um ou outro que provavelmente ao terem iniciado uma primeira conversa comigo que acabaram por perceber que se calhar eu não era o chamado heterossexual definido pela sociedade e então perguntaram-me e eu acabei por afirmar e dizer que sim, que sou homossexual (...)</i> ”</p> | <p>Com os seus amigos, Fábio, opta por não esconder uma vez que sente muita ligação com os mesmos e assim, não faria sentido esconder-lhes isso; afirma que sempre o aceitaram;</p> <p>No local de trabalho, não expõe a sua homossexualidade, sabe que em convívio, e sendo que ele não se encaixa no estereótipo heterossexual, começam a suspeitar. Quando confrontado afirma-se;</p> |
| <p>Escolha pela afirmação</p>                       | <p>Motivos que levam à afirmação</p>                                    | <p>Aos pais: “ (...) <i>Não lhes queria andar a esconder muito mais tempo aquilo que... para onde eu ia ou... inventar mais umas desculpa e</i></p>  | <p>Explica que decidiu contar aos seus pais porque sendo</p>   |

|   |   |  |   |
|---|---|--|---|
|   |   | <p><i>que vou para aqui e que vou para ali e então foi isso que me levou a contar aos meus pais, para a minha vida começar a ser um bocadinho mais fácil no sentido de eles aceitarem essa... a minha homossexualidade (...) eles são as pessoas mais próximas de mim então sim, achei que eles tinham que saber (...) “</i></p> <p><i>Em trabalho: “ (...) Eu acabei por afirmar e dizer que sim, que sou homossexual, não tenho vergonha daquilo que sou (...) “</i></p> <p><i>Socialmente: “ (...) Quando eu sou confrontado com outras pessoas e que eu vejo que as pessoas não vão ter algum problema com isso eu não tenho problemas também em assumir aquilo que sou.”</i></p>  | <p>as pessoas mais próximas de si, não queria estar a esconder, inventar desculpas de onde ia e o que fazia, procurando uma aceitação e compreensão por parte dos mesmos;</p> <p>No seu local de trabalho, quando confrontado afirma a sua homossexualidade uma vez que não tem vergonha daquilo que é, o mesmo se aplica em contextos sociais;</p>   |
| <p><b>Escolh<br/>a pela não<br/>afirmação</b></p> | <p><b>Motivos que<br/>levam à não afirmação</b></p> | <p><i>Caso sinta que não vai ser compreendido: “ (...) vou-me retrair porque também não quero arranjar problemas (...) “</i></p> <p><i>Socialmente: “ (...) Perante a sociedade tento esconder um bocado (...) “ “ (...) Eu não tenho de andar a divulgar pelo mundo aquilo que sou (...) não tenho que divulgar a minha vida a mais ninguém, não tenho de estar a afirmar-me perante a sociedade como uma pessoa homossexual porque eu sou igual a outra pessoa qualquer (...) “</i></p> <p><i>Restante família: “ (...) Não faço intenções de lhes contar. Primeiro porque eu acho parvo ter que dizer às pessoas que sou homossexual, não tenho que me afirmar, não tenho que afirmar que sou homossexual assim como também não teria de afirmar às pessoas que era heterossexual (...) “</i></p> | <p>Sentindo que não será aceite no meio onde se encontra, retrai-se optando por não contar na tentativa de evitar problemas;</p> <p>Afirma que socialmente não demonstra que é homossexual, é algo que defende não ter de divulgar e afirmar pois considera-se como outra pessoa qualquer;</p> <p>Perante a restante família não faz intenções de lhes contar pois considera desnecessário fazê-lo, uma</p> |

|   |   |   |   |
|---|---|---|---|
|   |   |   | vez que se fosse heterossexual também não teria de se afirmar como tal;   |
| Reações dos que têm conhecimento da orientação sexual | Espectativas; desilusões; situações positivas/negativas; surpresas. | <p><i>“ (...) Outros rapazes que na altura eram da minha turma, pessoas conhecidas na escola, que me chamavam homossexual e que muitas das vezes chegaram a gozar comigo (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Os meus amigos (...) eles sempre me aceitaram inclusive me protegeram ”</i></p> <p>Referente aos pais: <i>“ (...) eu estava à espera de encontrar era que os meus pais iam chegar ao pé de mim e que provavelmente me iam abraçar e dizer que estava tudo bem e que me iam proteger e que me iam, mesmo perante a minha restante família que me iam proteger sempre e não, aquilo que eu encontrei quando cheguei a casa foi uns pais revoltados, chateados com a situação de eu ser homossexual (...) deduzo é que quando se trata dos filhos dos outros é muito mais fácil (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Houve muita discussão, o meu pai sentiu-se mal inclusive, aham, a minha mãe culpou-me de tudo e mais alguma coisa, principalmente se acontecesse alguma coisa ao meu pai (...) a culpa seria minha, porque eu era homossexual, porque eu tinha de me afastar dos meus amigos, porque os meus amigos é que fizeram de mim aquilo que eu sou homossexual (...) a minha vida teve de dar uma volta de 360 graus (...) tinha liberdade total para tudo e mais alguma coisa (...) e de um dia para o outro eu comecei a ser bem mais controlado e ainda hoje noto esse tipo de controlo, com 22 anos então na altura tinha 18 (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Uma pessoa conhecida foi dizer a minha mãe que eu estava com muitas raparigas mas que não me agarrava a nenhuma portanto mesmo para a provocar e isso depois mais tarde em casa gerou outra confusão, a minha mãe veio-me dizer isto tudo e aí ela disse-me que não ia</i></p> | <p>Afirma ter sido alvo de gozo na escola por parte de outros rapazes da turma;</p> <p>Os seus amigos sempre o aceitaram e protegeram;</p> <p>Quanto aos pais, Fábio esperava uma reação e posição de apoio, conforto e aceitação mesmo perante a restante família, no entanto apenas obteve por parte dos pais revolta e contestação;</p> <p>Diz que agora vê que o filho de outros é mais fácil de falar do que quando toca aos próprios filhos;</p> <p>Afirma ter passado por muitas discussões, onde foi responsabilizado por tudo, inclusive o facto de o pai se ter sentido mal;</p> <p>A mãe disse que Fábio teria de se afastar dos amigos pois ele era homossexual por influência dos mesmos;</p> <p>Sentiu que perdeu a sua</p> |

|  |  |   |   |
|--|--|---|---|
|  |  | <p><i>aceitar um filho homossexual, e que se eu quisesse para sair de casa. A minha primeira atitude foi realmente sair de casa (...) felizmente tenho amigos ótimos, amigos que me ajudaram em tudo, disponibilizaram-se para me ajudar em tudo, para eu ficar em casa deles o tempo que fosse necessário, o tempo que eu achasse que era necessário para estar bem comigo mesmo e para dar esse tempo também aos meus pais (...)</i> “</p> <p><i>“Por parte da minha mãe não e isso é uma coisa que me marca ainda mais porque... Geralmente são as mães que são mais ligadas aos filhos e que se for preciso até vão contra aos pais para aceitarem os filhos e no meu caso foi mais ao contrário o meu pai é que lutou um bocado com a minha mãe para me poder aceitar um bocado melhor ou poder dar mais o braço a torcer relativamente a essa questão, o meu pai é que demonstrou sempre uma maior ligação comigo do que, do que a minha mãe. O meu pai sempre tentou proteger-me um bocado mais.”</i></p> <p><i>“ (...) Eu sempre ouvi dizer que quando é com os outros... pronto não há problema mas quando é com os próprios filhos já há (...) eu sempre achei que eles iam aceitar, porque eles também aceitam as outras pessoas... não percebo muito bem porque é que não me aceitam a mim... (...) o grande problema aqui, a grande questão é o que é que os outros vão pensar? Não é o facto de eu ser homossexual é o facto de o que é que os outros vão pensar sobre eu ser homossexual? (...)”</i></p> | <p>liberdade assim que se revelou, passando a haver um maior controlo das suas ações e comportamentos;</p> <p>Numa outra discussão, a mãe afirma nunca que nunca iria aceitar um filho homossexual e que Fábio podia sair da casa, após isto, Fábio sai e instala-se em casa de amigos de forma a ter algum tempo para si;</p> <p>Sente mágoa quanto à mãe pois sente que esta não foi capaz de o apoiar, tendo sido sempre o pai a lutar para a mãe aceitasse o filho como ele é; estranhamente foi o pai quem revelou maior ligação e sentido de proteção com o filho;</p> <p>Sempre esperou uma aceitação pois sabe que os pais conhecem outros homossexuais e relacionam-se e por isso não compreende porque não existe uma aceitação com o próprio filho;</p> <p>Acredita que o problema dos pais será aquilo que as</p> |
|--|--|---|---|

|            |   |  |  |
|------------|---|--|--|
|            |   |  | outras pessoas poderão pensar sabendo que eles têm um filho homossexual;   |
| Em público | Como age e comporta em espaços públicos quando acompanhada do namorado. | <p><i>“ (...) Eu não tenho que mostrar publicamente que sou homossexual porque eu sou uma pessoa reservada e acho que isso só a mim me diz respeito. (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Quando saio à rua não faço grandes intensões de andar de mãos dadas com o meu namorado até porque na cidade onde eu vivo, apesar de ser uma cidade, é uma cidade muito pequena em que as pessoas acabam por se conhecer umas às outras (...) não faço grandes intensões de andar na rua de mãos dadas com o meu namorado porque lá está também não quero que as pessoas cheguem ao pé dos meus pais e lhes digam que me viram na rua de mãos dadas com um rapaz. (...) não acho que tenha que haver afetos em público num casal heterossexual, portanto também não tem que haver num casal homossexual (...) se as pessoas olharem, olham simplesmente não mostramos afetos mas também não passamos despercebidos um com o outro (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Não sou muito o tipo de pessoa de andar de mãos dadas, ou andar na rua aos abraços ou aos beijos em frente às outras pessoas, não sou aquela pessoa de estar em público a fazer demonstrações de afeto (...) se tivesse mais liberdade para isso, se não tivesse num meio tão pequeno como eu estou, aha muito provavelmente uma vez por outra dava um beijo no meu namorado porque sabia que a sociedade também o ia aceitar e que não ia haver problema (...) ”</i></p> <p><i>Com “ (...) Os meus grandes amigos (...) já não me vou estar a retrair enquanto pessoa homossexual, se eu estiver com o meu namorado não me importo de lhe dar um beijo em frente a eles, porque sei que eles não me vão recriminar nesse sentido (...) eu já sou uma pessoa mais aberta, já sou uma pessoa mais dada a afetos (...) ”</i></p> | <p>Defende que em público não tem que se mostrar, sendo ele uma pessoa reservada, não gosta de trocar afetos em plena rua;</p> <p>A juntar a isso também o facto de conhecidos poderem ir falar com os pais, opta por ser discreto na rua quando acompanhado do seu namorado;</p> <p>Afirma que se tivesse mais liberdade poderia eventualmente ser mais afetuoso com o namorado;</p> <p>Entre amigos sente-se livre, tonando-se uma pessoa mais afetuosa, havendo espaço para ser aberto consigo mesmo sabendo que não irá existir recriminação ou julgamento por parte dos amigos;</p> |



## Apêndice C4 - Quadro Síntese da Entrevista a Fábria

| Categorias de Análise | Subcategorias                     | Excertos da Entrevista  | Interpretação/Análise  |
|-----------------------|-----------------------------------|---|--|
| Núcleo familiar       | Descrição das relações familiares | <p><i>“ O meu pai trabalha sempre trabalhou na restauração por isso eu nunca tive muito contacto com o meu pai, quer dizer tenho, não me dou mal com ele mas não tive, nunca passei muito tempo com ele porque ele não tinha tempo. A minha mãe sempre teve problemas com o álcool, sempre foi alcoólica e então aham o meu pai não queria que eu passa-se muito tempo com a minha mãe, e o resultado disto é que passei muito tempo com os meus avós (...) passei grande parte da minha infância com os meus avós paternos e ainda bem, fui muito feliz com eles.”</i></p> <p><i>“ (...) Tenho um irmão, mais velho, é filho de outro pai, não do mesmo pai que eu, somos irmãos de parte de mãe, também tenho duas sobrinhas que ele me deu (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Com o meu irmão sempre me dei muito bem! Muito bem, sempre brincamos, nunca tivemos, tínhamos aqueles atritos de irmãos mas nada de importante, ele sempre me protegeu de tudo aham e eu sempre recorri a ele. Depois com o meu pai, não nos damos mal, aham, damo-nos bem até, só simplesmente não passamos muito tempo um com o outro porque não havia essa hipótese. Com a minha mãe, depende, sempre foi muito de altos e baixos porque assim como ela teve temporadas em que estava sóbria também teve temporadas que não teve e temos uma relação muito de amor ódio.”</i></p> | <p>Revela que não tem uma relação muito próxima com o pai, mas dão-se bem; a distância e falta de tempo não proporcionam uma maior proximidade entre ambos;</p> <p>Afirma ter passado grande parte da infância com os avós paternos, explica que foi uma infância muito feliz;</p> <p>Existe um irmão mais velho, já pai; sempre foi o seu protetor; mantém uma boa relação;</p> <p>A mãe tem problemas alcoólicos o que não facilita o relacionamento entre mãe e filha, embora ele exista é por fases;</p> |

|   |  |  |   |
|---|--|--|---|
| <p style="text-align: center;"><b>Orientação sexual</b></p> | <p style="text-align: center;"><b>Primeiras impressões e experiências, momento de descobertas.</b></p> | <p><i>“ (...) Desde pequenina que sempre fui muito maria-rapaz, sempre gostei muito de andar com os rapazes, jogar à bola (...) aproximava-me muito facilmente das raparigas mas lá está a inocência tomava aquela atitude como amizade e eu tive (...) bons amigos masculinos mas nunca tive grande interesse propriamente em namorar com eles. Claro que cheguei a namorar com um rapaz, a sério, (...) durante essa relação basicamente foi quando eu percebi que alguma coisa não estava a funcionar (...) não me sentia digamos, completa mas, sentia que não estava a ter aquilo que queria, que queria e que precisava no fundo, eu gostava dele mas no fundo eu gostava dele como pessoa, não para ter uma relação, para ter uma amizade talvez e aí decidi explorar então outros caminhos. Comecei a ver, ler coisas na internet, a ver uma série muito conhecida que é a Letra L, o L Word, a que me ajudou imenso, tenho a dizer, ajudou imenso, e a partir daí aham comecei a, não é a dedicar-me mas a entrar pelo caminho a ver como é que me dava e a verdade é que, quando tive a minha primeira, primeira namorada, não foi bem namorada mas a primeira pessoa do sexo feminino que eu tive foi quando eu percebi que era aquilo, pronto é isto que me faz falta é uma mulher, tem aquilo que eu quero, que procuro numa pessoa e basicamente foi assim que eu descobri.”</i></p> <p><i>“ (...) 18 Anos, 18/19 anos. Quando me assumi a mim própria foi com 19 anos (...) “</i></p> <p><i>“ (...) o primeiro pensamento, não foi pensamento foi preocupação, foi como é que a minha família iria reagir. Porque a sociedade em si não, nunca me interessou muito (...) a realidade é que uma pessoa que não é propriamente dentro dos parâmetros da sociedade é sempre discriminada de alguma maneira.”</i></p> <p><i>“ (...) Eu na realidade nunca senti isso na pele, mas poderia sentir em relação à homossexualidade mas a realidade é que também “tava-me”</i></p> | <p>Acredita que desde pequena se gostou mais de relacionar com raparigas;</p> <p>Teve um namorado mas sentiu que algo estava errado, não se sentia completa;</p> <p>Decidiu explorar e descobriu a série Letra L (série sobre homossexualidade) e posteriormente decidiu enveredar por essa via de exploração do lado homossexual;</p> <p>Quando teve oportunidade de pela primeira vez experienciar o relacionamento com o sexo feminino sentiu que era o que procurava e completava;</p> <p>Tudo isto por volta dos 18/19 anos;</p> <p>A sociedade e o seu julgamento nunca foi do seu interesse e preocupação, foi na sua família que mais</p> |
|---|--|--|---|

|   |  |  |   |
|---|--|--|---|
|   |  | <p><i>a “cagar” é mesmo assim, não queria saber, as outras pessoas nunca me interessaram, a mim, eu estava preocupada com a minha família. Eu em relação a mim própria, a partir do momento que senti que era aquilo que queria senti-me realizada porque é um peso que nos sai de cima porque, eu pelo menos estava a viver uma coisa, pensava que era uma coisa que não era e quando vi que, que não era, ok estou mais descansada posso encontrar felicidade com alguém, tá bem que é do sexo feminino mas é alguém (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Eu tive a certeza que era aquilo que era, foi a iluminação da coisa estás a ver, foi a luz! É isto! E era, e é até hoje (...) fez-me sentir melhor comigo própria, principalmente aham, deixou me mais tranquila (...)“</i></p>   | <p>pensou e no que poderiam pensar;</p> <p>Sentia que vivia uma mentira e que quando teve a certeza que era lésbica pôde descansar pois sabia que podia encontrar felicidade com alguém;</p> <p>Sentiu uma iluminação, foi um esclarecimento que a fez sentir-se bem consigo própria no momento e até hoje;</p> |
| <p><b>Momento da afirmação no seio familiar</b></p> | <p><b>Existe afirmação?</b><br/><b>Como foi feita a afirmação?</b><br/><b>Quem sabe?</b></p> | <p><i>“A minha avó, a minha avó, sabe e não sabe, eu nunca lhe quis assumir mas também nunca lhe quis não assumir, percebes? Aha, porque é uma idade que é completamente diferente, temos que admitir isso e a minha preocupação era que ela não, não entendesse, eu sei que ela me ia aceitar, obviamente, sou a pessoa que ela mais ama na vida dela toda, é a neta, a neta querida dela, aham, mas tinha um bocado de medo da reação dela, medo de causar um desgosto, porque lá está é uma idade, uma perspetiva diferente, cresceram num meio diferente e têm uma perspetiva de vida totalmente diferente.(...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Ela estava a começar com aquelas perguntas de mãe, chatas, que uma pessoa não quer responder e depois tipo, numa dessas ocasiões de perguntas chatas eu disse-lhe tipo: olha mãe, não se passa nada, eu não ando na droga, não é nada disso, eu simplesmente descobri</i></p> | <p>Perante a avó nunca houve uma afirmação direta por medo que não reaja da melhor forma.</p> <p>Diz que cresceu em outros tempos não tão abertos e não quer dar um desgosto; no entanto Fábria acredita que avó sabe que ela é lésbica;</p> <p>Quanto à mãe, após uma</p>                                      |

|  |  |   |   |
|--|--|---|---|
|  |  | <p><i>que gosto de mulheres (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Tive a coragem de me assumir, porque achava necessário, precisava disso, aha, e quando me assumi, ela simplesmente agarrou-me e disse-me: ai filha! Que alívio! Eu pensava que estavas grávida! Eu eu: pronto mãe, não, sou lésbica, sou homossexual e ela: ai filha, que alívio que alívio não te preocupes que eu... olha tens alguém? Eu quero conhecer e não sei o quê... a mãe está bem com isso, não te preocupes, eu já tive amigas que eram gay (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Então uma vez qualquer, que eu por acaso encontrei o meu pai na rua, assim aleatoriamente ah, estávamos a conversar normalmente, então como é que vais... e não sei o quê? E eu: olha pai, tive a falar com a mãe e há uma coisa que quero-te dizer, ah já lhe disse a ela e acho importante que tu saibas obviamente... e depois disse-lhe, larguei a bomba, a dita bomba, que eu era lésbica e tinha uma companheira e não sei quê, e ele disse, ele não é um homem de muitas palavras, o meu pai nunca foi um homem de muitas palavras mas ele disse que já sabia e que sentia no fundo e que não tinha problemas nenhuns com isso, só queria que eu estivesse bem, me sentisse bem e que fosse feliz, que não havia problema nenhum (...) “</i></p> <p><i>“A minha tia (...) ela tinha sempre uma perspetiva, um plano de vida para mim que eu não tinha, que era seguir a vida que as filhas das amigas faziam que era ir para a universidade, eram todas “pipis”, todas assim, assado, cozido e frito, uma vida que eu não queria, e então tinha receio de contar-lhe mas depois contei-lhe aham, tava, ela tinha ido às Caldas, tavamos no carro e eu aproveitei a ocasião que estávamos sozinhas e contei-lhe (...) “</i></p> | <p>série de questões Fábria decide contar que gosta de raparigas e que tirando isso não se passa nada;</p> <p>Afirma que teve muita coragem para contar à mãe mas que sentiu necessário fazê-lo;</p> <p>O pai soube depois da mãe saber numa situação de encontro de rua ao acaso;</p> <p>Sendo uma pessoa pouco expressiva, o pai aceitou sem problemas, afirmando que só queria a felicidade da filha;</p> <p>Tendo a tia já algumas prespetivas de vida para Fábria, tinha algum receio de lhe contar, contou-lhe num momento em que estavam apenas as duas;</p> |
|--|--|---|---|

|   |   |  |   |
|---|---|--|---|
| <p>Momento da afirmação fora do núcleo familiar</p> | <p>Existe afirmação?<br/>Como foi feita a afirmação?<br/>Quem sabe?</p> | <p>Na escola:“ (...) Professores, alunos, colegas, nunca tive nenhum problema. (...) “</p> <p>“ (...) As minhas amigas mais próximas que também souberam logo praticamente, disseram logo que já sabiam (...) “</p> <p>“ (...) Hoje em dia no meu trabalho, eu trabalho com a minha namorada, os meus patrões sabem (...) “</p> <p>“ (...) Não tem que escarrapachar na cara de toda a gente: olha sou lésbica, olha sou lésbica, olha sou lésbica, mas também não tem que se esconder na escuridão (...) “</p>  | <p>No contexto escola, amigos ou trabalho Fábria, em caso de oportunidade não esconde, fala normalmente, age de forma natural;</p> <p>Defende que não há necessidade de forçar a exposição também não tem de ser algo escondido no fundo da cada um;</p>  |
| <p>Escolha pela afirmação</p>                       | <p>Motivos que levam à afirmação</p>                                    | <p>“ (...) Não tenho problemas nenhuns, se alguém tiver tem bom remédio, não é, ide para um certo sítio que nós sabemos! (...) ”</p> <p>“ (...) A realidade é que também “tava-me” a “cagar” é mesmo assim, não queria saber, as outras pessoas nunca me interessaram (...) “</p> <p>“ (...) É necessário! Uma pessoa não vai viver na sombra não é, na escuridão! Uma pessoa, seja o que for, seja lésbica, gay, seja transsexual, o que seja, tem que, não tem que escarrapachar na cara de toda a gente: olha sou lésbica, olha sou lésbica, olha sou lésbica, mas também não tem que se esconder na escuridão (...) “</p> <p>“ (...) Não vejo porque não a pessoa assumir, não digo assumir a sua orientação sexual, mas assumir a sua relação, eu pelo menos sinto isso (...) “</p> <p>“ (...) A nossa sociedade faz o favor de nos fazer sentir diferente aham, mas a realidade é que não somos e acho que é importante fazer isso é uma questão de... também de autoestima (...) “</p> <p>“ (...) É uma mentira para os outros, e para ela própria acho que é</p> | <p>Fábria afirma não ter problemas nenhuns com a sua afirmação e que se alguém não se sentir bem não terá de ser ela a mudar de sítio; Fora do meio familiar nunca se interessou muito pela opinião de outros;</p> <p>Acredita que a afirmação é um passo necessário seja qual for a sua orientação, não tem de se obrigar a revelar mas não deve guardar para si e esconder;</p> <p>Defendia que mesmo não querendo assumir a sua orientação sexual, caso se encontre numa relação não</p> |

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  | <p><i>mesmo necessário que haja essa coragem, eu sei que é preciso coragem, é porque nem todas as famílias são como a minha, nem todos os amigos são como os meus, mas é um passo fundamental para que a pessoa se sinta bem com ela própria. Porque o assumir a ela própria é ótimo, mas outras pessoas saberem é melhor ainda.”</i></p> <p><i>“ (...) Quando há contexto e quando há oportunidade para, não uma oportunidade criada de propósito mas lá está, em conversa, se tiver que dizer eu digo e não tenho problemas com isso e acho que é uma coisa que é mesmo necessário (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Ao menos a pessoa não esta a viver uma mentira nem está a viver de baixo da mesa (...) e assume que é aquilo que é! E vive isso, tem que viver e o viver implica, viver situações boas, e viver situações más implica isso tudo e se o assumir para todo o mundo implica más reações, e boas reações aliás, principalmente as más reações a pessoa já está à espera disso mas só tem que aguentar, mas no fundo quando o faz é um alívio, mesmo que a reação da outra pessoa seja má, é um alívio, já está foi percebes, depois a outra parte é uma parte que work in progress, tas a ver?”</i></p> <p><i>“É importante, é um passo fundamental.”</i></p> | <p>tem de fingir que ela não existe, pelo menos a relação a pessoa deve assumir;</p> <p>Considera que a sociedade irá fazer a pessoa sentir-se diferente e que por uma questão de autoestima a afirmação é importante para que seja algo sentido e vivido de forma natural;</p> <p>Diz que é necessário coragem para se afirmar, sabe que nem todas as famílias são receptivas, bem como amigos mas que afirmar-se faz toda a diferença interiormente para que a pessoa se sinta melhor por não estar a viver uma mentira perante si mesma e os outros;</p> <p>Não se revelando sem motivo ou com um propósito, defende que havendo contexto e em conversa fala normalmente;</p> <p>Acredita que a afirmação é um alívio, apesar das más reações possíveis, será sempre um peso tirado de cima da pessoa e depois vai-</p> |
|--|--|--|--|

|   |   |   |  |
|---|---|---|--|
|   |   |   | se trabalhando a ideia com as outras pessoas, acredita ser algo fundamental;   |
| <b>Escolh<br/>a pela não<br/>afirmação</b>                                | <b>Motivos que<br/>levam à não afirmação</b>  |   |  |
| <b>Reaçõe<br/>s dos que têm<br/>conhecimento da<br/>orientação sexual</b> | <b>Espectativas;<br/>desilusões; situações<br/>positivas/ negativas;<br/>surpresas.</b> | <p><i>“ (...) Por ser homossexual, não houve nenhum episódio que, que me tivesse marcado negativamente, pelo contrário sempre tive muito boas pessoas à minha volta, professores, alunos, colegas, nunca tive nenhum problema. (...) “</i></p> <p><i>A mãe: “ (...) Eu nesse dia pensei: quem és tu e onde é que estás a minha mãe? (...) Com a minha mãe foi aaaa, foi a reação mais espantosa que eu estava, que eu tava, olha eu não estava à, foi incrível mesmo!”</i></p> <p><i>O pai: “ (...) não tinha problemas nenhuns com isso, só queria que eu estivesse bem, me sentisse bem e que fosse feliz, que não havia problema nenhum (...) “</i></p> <p><i>A tia: “ (...) Ela também teve uma reação incrível, incrível, disse que eu devia-lhe ter contado logo quando soube porque uma das melhores amigas da minha tia é lésbica e eu já sabia disso, uma das melhores amigas da minha tia é lésbica e ela disse-me podias ter tido muito mais apoio, tanto da minha parte como da minha amiga (...) “</i></p> <p><i>Restante família: “ (...) Só faltava a parte da minha mãe, portanto as minhas tias de parte da minha mãe, que também todas elas reagiram super bem, os meus primos, toda a gente super bem, não houve ninguém que dissesse nada de mal, nada, nem reagisse mais nem pouco mais ou menos, as minhas tias, lá estão são angolanas e como elas dizem angolano que se preze, recebe toda a gente na família e também receberam na altura a minha companheira de braços abertos fizeram uma festa,</i></p> | <p>Afirma nunca ter tido nenhum episódio negativo no que refere à sua afirmação;</p> <p>A aceitação da mãe foi algo que a surpreendeu positivamente, não estava à espera de uma reação de felicidade e até alívio por parte da mãe;</p> <p>Sendo uma pessoa pouco expressiva, o pai aceitou sem problemas, afirmando que só queria a felicidade da filha;</p> <p>Também a aceitação por parte da tia surpreendeu Fábica, a tia disse que apoiava Fábica;</p> <p>A tia refere ainda que Fábica poderia ter tido mais apoio se falasse desde logo com a tia;</p> <p>Familiares da parte da mãe</p> |

|  |  |   |  |
|--|--|---|--|
|  |  | <p><i>abraçaram deram beijos foi uma coisa, espetacular mesmo (risos) e o meu irmão idem em aspas, mas o meu irmão foi o primeiro a saber.”</i></p> <p>Quando questionada sobre a reação do irmão: <i>“é ele é logo, vamos às gajas então? Pronto esta bem, vamos. Ele é muito... uma pessoa muito dada às mulheres.”</i></p> <p>Na escola: <i>“ (...) Houve quem não acreditasse à primeira, mas lá está, também já é outra geração, demoraram um bocado a interiorizar a informação, porque não estavam habituadas (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) As minhas amigas mais próximas que também souberam logo praticamente, disseram logo que já sabiam, lá no fundo da alminha delas e que não havia problemas, (risos) aliás houve pessoas que se converteram nessa altura ou decidiram explorar outros caminhos, porque também sentiam que não estavam bem, bem como estavam, e que se calhar deviam experimentar a outra faceta da vida, houve pessoas que enveredaram por esse caminho outras pessoas que não, que acharam que afinal não é isto, mas a verdade é que servi um bocado de inspiração para algumas pessoas, nesse aspeto.”</i></p> <p><i>“ (...) Hoje em dia no meu trabalho, eu trabalho com a minha</i></p> | <p>reagiram igualmente bem, aceitaram, inclusivamente, a companheira receberam-na como família;</p> <p>O irmão reagiu de forma descontraída como algo natural querendo de imediato sair com Fábria para conhecer raparigas;</p> <p>Na escola, apesar de não ser algo comum na altura em que Fábria se afirmou, afirma que nunca teve más reações apenas não acreditaram de início;</p> <p>As suas amigas mais próximas desde cedo ficaram a saber e disseram até que já sabiam e não havia problemas;</p> <p>Fábria refere ainda que após a afirmação dela, muitas das suas amigas exploraram o seu lado homossexual e experimentaram, acredita que serviu de motivação para outras raparigas avançarem na busca da sua orientação sexual;</p> |
|--|--|---|--|

|                   |  |  |  |
|-------------------|--|--|--|
|                   |  | <p><i>namorada, os meus patrões sabem, tão sempre à espera do casamento e o meu patrão quer-me fazer o meu casamento (...)</i> “</p>   | <p>No seu trabalho, os patrões conhecem o relacionamento lésbico que mantém, sendo que a própria namorada trabalha no mesmo estabelecimento;</p>   |
| <p>Em público</p> | <p>Como age e comporta em espaços públicos quando acompanhada da namorada.</p> | <p>Em conversa:“ (...) <i>Calhou referir à minha namorada, porque é tão natural para mim que eu digo do tipo tranquilamente seja a quem for, não tenho problemas nenhuns, se alguém tiver tem bom remédio, não é, ide para um certo sítio que nós sabemos!</i>”</p> <p>“ <i>É assim, nós não somos pessoas, nem eu nem ela, de demonstrações públicas de afeto (...) nem com homens nem com mulheres, não somos assim, andamos de mão dada, muitas vezes, aham, ela não tem problemas nenhuns em dar-me um beijo na boca no meio da rua, nem eu a ela quando calha damos, não nos sentimos obrigadas “a” nem queremos estar a chocar ninguém, é o que é uma vida normal (...) não é uma coisa que nos, que nos, impeça de fazer seja o que for, (...) é uma coisa normal, sai normalmente, naturalmente...</i>”</p> <p>“ (...) <i>Nunca ninguém veio à nossa beira chamar-nos lésbicas, ou</i></p> | <p>Fala naturalmente e refere namorada como se referisse namorado, seja em frente de quem for não se sente retraída ou preocupada com o que vão pensar;</p> <p>Na rua, afirma não ser muito expressiva, tal como a sua namorada mas porque não são pessoas de o fazer, fosse com rapaz ou rapariga;</p> <p>Se tiver que dar um beijo em plena rua dão, não se evitam e também não se expõe propositadamente, considera algo natural e normal;</p> <p>Nunca foi abordada ou atingida por insultos na rua mas acredita que o facto de estar numa cidade grande</p> |

|  |  |  |                      |
|--|--|--|----------------------|
|  |  | <i>lambe cricas ou lá o que for, nem pouco mais ou menos, aham, mas lá está também estamos numa cidade grande e parecendo que não é diferente (...)</i><br>“ | facilita o processo; |
|--|--|--|----------------------|

## Apêndice C5 - Quadro Síntese da Entrevista a Will

| Categorias de Análise | Subcategorias                     | Excertos da Entrevista   | Interpretação/Análise  |
|-----------------------|-----------------------------------|--|--|
| Núcleo familiar       | Descrição das relações familiares | <p><i>“Pai, mãe, irmã, eu (...) irmã mais velha (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Tenho uma boa relação, tenho uma boa relação com os meus pais, aham, com a minha irmã, não tenho tanta proximidade como gostaria de ter (...) nunca houve aquela oportunidade de criar aquela ligação mais próxima, dou-me muito bem com a minha irmã, gosto muito da minha irmã, ahhh mas não tenho... gostava de ter uma relação muito mais próxima, quase confidente mas não tenho, pronto, sinto um bocadinho falta disso. Agora com os meus pais tenho uma relação mais fam... melhor com a minha mãe, se bem que a minha mãe é um bocadinho mais intolerante que o meu pai e eu com o meu pai, eu também gosto muito dele, ele também gosta muito de mim, às vezes colidimos por... por feitos (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Ainda vivo com os meus pais (...) ótimo ambiente familiar, sim, não ponho isso em causa (...) “</i></p> | <p>Núcleo familiar constituído por mãe, pai e irmã;</p> <p>Afirma ter uma boa relação com todos os membros referidos;</p> <p>Gostava de ter uma relação mais próxima com a irmã, sente falta dessa proximidade;</p> <p>Apresenta a mãe como uma pessoa um pouco intolerante;</p> <p>Tem uma boa relação com o pai embora por vezes haja choque de feitos;</p> <p>Descreve que vive com os pais e tem um ótimo ambiente familiar;</p> |

|                          |   |  |   |
|--------------------------|---|--|---|
| <p>Orientação sexual</p> | <p>Primeiras impressões e experiências, momento de descobertas.</p> | <p>“Sou gay”</p> <p>“ (...) Foi aos 15 anos, até essa idade nunca tinha pensado muito nisso, ou se calhar nunca valorizei, tive aquelas namoradas de 2 ou 3 dias, aham, uma ou duas mas nem sequer houve beijos nem nada, eu aí era muito mais atrasado do que os meus colegas, ou seja, nem nem... experimentei o sexo oposto digamos assim. Mas foi nos 15 anos porque sei que estava... numa festa lá da terra, aham, e tipo, estava uma banda a atuar (...) mas lembro-me de estar a olhar para um rapaz, nem me lembro se era baterista, guitarrista ou nem sei o quê, mas estava-me a sentir completamente atraído e depois cheguei a casa completamente confuso e não sabia o que é que havia de fazer à minha vida ainda por cima porque não estava a perceber nada do que estava a acontecer. Mas depois, isso entretanto acho que optei por ignorar um pouco... optei por ignorar esses sentimentos e tentei abstrair-me muito disso, continuei a ter os meus amigos, valorizei muito mais as amizades do que propriamente as relações (...) “</p> <p>“ (...) Portanto dos 15 aos 19 foram 4 anos e 4 anos acho que serviram para assentar um pouco as ideias aham, fui tentando explorar um bocadinho mais as coisas e conheci pessoas na net, tipo coisas, sala de chat e essa coisas todas (...) “</p> <p>“ (...) Fui conhecendo pessoas e acho que foi uma fase onde eu realmente consegui assentar as ideias e não tou a fazer nada de errado, nunca fiz nada de errado, não estou a cometer nenhum crime e acho que deu para assentar as coisas e aos 19, porque estava habituado a estar na internet e cheguei a ter um blog e a conhecer pessoas a partir desse blog e tal pronto, a partir daí surgiu uma oportunidade em que realmente me abri à pessoa e... e depois a partir daí parti para o relacionamento, mas não tive e se vamos falar a nível mais sexual, na primeira vez não tive qualquer sentimento de culpa, não me senti arrependido de nada (...) “</p> | <p>Reconhece-se como gay desde os 15 anos;</p> <p>Percebeu que era gay numa festa da terra, sentindo-se atraído por um elemento da banda em atuação o que mentalmente lhe gerou alguma confusão, não estava a compreender ao certo o que estava a acontecer e por isso optou por ignorar e focar-se nas amizades;</p> <p>Desde essa data até aos seus 19 anos foi o tempo de assentar ideias e começar a explorar, como meio teve apenas a internet através de salas de chat;</p> <p>Foi conhecendo pessoas e assentando ideias de que seria algo normal, que não tinha nada de errado, nem era crime;</p> <p>Mesmo após experienciar a primeira relação sexual com</p> |
|--------------------------|---|--|---|

|   |  |  |  |
|---|--|--|--|
|   |  | <p><i>mas não tive aquela coisa de achar que era imoral ou errado, fosse o que fosse, acho que, porque lá está eu tinha consciência de que não estava a fazer nada de errado, nada de mal. Foram 4 anos que me serviram para assentar as ideias, aos 19 foi curiosidade (...)</i> “</p>  | <p>um homem nunca teve sentimentos de arrependimento, culpa ou imoralidade, as ideias estavam claras e definidas ao fim de 4 anos de recolha de informações e esclarecimentos;</p>   |
| <p><b>Momento da afirmação no seio familiar</b></p> | <p><b>Existe afirmação?</b><br/><b>Como foi feita a afirmação?</b><br/><b>Quem sabe?</b></p> | <p>“<i>os meus pais, a minha irmã, o meu cunhado por acréscimo (...)</i> “</p> <p>“<i>(...) O facto de os meus pais saberem, tirou-me um grande peso de cima (...)</i> “</p> <p>“<i>(...) desde que me aceitei como sou, é que acho que todos os dias me vinha à cabeça uma coisa: és gay, és gay, és gay, és gay, és gay, todos os dias, tipo todos os dias pensava nisso, porquê, porque como eu tenho uma boa relação com os meus pais, é no fundo estar a esconder um bocado, bocado, uma parte de mim, pronto, e então todos os dias isso me surgia à cabeça e andava sempre a formular maneiras de lhes dizer, até com uma apresentação PowerPoint sobre o meu crescimento e dizer que sou o mesmo filho de ontem e não sei o que e não sei quantos. (...) Tinha 23 aí... foi o ano passado, ainda não tinha feito os 24, Aha eu tinha iniciado uma relação, uma coisa muito recente até foi de curta duração,</i></p> | <p>Os pais, irmã e cunhado sabem da sua orientação; afirma que o facto de os pais saberem foi para si um alívio;</p> <p>Antes da afirmação diariamente pesava na questão que escondia aos pais, sentindo-se mal uma vez que ocultava parte de si, chegou inclusivamente a pensar fazer uma apresentação power point para facilitar o processo de</p> |

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  | <p><i>mas todos os dias tinha aquele habito, ok chegava a casa, jantava e depois ia para o quarto, para o telefone, aham, e os meus pais ficaram desconfiados porque era um hábito que eu não tinha, chegava a casa ficava no sofá (...) depois coincidiu com uma viagem que tive aha de trabalho e depois convidei a minha melhor amiga pra vir comigo passar o resto do fim-de-semana (...) os meus pais já sabiam que ela namorava com outro rapaz (...) eu estava a passar o fim-de-semana fora que isto, pelo que a minha irmã me contou, que tinha ido lá a casa jantar nessa altura que o meu pai começou a perguntar, não percebo o teu irmão, leva a namorada do outro, leva a rapariga pra viagem aha, ela tem namorado, não percebo nada daquilo. E a minha irmã, que pelos vistos andava a fazer stalking (...) ela disse, ah isso se calhar é outra coisa que vocês se têm de preparar. Portanto, ela no fundo começou ali a arranjar terreno (...) “</i></p> <p><i>“ (...) A minha mãe se fartou e foi espiar-me (...) confronta-me (...) quando é que nos ias contar que eras homossexual? (...) acho que lhe disse não sei. (...) foi drama, muito drama, não houve choro (...) fiquei embasbacado aquilo que ela me confronta, mas eu assim pronto é desta! Ela confronta-me e eu digo não sei e ela, então, mas és? E eu: sou! Pronto se queres que saibas sou (...) “</i></p> | <p>afirmação;</p> <p>Aos 23 anos, após comportamentos pouco comuns da sua parte, começou a causar alguma desconfiança por parte dos pais;</p> <p>Numa ocasião de família em que Will não estava presente a irmã em conversa sugere aos pais que se preparem, sem avançar muito mais no assunto;</p> <p>A sua mãe acaba por espiar Will na esperança de saber ao certo que se passava, assim, confronta Will;</p> <p>Will, em choque quando confrontado, acaba por afirmar que era gay;</p> |
|--|--|--|--|

|   |   |  |   |
|---|---|--|---|
| <p>Momento da afirmação fora do núcleo familiar</p> | <p>Existe afirmação?<br/>Como foi feita a afirmação?<br/>Quem sabe?</p> | <p><i>“ (...) Os amigos que mantenho do secundário (...) Depois da universidade aha, o meu grupo de amigos mais chegado com aquele com que eu costumo sair ainda aham, e talvez um pai ou outro desses amigos também saiba porque eu frequento a casa, por frequentar a casa por ter uma relação mais próxima (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Não é um grupo muito vasto de pessoas eu também não, mesmo agora com os meus, com a condição de os meus pais saberem eu não, não comento, não (...) “</i></p> <p><i>“ (...) Aos meus amigos mais chegados (...) só um dessas pessoas é que sabia que, só um rapaz é que sabia (...) estávamos para ir embora, estávamos no parque de estacionamento e eu disse-lhes, olhem tenho uma coisa para vos dizer, eu sou gay.(...) “</i></p> <p><i>“ (...) No outro trabalho foi uma pessoa, uma das pessoas que sabe foi uma pessoa que me apoiou muito (...) É uma pessoa mais velha e acabei por lhe contar e disse-lhe e ela ah, sim e depois qual é o problema? Porque ela achava que eu, havia ali alguma coisa mal resolvida na minha vida (...) “</i></p> <p>No trabalho: <i>“ (...) outro rapaz, foi digamos (...) um crush que tive por ele (...) eu trabalhava na empresa aqui na zona e ele trabalha no norte também. (...) todos os dias falávamos por skype. As coisas acabaram por acontecer, as conversas, e tal e não sei o quê, vida amorosa... e houve uma altura em que eu lhe disse, foi por skype, (...) disse-lhe olha se queres que te diga sim sou! (...) Havia ali qualquer coisa estranha com ele também aham, e perguntava-lhe sempre, namorada, namorada, namorada e ele não dizia nada e eu sabia que ele tinha uma relação com o seu sócio (...) “</i></p> | <p>Afirma que os seu amigos de secundário e de universidade têm conhecimento, por frequentar a casa de alguns deles, também os pais dos mesmo sabem;</p> <p>Mesmo os seus pais já tendo conhecimento Will prefer manter-se discreto não comentando este facto com muita gente;</p> <p>Decidiu contar aos amigos de uma forma direta;</p> <p>No local de trabalho apenas duas pessoas tinham conhecimento uma delas sempre foi um grande apoio e acabou por saber, o outro afirma ter desenvolvido em conversa e contar-lhe;</p> |
|---|---|--|---|

|  |  |   |   |
|--|--|---|---|
| <p>Escolh<br/>a pela afirmação</p>         | <p>Motivos que<br/>levam à afirmação</p>     | <p>Colega de trabalho: “ (...) <i>As coisas acabaram por acontecer, as conversas, e tal e não sei o quê, vida amorosa... e houve uma altura em que eu lhe disse, foi por skype, (...) disse-lhe olha se queres que te diga sim sou! (...)</i>”</p> <p>Com os amigos: “ (...) <i>não faz sentido andar aqui a esconder as coisas, se eu tenho uma relação com essas pessoas à não sei quantos anos porque é que eu hei-de estar a esconder isto? (...) optei por contar... não tinha nada a perder, aha, acho uma relação de alguns anos acho que, acho que são bases mais sólidas e... foi uma altura em que eu achei que não fazia sentido, não fazia sentido estar a esconder uma coisa porque lá está a amizade supostamente é isso, é tu... o teu amigo saber praticamente tudo da tua vida (...)</i>”</p> <p>“ (...) <i>Aqueles com quem eu saio todos os sábados pronto, só um dessas pessoas é que sabia que, só um rapaz é que sabia (...) um já sabia e era rapaz é aquela coisa que às vezes os rapazes podem não lidar muito bem com a homossexualidade dos rapazes, as raparigas lidam muito melhor e eu ali saber no meu grupo de amigos o rapaz sabia e as raparigas não sabiam tipo porquê? Era um bocadinho absurdo. E então resolvi ok vou contar. Conte.</i>”</p> | <p>Em conversas prolongadas com este colega houve uma afirmação via web;</p> <p>Entre amigos acho que não faria mais sentido esconder-lhes, afirma que não tinha nada a perder entre amigos e que os amigos devem saber grande parte da tua vida;</p> <p>Contou aos amigos, uma vez que apenas um deles tinha conhecimento e acho que não perdia nada em contar aos restantes amigos mais próximos.</p> |
| <p>Escolh<br/>a pela não<br/>afirmação</p> | <p>Motivos que<br/>levam à não afirmação</p> | <p>“ (...) <i>Com os meus colegas de trabalho... onde eu estou não tenho intenções de o fazer porque acho que não são pessoas que estejam preparadas para isso (...)</i>”</p> <p>“ (...) <i>Não é uma coisa que eu goste de andar aí a espalhar porque acho que as pessoas também não têm de saber de tudo da minha vida. (...)</i>”</p> <p>“ (...) <i>Eu tenho um bocado medo das coisas não só nisto, mas um bocadinho medo de arriscar. Acho que essa questão da independência me</i></p>  | <p>No local de trabalho atual opta por não contar pois acredita que não estão preparados;</p> <p>Não gosta de partilhar factos mais pessoais, acredita só a ele lhe dizer respeito;</p> <p>É uma pessoa com receios e por isso evita correr riscos</p>  |

|  |                                    |                      |
|--|------------------------------------|----------------------|
|  | <i>fez um bocado falta (...)</i> “ | ao contar que é gay; |
|--|------------------------------------|----------------------|



## Apêndice C6 - Quadro Síntese da Entrevista a Gonçalo

| Categorias de Análise  | Subcategorias                            | Excertos da Entrevista  | Interpretação/Análise  |
|------------------------|--|---|--|
| <p>Núcleo familiar</p> | <p>Descrição das relações familiares</p> | <p><i>“ (...) Moro com a minha mãe e com o meu padrasto e tenho um irmão também, pequeno com 5 anos (...) sempre me apoiaram muito na, nas minhas escolhas e no que, no que quisesse ser.”</i></p> <p><i>“ (...) A minha mãe porque ela sempre, sempre e sempre será o meu pilar e sempre me apoiou como eu já referi e é como se fosse uma das minhas melhores amigas, é minha mãe não é...e tive que lhe contar, foi mesmo, eu conto-lhe tudo, sempre lhe contei tudo (...)”</i></p> <p><i>Com o pai: “ (...) dou-me muito bem com ele... mas houve umas alturas no início... na... quando houve a separação com a minha mãe e do meu pai, que houve um afastamento (...) mas sim com o meu pai agora damo-nos bem (...)”</i>; <i>“ (...) o meu pai depois saiu de Portugal, foi trabalhar para fora e não houve mesmo contacto algum.”</i></p> <p><i>Com o padrasto: “ (...) Também temos uma boa relação portanto...”</i></p> | <p>De momento o seu núcleo familiar é composto pela mãe, padrasto e irmão mais novo;</p> <p>Afirma que a mãe sempre foi e sempre será o seu pilar, melhor amiga;</p> <p>Com o pai afirma de momento ter uma boa relação, mas em outros tempos foi uma relação distante e de separação;</p> <p>Como padrasto tem uma boa relação;</p> |

|   |  |   |   |
|---|--|---|---|
| <p><b>Orientação sexual</b></p>                     | <p><b>Primeiras impressões e experiências, momento de descobertas.</b></p>     | <p><i>“Bissexual”</i></p> <p><i>“ (...) Comecei a sair à noite, mais nos 15 anos, sim, e com as minhas convivências com, com as pessoas com quem saía (...) o meu melhor amigo é homossexual (...) já namorei com raparigas, mas sempre vi os homens de uma maneira diferente e tive curiosidade (...) ”</i></p> <p><i>“ É um amor normal como os outros, é um relacionamento normal.”</i></p> <p><i>“ (...) Receio porque a sociedade em que estamos hoje não é, é um pouco difícil... hoje em dia se calhar nem tanto mas há uns anos... a homossexualidade via-se de outra forma e havia sempre aquele receio da sociedade e de comentários e de... mas nunca liguei muito a esses comentários e segui sempre para a frente e a minha mãe lá está, apoiava-me sempre nesse sentido.”</i></p> | <p>Afirma-se como bissexual e que foi nas primeiras saídas noturnas que começou a explorar a curiosidade que sempre sentiu pelos homens;</p> <p>Defende que a relação homossexual trata-se de algo normal como uma relação heterossexual;</p> <p>Afirma ter receio de comentários e reação por parte da sociedade mas que tendo apoio da mãe conseguiu sempre seguir em frente;</p> |
| <p><b>Momento da afirmação no seio familiar</b></p> | <p><b>Existe afirmação?<br/>Como foi feita a afirmação?<br/>Quem sabe?</b></p> | <p>Com a mãe: <i>“ (...) houve uma vez em que cheguei ao pé da minha mãe e disse: olha eu acho que sou bissexual (risos), e ela: pronto “tá” bem, tens a certeza? Achas mesmo que és? E eu: acho que sim. Ainda não tinha tido caso nenhum com nenhum rapaz, nem nada mas suscitava-me curiosidade e... e a minha mãe sempre me apoiou também, porque já ela quando era mais jovem, o núcleo de amigos dela também havia muitos homossexuais e ela sempre esteve à vontade com esse assunto.”</i></p> <p>Padrasto: <i>“soube um bocadinho mais tarde mas não estava à espera mas sim foi, foi... foi como a minha mãe, apoia e apoiou-me e apoia-me também agora não, não houve qualquer tipo de problema (...) com o meu padrasto foi mais essa tal conversa de ficarmos a falar e ele</i></p> | <p>Com a mãe, optou por uma abordagem direta sobre a sua bissexualidade, mesmo sem ter experienciado com um homem decide contar-lhe da sua suspeita, sendo bem recebido a apoiado pela mãe; explica que a mãe teve muitos amigos homossexuais e que lidava bem com o assunto;</p> <p>Mais tardiamente decide</p>  |

|   |   |   |  |
|---|---|---|--|
|   |   | <p><i>perguntar-me: então e porque? (...)</i></p> <p>Com a avó: “ (...) Foi o máximo! (riso) porque ela, ela também sempre teve muitos amigos homossexuais e ela, e eu quando lhe contei ela riu-se e: ah a serio? E eu: sim! E ela: ah “tá” bem, tudo bem... e eu também fui-lhe sempre contando dos namorados que ia tendo e sim, não houve problema ela, ela também sempre me apoiou, nunca houve, nenhum comentário negativo ou algo que me deixasse mais em baixo.”</p>  | <p>contar ao padraсто, através de uma conversa onde foram falando e questionando, tendo obtido sempre uma boa reação da sua parte;</p> <p>Com a avó, afirma que não houve problemas que ela reagiu bem e que esta a par dos desenvolvimentos amorosos do neto; também a avó teve vários amigos homossexuais;</p>   |
| <p>Momento da afirmação fora do núcleo familiar</p> | <p>Existe afirmação?<br/>Como foi feita a afirmação?<br/>Quem sabe?</p> | <p>“Com amigos mais chegados”</p> <p>“ (...) A minha melhor amiga nessa altura, eu disse-lhe olha eu acho que sou... bissexual e ela: ah eu sei! (...) Não houve problema nenhum... ela já já sabia que eu tinha ali algum interesse (...) “</p> <p>“ (...) Reagiram bem... não... nunca houve nenhum afastamento por causa disso. (...) “</p> <p>No trabalho: “ (...) havia uma colega minha, mais chegada que eu me dava, dava-me melhor, em âmbito de trabalho que... que sim, por acaso contei-lhe e ela, ela por acaso foi... falou comigo e também sempre me apoiou e ela também tinha amigos homossexuais e sim, não houve problema, mas mesmo só com essa minha colega, com que eu tinha mais à vontade.”</p> <p>“ (...) Neste momento eu acho que não há nada a esconder, não tenho que contar a uns e a outros não, sei lá... quem souber sabe quem não souber não sabe...”</p> | <p>Numa primeira instância contou apenas a amigos mais chegados;</p> <p>Contou com o apoio da melhor amiga que revelou de imediato já ter conhecimento e nunca sentiu problemas ou constrangimentos com isso;</p> <p>Afirma nunca ter sofrido afastamentos por causa da sua orientação, sempre obteve boas reações;</p> <p>No trabalho, apenas uma colega com quem era mais próximo ficou a saber, falaram foi apoiado, a colega também já tinha</p> |

|                                |                                      |   |  |
|--------------------------------|--------------------------------------|---|--|
|                                |                                      |   | <p>outros amigos homossexuais;</p> <p>Afirma que de momento não tem nada a esconder e que quem souber sabe é indiferente;</p>  |
| <p>Escolh a pela afirmação</p> | <p>Motivos que levam à afirmação</p> | <p>À mãe: “ (...) <i>Sempre será o meu pilar e sempre me apoiou (...) uma das minhas melhores amigas (...) eu conto-lhe tudo, sempre lhe contei tudo e contei-lhe não houve problema nenhum.</i>”</p> <p>Padrasto: “ (...) <i>É um membro da família e senti essa necessidade (...)</i>”</p> <p>Com a proximidade e relacionamento acontece espontaneamente, mais naturalmente: “ (...) <i>não faço questão, se souberem tudo bem (...) sim sim...conversamos sobre isso... mas não ficam chateados ou há afastamento, não! Mas conversamos muito (...)</i> ”</p> | <p>Considera a mãe como pilar, uma melhor amiga e que sempre lhe contou tudo e como tal faria todo o sentido ela estar a parte desta faceta do filho;</p> <p>Com o padrasto sentiu que sendo membro da sua família faria todo o sentido contar-lhe;</p> <p>Em meios sociais e de convívio afirma que não faz questão de contar mas se souberem não há problema, surge uma conversa, havendo uma afirmação natural e espontânea, nunca tendo tido más reações e afastamentos é assim que age;</p> |

|  |  |   |   |
|--|--|---|---|
| <p><b>Escolh<br/>a pela não<br/>afirmação</b></p>                                | <p><b>Motivos que<br/>levam à não afirmação</b></p>  | <p>Com o pai: “ (...) neste momento ele não... penso que não, nem imagina (riso)! Porque... lá está é esse tal receio que... ele se calhar até ia... não ia ficar muito chocado, não sei porque na altura também ele tinha amigos homossexuais e... mas não sei, penso que ainda é muito cedo “pra” dizer algo...”</p>  | <p>O pai é o único elemento que não está a par da sua orientação sexual; Gonçalo diz que o pai nem imagina e por isso mesmo tem receio de lhe contar, uma vez que não sabe o que esperar;</p> <p>Também o pai teve amigos homossexuais mas acredita que ainda é cedo para lhe revelar a sua orientação;</p>       |
| <p><b>Reaçõe<br/>s dos que têm<br/>conhecimento da<br/>orientação sexual</b></p> | <p><b>Espectativas;<br/>desilusões; situações<br/>positivas/ negativas;<br/>surpresas.</b></p> | <p>“ (...) Mas já ouvi de amigos hum comentários assim um pouco negativos, ou não tão positivos mas não... neste momento falamos e não, não houve um afastamento total.”</p> <p>“ (...) Consegui passar à frente e não guardar rancor desse, desses comentários... sempre consegui passar à frente sim...”</p> <p>“ (...) A reação de amigos, não tão próximos foi mais de: aah a sério? Foi mais de admiração, não sabiam não é? Mas sim reagiram bem... não... nunca houve nenhum afastamento por causa disso (...) “</p> | <p>Afirma já ter ouvido comentários negativos mas são situações ultrapassadas e resolvidas nunca havendo um afastamento total;</p> <p>Sempre que foi alvo de comentários passou à frente e nunca guardou rancor;</p> <p>Amigos não tão próximos apenas ficaram surpreendidos, mas sempre obteve boas reações;</p> |

|                   |  |   |   |
|-------------------|--|---|---|
| <p>Em público</p> | <p>Como age e comporta em espaços públicos quando acompanhada da namorada.</p> | <p><i>“ (...) Como sabemos como é a nossa sociedade, se calhar estamos mais como amigos. Claro que há sempre... um carinho diferente mas, mas sim mais como amigos, sim, tanto que a pessoa com quem eu estou agora não é tão assumida como eu mas sim eu respeito que estejamos mais nessa parte de amizade, vá, não tentando esconder a nossa orientação mas mais pelo respeito (...) ”</i></p> <p><i>“ (...) Sim, porque lá está não aceitam, não vêm mais além, não vêm que que que... amor é amor, porque é que um rapaz não pode namorar com um rapaz ou uma rapariga com uma rapariga, whatever, não entendo e sim sinto raiva das outras pessoas sim e faz me confusão de o porque de elas não... da sociedade ainda não aceitar, ainda ficar tão chocado por ver um simples dar de mão de uma pessoa do mesmo sexo (riso irónico) parece que é algo muito transcendente... ”</i></p> <p><i>“ (...) Na maioria das vezes sim, falo e defendo. Sou... se for preciso sou o primeiro a defender a homossexualidade (...) muitas delas ignoram e não querem saber, ficam com a razão delas mas eu tento dizer que... que não é bem isso que estão a dizer... é isto assim... mas sim ignoram, ignoram porque têm a ideia delas, dizem que a homossexualidade é isto e aquilo mas sim, defendo sempre e argumento sempre (...) para as pessoas abrirem os olhos de uma vez por todas, para não ficarem com a ideia de que a homossexualidade é um mundo à parte, que não, que a homossexualidade é uma coisa normalíssima (...) ”</i></p> <p><i>“Ai há aquela palavra, aquele que todos sabemos que é: ó paneleiro! E isso, quando eu ouço isso eu, não sei, eu não sei se ria, se chore mas é algo que eu fico assim um bocado chocado de ouvir mas não só comigo como às vezes vejo a outras pessoas, pessoas a chamarem esses nomes a outras e fico chocado como é que as pessoas ainda não... não conseguem ver mais “pra” lá, mas pronto.”</i></p> | <p>Em público afirma que com o seu namorado age como se fossem apenas amigos, devido à sociedade e possível julgamento; existe um carinho diferente mas são discretos;</p> <p>Uma vez que o seu namorado não é assumido, serão vistos como amigos em público, não no sentido de esconder a sua orientação sexual mas por respeito aos demais;</p> <p>Fica frustrado por saber que a sociedade não consegue ver mais além, defende que amor é amor independentemente com quem seja;</p> <p>Não compreende a confusão que as pessoas têm com a homossexualidade sentindo mesmo raiva por haver tanto choque com a homossexualidade;</p> <p>Defende, fala e explica a homossexualidade quando se sente confrontado e mesmo argumentando sente que as pessoas ficam</p> |
|-------------------|--|---|---|

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  |  | <p>fechadas nas suas ideias preconceituosas e que são incapazes de ver a homossexualidade com normalidade e naturalidade;</p> <p>Quando ouve comentários como: “ó paneleiro!” ainda fica estupefacto, chocado e sem saber como reagir, não só com ele mas mesmo com outras pessoas, não compreende a visão limitada que a sociedade tem;</p> |
|--|--|--|--|



## **Anexos**

---



# Anexo A - Lei n.º 7/2001, de 11 de Maio

## Artigo 9.º

### Entrada em vigor

Os preceitos da presente lei que tenham repercussão orçamental produzem efeitos com a lei do Orçamento do Estado posterior à sua entrada em vigor.

Aprovada em 15 de Março de 2001.

O Presidente da Assembleia da República, *António de Almeida Santos*.

Promulgada em 20 de Abril de 2001.

Publique-se.

O Presidente da República, *JORGE SAMPAIO*.

Referendada em 26 de Abril de 2001.

O Primeiro-Ministro, em exercício, *Jaime José Matos da Gama*.

## Lei n.º 7/2001

de 11 de Maio

### Adopta medidas de protecção das uniões de facto

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

## Artigo 1.º

### Objecto

1 — A presente lei regula a situação jurídica de duas pessoas, independentemente do sexo, que vivam em união de facto há mais de dois anos.

2 — Nenhuma norma da presente lei prejudica a aplicação de qualquer outra disposição legal ou regulamentar em vigor tendente à protecção jurídica de uniões de facto ou de situações de economia comum.

## Artigo 2.º

### Excepções

São impeditivos dos efeitos jurídicos decorrentes da presente lei:

- a) Idade inferior a 16 anos;
- b) Demência notória, mesmo nos intervalos lúcidos, e interdição ou inabilitação por anomalia psíquica;
- c) Casamento anterior não dissolvido, salvo se tiver sido decretada separação judicial de pessoas e bens;
- d) Parentesco na linha recta ou no 2.º grau da linha colateral ou afinidade na linha recta;
- e) Condenação anterior de uma das pessoas como autor ou cúmplice por homicídio doloso ainda que não consumado contra o cônjuge do outro.

## Artigo 3.º

### Efeitos

As pessoas que vivem em união de facto nas condições previstas na presente lei têm direito a:

- a) Protecção da casa de morada de família, nos termos da presente lei;

- b) Beneficiar de regime jurídico de férias, faltas, licenças e preferência na colocação dos funcionários da Administração Pública equiparado ao dos cônjuges, nos termos da presente lei;
- c) Beneficiar de regime jurídico das férias, feriados e faltas, aplicado por efeito de contrato individual de trabalho, equiparado ao dos cônjuges, nos termos da lei;
- d) Aplicação do regime do imposto de rendimento das pessoas singulares nas mesmas condições dos sujeitos passivos casados e não separados judicialmente de pessoas e bens;
- e) Protecção na eventualidade de morte do beneficiário, pela aplicação do regime geral da segurança social e da lei;
- f) Prestação por morte resultante de acidente de trabalho ou doença profissional, nos termos da lei;
- g) Pensão de preço de sangue e por serviços excepcionais e relevantes prestados ao País, nos termos da lei.

## Artigo 4.º

### Casa de morada de família e residência comum

1 — Em caso de morte do membro da união de facto proprietário da casa de morada comum, o membro sobrevivente tem direito real de habitação, pelo prazo de cinco anos, sobre a mesma, e, no mesmo prazo, direito de preferência na sua venda.

2 — O disposto no número anterior não se aplica caso ao falecido sobrevivam descendentes com menos de 1 ano de idade ou que com ele convivessem há mais de um ano e pretendam habitar a casa, ou no caso de disposição testamentária em contrário.

3 — Em caso de separação, pode ser acordada entre os interessados a transmissão do arrendamento em termos idênticos aos previstos no n.º 1 do artigo 84.º do Regime do Arrendamento Urbano.

4 — O disposto no artigo 1793.º do Código Civil e no n.º 2 do artigo 84.º do Regime do Arrendamento Urbano é aplicável à união de facto se o tribunal entender que tal é necessário, designadamente tendo em conta, consoante os casos, o interesse dos filhos ou do membro sobrevivente.

## Artigo 5.º

### Transmissão do arrendamento por morte

O artigo 85.º do Decreto-Lei n.º 321-B/90, de 15 de Outubro, que aprova o Regime do Arrendamento Urbano, passa a ter a seguinte redacção:

### «Artigo 85.º

[...]

- 1 — .....
- a) .....
- b) .....
- c) Pessoa que com ele viva em união de facto há mais de dois anos, quando o arrendatário não

seja casado ou esteja separado judicialmente de pessoas e bens;

- d) [Anterior alínea c).]  
e) [Anterior alínea d).]

2 — Caso ao arrendatário não sobrevivam pessoas na situação prevista na alínea b) do n.º 1, ou estas não pretendam a transmissão, é equiparada ao cônjuge a pessoa que com ele vivesse em união de facto.

- 3 — .....  
4 — .....

#### Artigo 6.º

##### Regime de acesso às prestações por morte

1 — Beneficia dos direitos estipulados nas alíneas e), f) e g) do artigo 3.º, no caso de uniões de facto previstas na presente lei, quem reunir as condições constantes no artigo 2020.º do Código Civil, decorrendo a acção perante os tribunais cíveis.

2 — Em caso de inexistência ou insuficiência de bens da herança, ou nos casos referidos no número anterior, o direito às prestações efectiva-se mediante acção proposta contra a instituição competente para a respectiva atribuição.

#### Artigo 7.º

##### Adopção

Nos termos do actual regime de adopção, constante do livro IV, título IV, do Código Civil, é reconhecido às pessoas de sexo diferente que vivam em união de facto nos termos da presente lei o direito de adopção em condições análogas às previstas no artigo 1979.º do Código Civil, sem prejuízo das disposições legais respeitantes à adopção por pessoas não casadas.

#### Artigo 8.º

##### Dissolução da união de facto

1 — Para efeitos da presente lei, a união de facto dissolve-se:

- a) Com o falecimento de um dos membros;  
b) Por vontade de um dos seus membros;  
c) Com o casamento de um dos membros.

2 — A dissolução prevista na alínea b) do número anterior apenas terá de ser judicialmente declarada quando se pretendam fazer valer direitos da mesma dependentes, a proferir na acção onde os direitos reclamados são exercidos, ou em acção que siga o regime processual das acções de estado.

#### Artigo 9.º

##### Regulamentação

O Governo publicará no prazo de 90 dias os diplomas regulamentares das normas da presente lei que de tal careçam.

#### Artigo 10.º

##### Revogação

É revogada a Lei n.º 135/99, de 28 de Agosto.

#### Artigo 11.º

##### Entrada em vigor

Os preceitos da presente lei com repercussão orçamental produzem efeitos com a lei do Orçamento do Estado posterior à sua entrada em vigor.

Aprovada em 15 de Março de 2001.

O Presidente da Assembleia da República, *António de Almeida Santos*.

Promulgada em 20 de Abril de 2001.

Publique-se.

O Presidente da República, *JORGE SAMPAIO*.

Referendada em 26 de Abril de 2001.

O Primeiro-Ministro, em exercício, *Jaime José Matos da Gama*.

## MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

### Aviso n.º 45/2001

Por ordem superior se torna público que, em 9 de Janeiro e em 14 de Fevereiro de 2001, foram emitidas notas, respectivamente pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros português e pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da República de Singapura, em que se comunica terem sido cumpridas as respectivas formalidades constitucionais internas de aprovação da Convenção entre a República Portuguesa e a República de Singapura para Evitar a Dupla Tributação e Prevenir a Evasão Fiscal em Matéria de Impostos sobre o Rendimento, assinada em Singapura em 6 de Setembro de 1999.

Por parte de Portugal, a Convenção foi aprovada pela Resolução da Assembleia da República n.º 85/2000, publicada no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 288, de 15 de Dezembro de 2000.

Nos termos do artigo 29.º da Convenção, esta entrou em vigor em 16 de Março de 2001.

Direcção-Geral das Relações Bilaterais, 17 de Abril de 2001. — O Director-Geral, *José Caetano de Campos de Andrada da Costa Pereira*.

### Aviso n.º 46/2001

Por ordem superior se torna público que, em 24 de Maio de 1999 e em 3 de Abril de 2001, foram emitidas notas, respectivamente pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros português e pela Embaixada da Índia em Lisboa, em que se comunica ter sido aprovado o Acordo de Cooperação Científica e Tecnológica entre a República Portuguesa e a República da Índia, assinado em Nova Deli em 3 de Dezembro de 1998, e cumpridas as respectivas formalidades constitucionais internas.

Por parte de Portugal, o Acordo foi aprovado pelo Decreto n.º 15/99, de 21 de Maio, publicado no *Diário da República*, 1.ª série-A, de 21 de Maio de 1999.

Nos termos do artigo VII do citado Decreto n.º 15/99, o Acordo entrou em vigor em 3 de Abril de 2001.

Direcção-Geral das Relações Bilaterais, 18 de Abril de 2001. — O Director-Geral, *José Caetano de Campos de Andrada da Costa Pereira*.

# Anexo B - Lei n.º 1/2004, de 24 de Julho

24/09/2016

Lei n.º 1/2004, de 24 de Julho

[ Nº de artigos: 47 ]

Lei n.º 1/2004, de 24 de Julho (versão actualizada)

## SEXTA REVISÃO CONSTITUCIONAL

### SUMÁRIO

Sexta revisão constitucional

Lei Constitucional n.º 1/2004  
de 24 de Julho

Sexta revisão constitucional

A Assembleia da República, no uso dos poderes de revisão constitucional previstos na alínea a) do artigo 161.º da Constituição, decreta a lei constitucional seguinte:

#### Artigo 1.º

A Constituição da República Portuguesa de 2 de Abril de 1976, na redacção que lhe foi dada pelas Leis Constitucionais n.os 1/82, de 30 de Setembro, 1/89, de 8 de Julho, 1/92, de 25 de Novembro, 1/97, de 20 de Setembro, e 1/2001, de 12 de Dezembro, é alterada nos termos dos artigos seguintes.

Consultar a Constituição da República de 2 de Abril de 1976 (já actualizada)

#### Artigo 2.º

Ao n.º 6 do artigo 7.º da Constituição são aditadas as seguintes expressões: «pelos princípios fundamentais do Estado de direito democrático» entre «com respeito» e «pelo princípio»; «territorial,» entre «social» e «de um espaço», sendo eliminado o «e» entre «económica» e «social» e o «e» entre «social» e «de um espaço»; «e a definição e execução de uma política externa, de segurança e defesa comuns» entre «justiça» e «convencionar», sendo também aditada uma vírgula antes e depois da expressão «em comum» e eliminado o «ou» entre «comum» e «em cooperação»; «ou pelas instituições da União» entre «cooperação» e «dos poderes»; «e aprofundamento» entre «construção» e «da união europeia», passando o número a ter a seguinte redacção:

«6. Portugal pode, em condições de reciprocidade, com respeito pelos princípios fundamentais do Estado de direito democrático e pelo princípio da subsidiariedade e tendo em vista a realização da coesão económica, social e territorial, de um espaço de liberdade, segurança e justiça e a definição e execução de uma política externa, de segurança e de defesa comuns, convencionar o exercício, em comum, em cooperação ou pelas instituições da União, dos poderes necessários à construção e aprofundamento da união europeia.»

#### Artigo 3.º

É aditado ao artigo 8.º da Constituição um novo n.º 4, com a seguinte redacção:

«4. As disposições dos tratados que regem a União Europeia e as normas emanadas das suas instituições, no exercício das respectivas competências, são aplicáveis na ordem interna, nos termos definidos pelo direito da União, com respeito pelos princípios fundamentais do Estado de direito democrático.»

#### Artigo 4.º

No n.º 2 do artigo 13.º da Constituição é eliminada a expressão «ou» entre «económica» e «condição» e é aditada in fine a expressão «ou orientação sexual», passando o número a ter a seguinte redacção:

«2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.»

#### Artigo 5.º

No n.º 2 do artigo 26.º da Constituição é aditada a expressão «obtenção e» entre «contra a» e «utilização» e é substituída a expressão «abusiva, ou contrária» por «abusivas, ou contrárias», passando o número a ter a seguinte redacção:

«2. A lei estabelecerá garantias efectivas contra a obtenção e utilização abusivas, ou contrárias à dignidade humana, de informações relativas às pessoas e famílias.»



## Anexo C - Lei n.º 9/2010, de 31 de Maio

Diário da República, 1.ª série—N.º 105—31 de Maio de 2010

1853

### ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Lei n.º 9/2010  
de 31 de Maio

Permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

#### Artigo 1.º

##### Objecto

A presente lei permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

#### Artigo 2.º

##### Alterações ao regime do casamento

Os artigos 1577.º, 1591.º e 1690.º do Código Civil passam a ter a seguinte redacção:

#### «Artigo 1577.º

[..]

Casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas que pretendem constituir família mediante uma plena comunhão de vida, nos termos das disposições deste Código.

#### Artigo 1591.º

[..]

O contrato pelo qual, a título de esponsais, desposórios ou qualquer outro, duas pessoas se comprometem a contrair matrimónio não dá direito a exigir a celebração do casamento, nem a reclamar, na falta de cumprimento, outras indemnizações que não sejam as previstas no artigo 1594.º, mesmo quando resultantes de cláusula penal.

#### Artigo 1690.º

[..]

1 — Qualquer dos cônjuges tem legitimidade para contrair dívidas sem o consentimento do outro.

2 — .....

#### Artigo 3.º

##### Adopção

1 — As alterações introduzidas pela presente lei não implicam a admissibilidade legal da adopção, em qualquer das suas modalidades, por pessoas casadas com cônjuge do mesmo sexo.

2 — Nenhuma disposição legal em matéria de adopção pode ser interpretada em sentido contrário ao disposto no número anterior.

#### Artigo 4.º

##### Norma revogatória

É revogada a alínea e) do artigo 1628.º do Código Civil.

#### Artigo 5.º

##### Disposição final

Todas as disposições legais relativas ao casamento e seus efeitos devem ser interpretadas à luz da presente lei, independentemente do género dos cônjuges, sem prejuízo do disposto no artigo 3.º

Aprovada em 11 de Fevereiro de 2010.

O Presidente da Assembleia da República, *Jaime Gama*.

Promulgada em 17 de Maio de 2010.

Publique-se.

O Presidente da República, *ANÍBAL CAVACO SILVA*.

Referendada em 18 de Maio de 2010.

O Primeiro-Ministro, *José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa*.

#### Resolução da Assembleia da República n.º 49/2010

Recomenda ao Governo a adopção de medidas legislativas em matéria de valorização de imóveis devido a decisões administrativas ou investimentos públicos

A Assembleia da República resolve, nos termos do n.º 5 do artigo 166.º da Constituição, recomendar ao Governo que:

1 — O alargamento das áreas urbanas ou urbanizáveis em caso de aprovação ou revisão de instrumentos de gestão territorial esteja condicionado pela comprovação da absoluta insuficiência das áreas urbanas ou urbanizáveis existentes face à evolução demográfica, económica e social do município.

2 — A inclusão de qualquer parcela de território em área urbana ou urbanizável determine de imediato a tributação em imposto municipal sobre imóveis como prédio urbano.

3 — No âmbito da nova Lei de Solos seja prevista a tributação das mais-valias resultantes da alteração significativa das potencialidades urbanísticas dos prédios relativamente aos instrumentos de gestão territorial previamente vigentes.

4 — Se adoptem critérios gerais para a tributação das mais-valias geradas pelos grandes investimentos públicos, designadamente pelo novo aeroporto internacional de Lisboa, pelas novas concessões rodoviárias e ferroviárias e pela expansão das redes de metropolitano.

Aprovada em 22 de Abril de 2010.

O Presidente da Assembleia da República, *Jaime Gama*.

#### Resolução da Assembleia da República n.º 50/2010

Recomenda ao Governo a manutenção em actividade do Serviço de Finanças Viseu 2

A Assembleia da República resolve, nos termos do n.º 5 do artigo 166.º da Constituição, recomendar ao Governo a revogação da Portaria n.º 138/2010, de 4 de Março, e a manutenção em actividade do Serviço de Finanças Viseu 2.

Aprovada em 12 de Maio de 2010.

O Presidente da Assembleia da República, *Jaime Gama*.



## Anexo D - Lei n.º 2/2016, de 29 de Fevereiro

634

Diário da República, 1.ª série—N.º 41—29 de fevereiro de 2016

### ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Lei n.º 2/2016  
de 29 de fevereiro

Elimina as discriminações no acesso à adoção, apadrinhamento civil e demais relações jurídicas familiares, procedendo à segunda alteração à Lei n.º 7/2001, de 11 de maio, à primeira alteração à Lei n.º 9/2010, de 31 de maio, à vigésima terceira alteração ao Código do Registo Civil, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 131/95, de 6 de junho, e à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 121/2010, de 27 de outubro.

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

#### Artigo 1.º

##### Objeto

A presente lei elimina as discriminações no acesso à adoção, apadrinhamento civil e demais relações jurídicas familiares, procedendo à segunda alteração à Lei n.º 7/2001, de 11 de maio, à primeira alteração à Lei n.º 9/2010, de 31 de maio, e à vigésima terceira alteração ao Código do Registo Civil, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 131/95, de 6 de junho.

#### Artigo 2.º

##### Alteração à Lei n.º 7/2001, de 11 de maio

O artigo 7.º da Lei n.º 7/2001, de 11 de maio, que adota medidas de proteção das uniões de facto, alterada pela Lei n.º 23/2010, de 30 de agosto, passa a ter a seguinte redação:

#### «Artigo 7.º

[—]

Nos termos do atual regime de adoção, constante do livro IV, título IV, do Código Civil, é reconhecido a todas as pessoas que vivam em união de facto nos termos da presente lei o direito de adoção em condições análogas às previstas no artigo 1979.º do Código Civil, sem prejuízo das disposições legais respeitantes à adoção por pessoas não casadas.»

#### Artigo 3.º

##### Alteração à Lei n.º 9/2010, de 31 de maio

Os artigos 3.º e 5.º da Lei n.º 9/2010, de 31 de maio, que permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, passam a ter a seguinte redação:

#### «Artigo 3.º

[—]

1 — O regime introduzido pela presente lei implica a admissibilidade legal de adoção, em qualquer das suas modalidades, por pessoas casadas com cônjuge do mesmo sexo.

2 — Nenhuma disposição legal ou regulamentar em matéria de adoção pode ser interpretada em sentido contrário ao disposto no número anterior.

#### Artigo 5.º

[—]

Todas as disposições legais relativas ao casamento, adoção, apadrinhamento civil e outras relações jurídicas familiares devem ser interpretadas à luz da presente lei, independentemente do sexo dos cônjuges.»

#### Artigo 4.º

##### Alteração ao Código do Registo Civil

O artigo 1.º do Código do Registo Civil, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 131/95, de 6 de junho, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 36/97, de 31 de janeiro, 120/98, de 8 de maio, 375-A/99, de 20 de setembro, 228/2001, de 20 de agosto, 273/2001, de 13 de outubro, 323/2001, de 17 de dezembro, 113/2002, de 20 de abril, 194/2003, de 23 de agosto, e 53/2004, de 18 de março, pela Lei n.º 29/2007, de 2 de agosto, pelo Decreto-Lei n.º 324/2007, de 28 de setembro, pela Lei n.º 61/2008, de 31 de outubro, pelos Decretos-Leis n.ºs 247-B/2008, de 30 de dezembro, e 100/2009, de 11 de maio, pelas Leis n.ºs 29/2009, de 29 de junho, 103/2009, de 11 de setembro, 7/2011, de 15 de março, pelo Decreto-Lei n.º 209/2012, de 19 de setembro, pelas Leis n.ºs 23/2013, de 5 de março, 90/2015, de 12 de agosto, e 143/2015, de 8 de setembro, e pelo Decreto-Lei n.º 201/2015, de 17 de setembro, passa a ter a seguinte redação:

#### «Artigo 1.º

[—]

- 1 — .....
- 2 — .....
- 3 — Quando os sujeitos da relação jurídica de filiação, adoção ou apadrinhamento civil estejam casados ou unidos de facto com pessoa do mesmo sexo, os assentos, averbamentos ou novos assentos de nascimento no registo civil são efetuados de forma idêntica à prevista nas leis em vigor para casais de sexo diferente.»

#### Artigo 5.º

##### Disposição transitória

1 — Os casais do mesmo sexo que se tenham entretanto divorciado ou cuja união de facto tenha entretanto cessado e que se encontravam legalmente impedidos de adotar por força das disposições alteradas pela presente lei, e em que, consequentemente, apenas um dos cônjuges ou unidos de facto seja titular das responsabilidades parentais, podem submeter um requerimento de adoção do filho do então cônjuge ou unido de facto, nos termos legalmente aplicáveis, desde que:

a) Reunirem todos os demais requisitos previstos na legislação sobre adoção no momento da constância do casamento ou da união de facto;

b) Manifestem expressamente a vontade de constituir o vínculo de adoção pelo outro cônjuge ou unido de facto, através de acordo homologado judicialmente.

2 — O disposto no número anterior não dispensa a observância dos procedimentos previstos na lei para a adoção do filho do cônjuge ou unido de facto, não operando automaticamente qualquer efeito a partir da declaração referida na alínea b) do número anterior.

**Artigo 6.º**

**Norma revogatória**

É revogado o n.º 4 do artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 121/2010, de 27 de outubro.

**Artigo 7.º**

**Entrada em vigor**

A presente lei entra em vigor no primeiro dia do mês seguinte ao da sua publicação.

Aprovada em 18 de dezembro de 2015.

O Presidente da Assembleia da República, *Eduardo Ferro Rodrigues*.

Promulgada em 18 de fevereiro de 2016.

Publique-se.

O Presidente da República, *ANÍBAL CAVACO SILVA*.

Referendada em 24 de fevereiro de 2016.

O Primeiro-Ministro, *António Luís Santos da Costa*.

**Lei n.º 3/2016**

**de 29 de fevereiro**

Revogação das Leis n.ºs 134/2015, de 7 de setembro, relativa ao pagamento de taxas moderadoras na interrupção voluntária da gravidez, e 136/2015, de 7 de setembro (primeira alteração à Lei n.º 16/2007, de 17 de abril, sobre a exclusão da ilicitude nos casos de interrupção voluntária da gravidez).

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

**Artigo 1.º**

**Objeto**

A presente lei revoga a Lei n.º 134/2015, de 7 de setembro (sexta alteração ao Decreto-Lei n.º 113/2011, de 29 de novembro, prevendo o pagamento de taxas moderadoras na interrupção de gravidez quando for realizada, por opção da mulher, nas primeiras 10 semanas de gravidez), e a Lei n.º 136/2015, de 7 de setembro (primeira alteração à Lei n.º 16/2007, de 17 de abril, sobre exclusão da ilicitude nos casos de interrupção voluntária da gravidez — proteção da maternidade e da paternidade).

**Artigo 2.º**

**Norma revogatória**

São revogadas:

a) A Lei n.º 134/2015, de 7 de setembro;

b) A Lei n.º 136/2015, de 7 de setembro.

**Artigo 3.º**

**Repristinação**

São repristinados:

a) O artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 113/2011, de 29 de novembro, na redação imediatamente anterior à da Lei n.º 134/2015, de 7 de setembro;

b) Os artigos 2.º e 6.º da Lei n.º 16/2007, de 17 de abril, na redação imediatamente anterior à da Lei n.º 136/2015, de 7 de setembro.

**Artigo 4.º**

**Entrada em vigor**

A presente lei entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Aprovada em 18 de dezembro de 2015.

O Presidente da Assembleia da República, *Eduardo Ferro Rodrigues*.

Promulgada em 18 de fevereiro de 2016.

Publique-se.

O Presidente da República, *ANÍBAL CAVACO SILVA*.

Referendada em 24 de fevereiro de 2016.

O Primeiro-Ministro, *António Luís Santos da Costa*.

**Lei n.º 4/2016**

**de 29 de fevereiro**

**Plano Nacional de Prevenção e Controlo de Doenças Transmitidas por Vetores**

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

**Artigo 1.º**

**Objeto**

A presente lei estabelece o Plano Nacional de Prevenção e Controlo de Doenças Transmitidas por Vetores, como a febre de dengue, leishmaniose e malária, abreviadamente designado por Plano Nacional, e define os respetivos âmbito territorial, objetivos gerais e específicos e competências.

**Artigo 2.º**

**Âmbito territorial**

As medidas decorrentes do Plano Nacional aplicam-se a todo o território nacional.

**Artigo 3.º**

**Objetivos gerais**

A elaboração e a implementação do Plano Nacional visam evitar a incidência de doenças transmitidas por vetores, prevenir e controlar processos epidémicos.

**Artigo 4.º**

**Objetivos específicos**

O Plano Nacional tem, designadamente, aos seguintes objetivos específicos:

a) Promover a investigação sobre os agentes de transmissão denominados de vetores;

b) A investigação sobre as doenças humanas de transmissão vetorial, a sua prevenção e controlo;

c) Garantir a monitorização e vigilância da atividade dos vetores de transmissão;